



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
Programa de Pós-Graduação em Letras
Profletras – Unifesspa
Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Gleicy Moraes Santos

***MORTE E VIDA SEVERINA E AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO LITERÁRIO NA
EMEF JOSÉ MANUEL DE ARAÚJO, EM TAILÂNDIA/PA***

Marabá- PA

2020

Gleicy Moraes Santos

***MORTE E VIDA SEVERINA E AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO LITERÁRIO NA
EMEF JOSÉ MANUEL DE ARAÚJO, EM TAILÂNDIA/PA***

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras- PROFLETRAS, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará- UNIFESSPA, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Aparecida Beraldo Romano

Marabá- PA

2020

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho da Unifesspa

Santos, Gleicy Moraes

Morte e vida Severina e as práticas de letramento literário na EMEF José Manuel de Araújo, em Tailândia/PA / Gleicy Moraes Santos ; orientadora, Patrícia Aparecida Beraldo Romano. — Marabá : [s. n.], 2020.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Linguística, Letras e Artes, Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Marabá, 2020.

1. Letramento. 2. Leitura – Estudo e ensino. 3. Incentivo à leitura. 4. Leitura – Ensino fundamental. I. Romano, Patrícia Aparecida Beraldo, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Programa de Mestrado Profissional em Letras. III. Título.

CDD: 22. ed.: 418.4

Elaborado por Adriana Barbosa da Costa - CRB2/391

Gleicy Moraes Santos

***MORTE E VIDA SEVERINA E AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO LITERÁRIO NA
EMEF JOSÉ MANUEL DE ARAÚJO, EM TAILÂNDIA/PA***

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras- PROFLETRAS, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará- UNIFESSPA, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Linguagens e Letramentos.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Patrícia Aparecida Beraldo Romano (UNIFESSPA)

Orientadora

Prof. Dr. Luís Antônio Contatori Romano (UNIFESSPA)

Examinador interno

Prof. Dr. Hiran de Moura Possas

Examinador externo

Marabá, 16 de março de 2020

À minha família, em especial aos meus pais, Francisco Valderino e Maria Tereza, pelo apoio e incentivo sempre, e ao meu filho Eric Matheus, por compreender minhas ausências e me apoiar em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por todas as bênçãos concedidas a mim desde a aprovação nesse curso e por estar comigo em todos os momentos da minha vida.

À minha família, por todo apoio e incentivo. Em especial, agradeço a minha mãe, Maria Tereza, e a minha irmã, Silvane, por cuidarem do meu filho todas as vezes que precisei me ausentar para estudo. Às minhas irmãs Glaucia e Silvia pelas orações e apoio sempre.

À minha amiga, Nazaré de Jesus, que me incentivou a inscrever-me no curso, esteve do meu lado e muito contribuiu para a aplicação do projeto em sala de aula.

Agradeço de forma especial a minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Patrícia Aparecida Beraldo Romano, pelo conhecimento que me proporcionou a cada orientação, pela disponibilidade, atenção e gentileza sempre que precisei, assim como pela forma criteriosa e tranquila como conduziu as orientações deste trabalho, tornando este momento o menos complicado possível.

Aos compositores da banca examinadora, Prof. Dr. Luis Antonio Contatori Romano e Prof. Dr. Hiran de Moura Possas, pela gentileza em aceitar a leitura da minha pesquisa e a fazer parte desse momento.

Aos professores do PROFLETRAS pela importante contribuição para essa formação e pela maneira como conduziram as aulas, permitindo-nos momentos agradáveis de aprendizado.

À CAPES. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES)- Código de Financiamento 001.

Aos meus alunos da escola José Manuel de Araújo- JMA, MF802/2018, MF901 e MF902//2019, que receberam o projeto com grado e participaram ativamente das práticas de letramento propostas.

À direção e coordenação da escola JMA pelo apoio. À professora Lairy Sameline Barreto da Silva, diretora da escola em 2018, que abraçou o projeto e fez o possível para que ele se realizasse nesse referido ano.

À professora Lilane, que esteve sempre presente, substituindo-me em sala de aula quando precisei ausentar-me para estudo e pelo apoio na aplicação do projeto.

À minha turma, Profletras 2018, pela ajuda e acolhimento durante o curso, permitindo momentos agradáveis de trocas de experiências e aprendizado.

Enfim, agradeço a todos os meus amigos que, de alguma forma, contribuíram e me apoiaram em todos os momentos.

*“Somos muitos severinos
iguais em tudo na vida”*
(MELO NETO, 2016, p.20)

RESUMO

Esse trabalho apresenta a pesquisa de mestrado intitulada *Morte e Vida Severina* e as práticas de letramento literário na EMEF José Manuel de Araújo, em Tailândia/ PA. A pesquisa surgiu da necessidade de desenvolver práticas de letramento literário que possam contribuir para a formação do aluno leitor, visto que muitos discentes terminam o Ensino Fundamental sem compreender o que leem, principalmente em se tratando do texto literário. Diante disso, buscamos promover o letramento literário em sala de aula por meio da obra *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. Para isso, trabalhamos, inicialmente, em 2018, com uma turma de 8º ano, atividades de letramento literário elaboradas de acordo com a sequência básica proposta por Cosson (2009): motivação, introdução, leitura e interpretação, com leituras por meio de oficinas, conforme as estratégias de leitura apontadas por Girotto e Souza (2010). Em 2019, trabalhamos com duas turmas de 9º ano com atividades de leitura diferentes, com objetivo de discutir questões sociais presentes no poema e relacionando ao contexto dos alunos. O texto faz uma abordagem sobre letramento literário no ensino fundamental, procura refletir sobre sua importância no contexto escolar e apresenta a ação desenvolvida nas turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental. Para tanto, partimos da leitura e estudos acerca do letramento, baseando-nos, pois, em pressupostos bibliográficos e pesquisa-ação. Nossa base teórica sustentou-se em Street (2007), Rojo (2009), Kleiman (1998), Cosson (2009, 2011 e 2017), dentre muitos outros. Nossos resultados, a partir dos dois momentos diversos de trabalho com os alunos, mostraram que, apesar das dificuldades, é possível que a leitura de um texto literário, no nosso caso, *Morte e Vida Severina*, seja apresentada de forma mais lúdica e crítica aos alunos do Ensino Fundamental II. Também percebemos, a partir de nossas leituras e práticas, que, como professores, necessitamos também executar, com mais frequência, a prática de leitura de textos literários.

PALAVRAS- CHAVE: Letramento literário. Práticas de leitura. Leitor. Escola José Manuel de Araújo.

ABSTRACT

This work presents the master's research entitled *Morte e Vida Severina* and the literary literacy practices at EMEF José Manuel de Araújo, in Thailand / PA. The research arose from the need to develop literary literacy practices that can contribute to the education of the student reader, since many students finish elementary school without understanding what they read, especially when it comes to the literary text. Therefore, we seek to promote literary literacy in the classroom through the work *Morte e Vida Severina*, by João Cabral de Melo Neto. To this end, we initially worked, in 2018, with a class of 8th grade, literary literacy activities elaborated according to the basic sequence proposed by Cosson (2009): motivation, introduction, reading and interpretation, with readings through workshops, according to the reading strategies pointed out by Girotto and Souza (2010). In 2019, we worked with two 9th year classes with different reading activities, with the objective of discussing social issues present in the poem and relating it to the students' context. The text approaches literary literacy in elementary school, seeks to reflect on its importance in the school context and presents the action developed in the classes of 8th and 9th years of Elementary Education. Therefore, we start from reading and studies about literacy, based, therefore, on bibliographic assumptions and action research. Our theoretical basis was based on Street (2007), Rojo (2009), Kleiman (1998), Cosson (2009, 2011 and 2017), among many others. Our results, from the two different moments of work with the students, showed that, despite the difficulties, it is possible that the reading of a literary text, in our case, *Morte e Vida Severina*, is presented in a more playful and critical way to the students. Elementary School students II. We also realized, from our readings and practices, that, as teachers, we also need to perform, more often, the practice of reading literary texts.

KEYWORDS: Literary literacy. Reading practices. Reader. School José Manuel de Araújo

LISTA DE FOTOS

FOTO 1- Equipe discutindo sobre as capas do livro.....	67
FOTO 2- Apresentação em grupo.....	68
FOTO 3- alunos falando sobre as capas de <i>Morte e Vida Severina</i>	69
FOTO 4- Aluna representando o personagem Severino.....	76
FOTOS 5, 6- Cenas do teatro.....	77
FOTOS 7, 8- Cenas do teatro	78
FOTO 9- Cena do teatro.....	78
FOTOS 10, 11- Interpretação da obra por meio da música de Chico Buarque.....	78
FOTO 12- Interpretação da obra por meio da música de Chico Buarque	79
FOTO13- Alunos lendo cenas da obra em quadrinhos	79
FOTOS14, 15- Momento após apresentações	79
FOTOS 16, 17- Pesquisa e discussão em grupo.....	81
FOTO 18- Pesquisa e discussão em grupo.....	82
FOTO 19- Grupo 1: apresentação e discussão do título	82
FOTO20- Grupo2: Apresentação do resumo	83
FOTO 21- Grupo3: apresentação do autor, João Cabral de Melo Neto.....	83
FOTOS 22, 23- Grupo 4: Falando sobre a seca	84
FOTO 24- Apresentação do grupo 5	85
FOTO 25- Turma assistindo à obra em desenho animado	87
FOTOS 26, 27, 28- Histórias em quadrinhos.....	87
FOTOS 29, 30- Alunos da MF902.....	92
FOTOS 31, 32- Histórias em quadrinhos	94
FOTOS 33, 34- Momento inicial da última etapa de leitura da obra	95
FOTOS 35, 36- Aluna apresentando-se, ao público, como Severino.....	96
FOTOS 37, 38- alunos das turmas MF 902 e MF901 apresentando as histórias em quadrinhos.....	96
FOTOS 39, 40, 41- Imagens do filme dos alunos.....	97
FOTOS 42,43- Alunas da turma MF901: Severino e a rezadeira	98
FOTOS 44, 45- Aluno da MF902 em apresentação	99
FOTOS 46, 47- Teatro: enterro de um trabalhador	99
FOTOS 48,49, 50- Cena final da obra <i>Morte e Vida Severina</i>	100
FOTOS 51, 52- Alunas MF 901.....	101

LISTA DE SIGLAS

ENEM Exame Nacional do Ensino Médio

SAEB Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

PISA Programa Internacional de Avaliação dos estudantes

MST Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

EJA Educação de Jovens e Adultos

PPP JMA Projeto político pedagógico da Escola José Manuel de Araújo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	17
2.1	Letramentos: abordagens e reflexões	17
2.2	Letramentos múltiplos <i>versus</i> letramento escolar?	21
2.3	O letramento literário na escola	23
2.4	O professor leitor	27
2.5	Prática leitora do professor mediador	30
2.6	Possibilidades de leitura literária no contexto escolar	35
2.7	A questão do prazer de ler.....	39
3	<i>MORTE E VIDA SEVERINA: A OBRA, SUAS VARIAÇÕES NA ATEMPORALIDADE E SEU VIÉS HUMANIZADOR.....</i>	43
3.1	João Cabral e sua poesia	43
3.2	<i>Morte e Vida Severina</i> e suas variações	47
3.3	A Literatura e seu caráter humanizador presente em <i>Morte e Vida Severina.....</i>	62
4	A PRÁTICA EM SALA DE AULA: ETAPAS DO LETRAMENTO LITERÁRIO EM <i>MORTE E VIDA SEVERINA.....</i>	64
4.1	A escola.....	64
4.2	Os sujeitos da pesquisa.....	65
4.3	A prática em sala de aula: oficinas de leitura literária com alunos do 8ºano.....	66
4.4	Leitura de <i>Morte e Vida Severina</i> : prática em sala de aula do 9ºano.....	80
5	RESULTADOS PRÁTICOS.....	102
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
	REFERÊNCIAS	114
	APÊNDICE- PRODUTO DA PESQUISA: MEMORIAL DE OFICINAS REALIZADAS COM A OBRA <i>MORTE E VIDA SEVERINA</i> NA EMEF JOSÉ MANUEL DE ARAÚJO, EM TAILÂNDIA/PA.....	118

ANEXOS- HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	170
Anexo A - História em quadrinho produzida pelas alunas da MF901: Cleidiane, Camili, Glória Steffany, Jaira Sousa, Elem Cristina, Sofia Cristina, Sabrina Reis.....	170
Anexo B- História em quadrinho produzida pelos alunos da MF 901: Maria Vitória, Juliana Araújo, Alessandro Silva, Geovana Ferreira, Jheniffer Santana, Wítalo Cauan.....	175
Anexo C- História em quadrinho produzida pelos alunos da MF 901: Ítalo, Luan, Danilo.....	180
Anexo D- História em quadrinho produzida pelos alunos a MF902: Ana Paula de Souza, Fabrícia dos Santos, Josiele Ferreira, Raquel Mattos, Marciene Paiva, Fernanda Oliveira, Paulo dos Santos.	183
Anexo E- História em quadrinho produzido pelos alunos da MF 902: Mateus, Darlene.....	188

1 INTRODUÇÃO

Em nossas experiências como professora de Língua Portuguesa no ensino fundamental, ao longo dos anos, nos deparamos com alunos que na etapa final do ensino fundamental II não conseguiam ler ou liam muito pouco e com muitas dificuldades, não passando de uma leitura superficial ou apenas da decodificação do código escrito, sem atribuição de qualquer significado à leitura.

Entretanto, sabemos que o contexto social em que os alunos se encontram, atualmente, exige que eles exerçam diversas práticas de leituras, as quais lhes darão acesso a outros conhecimentos ou formas de saberes. Neste sentido, vemos a importância de práticas de letramento literário em sala de aula que contribuam para a aprendizagem e desenvolvimento de práticas de leituras mais significativas ao aluno.

No que se refere à escola em que aplicamos o projeto, observamos que muitos alunos apresentam dificuldade na leitura de diversos textos e que a leitura do texto literário não é uma prática comum em sala de aula, embora algumas obras sejam indicadas no planejamento anual dos professores.

Assim, nosso objetivo geral foi promover o letramento literário por meio da obra *Morte e Vida Severina*. Para tanto, buscamos incentivar a leitura literária a partir da prática de estratégias de leitura e interpretação da obra.

Escolhemos essa obra por acreditarmos que se trata de um texto que possibilita a leitura literária como atividade social, permitindo várias possibilidades de leituras e discussões de questões sociais presentes no poema. Além disso, nos permite ver a literatura em seu caráter humanizador.

A obra *Morte e Vida Severina*, por apresentar caráter universal, traz-nos questões sociais e regionais como as lutas pela posse da terra, a violência constante desde o início da formação de Tailândia, cidade onde aplicamos a pesquisa, que são relevantes para discussões em sala de aula, tendo em vista que as condições vividas pelo personagem Severino, mesmo que em um contexto histórico social diferente, podem ser relacionadas à realidade de muitos brasileiros.

A leitura literária, nesse caso da obra *Morte e vida Severina*, ajuda a promover o letramento literário, pois ao fazermos o modo de leitura contexto-leitor, por exemplo, o aluno pode associar sentidos da obra às suas próprias práticas sociais, trazendo à tona os letramentos que fazem parte de sua vida cotidiana, de modo a compreender o mundo que o cerca.

Para isso, as atividades de letramento literário foram elaboradas, inicialmente, considerando a sequência básica proposta por Cosson (2009): motivação, introdução, leitura e

interpretação, com leituras por meio de oficinas, conforme as estratégias de leitura apontadas por Girotto e Souza (2010), sobre a obra *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto.

As atividades de leitura da obra de João Cabral de Melo Neto foram direcionadas aos alunos do 8º e 9º ano do ensino fundamental a partir de práticas de leitura que os auxiliaram na compreensão de *Morte e Vida Severina*. O projeto foi desenvolvido na Escola de Ensino Fundamental José Manuel de Araújo do Município de Tailândia/PA.

A escola é localizada na zona urbana do município e atende alunos que residem na zona urbana e rural. Foi a segunda escola a ser implantada em Tailândia e surgiu para atender à população em crescente formação. No ano de 2019, teve uma demanda grande de alunos do 6º ao 9º ano, além da Educação de Jovens e Adultos, nos turnos da manhã e tarde.

Essa dissertação trata de uma pesquisa-ação de abordagem qualitativa, por meio de pesquisa de campo e bibliográfica. Segundo Thiollent (2011, p.10), “A pesquisa-ação se apresenta como método de pesquisa em práticas de ações sociais, educacionais, técnicas, estéticas e etc.”. No que se refere à educação, o autor diz que na pesquisa-ação “uma capacidade de aprendizagem é associada ao processo de investigação” (THIOLLENT, 2011, p. 75). É nesse sentido que trabalhamos as atividades desenvolvidas em sala de aula, o que permitiu práticas de leituras do texto literário que contribuíram para o aprendizado dos alunos.

Quanto à organização textual, a dissertação está estruturada por capítulos da seguinte forma:

- **Letramento literário no ensino fundamental:** apresenta uma abordagem geral sobre letramento, apontando conceitos e reflexões sobre o mesmo.

Para isso, dividimos os capítulos em subseções:

- Letramentos: abordagens e reflexões;
- Letramentos múltiplos *versus* letramento escolar?
- O letramento literário na escola
- O professor leitor
- Prática leitora do professor mediador
- Possibilidades de leitura literária no contexto escolar
- A questão do prazer de ler

Nesse capítulo mostramos algumas visões sobre letramento, como ele era visto inicialmente e como é discutido atualmente. Para isso, embasamo-nos em autores que apresentam conceitos de letramento, a fim de mostrar brevemente que tal conceito ganhou novo olhar com o passar dos anos e que já não é visto como único e sim como uma prática social que não se restringe à escola, mas a outros contextos sociais. Por outro lado, enfatizamos que a

escola pode efetivar práticas de letramentos, como o literário, que pode permitir que os alunos compartilhem e desenvolvam práticas de leitura literária, por exemplo, dentro e fora do contexto escolar.

Nesse sentido, apontamos conceitos de letramento, falamos dos letramentos múltiplos, enfatizamos a visão de letramento com prática social, mencionamos ainda a importância do letramento literário em sala de aula e também que o professor como sujeito leitor tem maior possibilidade de formar alunos leitores. Entre os autores que abordam sobre esse assunto citamos: Street (2014 e 2006), Cosson e Souza (2011), Oliveira (2010), Silva (2011), Rojo (2009), Cavalcante (2016), Bloom (2001), Antunes (2009), Jouve (20120), Moraes (2014), Nogueira (2014), Coscarelli e Cafiero (2013), Ferrarezi Jr. (2017), Jover-Faleiros (2013).

- ***Morte e Vida Severina***: a obra, suas variações na atemporalidade e seu viés humanizador.

Nesse capítulo, falamos sobre a obra, sobre o autor e um pouco da literatura e seu caráter humanizador. Para isso, organizamos o texto da seguinte forma:

- João Cabral e sua poesia
- Morte e vida severina e suas variações
- A literatura e seu caráter humanizador presente em *Morte e Vida Severina*

De modo geral, trazemos informações sobre João Cabral e sua poesia. Falamos brevemente sobre as variações/adaptações da obra: o livro, livro em quadrinhos, filme e desenho animado. Discutimos sobre os aspectos sociais presentes em *Morte e Vida Severina*. Fazemos a relação entre a obra e o contexto da região em que desenvolvemos a pesquisa e apontamos alguns conceitos de literatura e seu caráter humanizador.

Os autores que embasaram nossa discussão, nesse capítulo, foram: Zilberman (2010), Tavares (2013), Sacramento e Oliveira (2016), Lima (2016), Secchin(2016), Costa (2014), Secchin (1985), Prado (2006), Eagleton(2006), Compagnon (1999) e Candido (1995).

- **A prática em sala de aula**: etapas do letramento literário em *Morte e Vida Severina*.

Organizamos esse capítulo da seguinte maneira:

- A escola
- Os sujeitos da pesquisa
- A prática em sala de aula: oficinas de leitura literária com alunos de 8ºano
- Leitura de Morte e Vida Severina: prática em sala de aula do 9ºano

Esse capítulo apresenta as atividades de leitura desenvolvidas, em 2018, com alunos do 8º ano e, em 2019, com alunos do 9º ano. Assim, contextualizamos o local onde aplicamos a

pesquisa, falamos sobre os sujeitos e descrevemos as etapas do letramento literário percorridas durante as atividades desenvolvidas em sala de aula, a partir de atividades considerando a sequência básica proposta por Cosson(2009), bem como o trabalho com estratégias e leitura apontadas por Girotto e Souza(2010).

Dessa forma, trabalhamos a sequência básica por meio de oficinas de leitura literária da obra *Morte e Vida Severina*: aula introdutória, prática guiada e leitura independente. E praticamos as estratégias de leitura: conexões- conhecimentos prévios, inferências e visualização.

Descrevemos também as etapas de leitura trabalhadas em 2019, com alunos de 9ºano, voltadas para uma discussão mais crítica quanto ao aspecto social presente na obra e sua relação com a vida e o contexto social dos alunos, a região onde moram e as questões atuais que podem ser consideradas como mazelas sociais atuais, além das atividades produzidas por eles que demonstram suas interpretações sobre a obra lida.

- **Resultados práticos:** apresentamos a análise da prática em sala de aula.

Nesse capítulo, fazemos a análise dos dados obtidos durante a pesquisa a partir das oficinas aplicadas em sala de aula. Buscamos fazer um paralelo com os teóricos mencionados no referencial desse trabalho, além de acrescentarmos outros autores, como Jouve (2002) e Xypas (2018), que discutem questões acerca da leitura literária e da formação do aluno como sujeito leitor de literatura e a importância do trabalho com o texto literário em sala de aula, sendo uma das competências em Língua Portuguesa apontadas para o Ensino Fundamental pela Base Nacional Comum Curricular- BNCC.

Apontamos também, nesse capítulo, os resultados obtidos com a prática em sala de aula. Entre eles, destacamos que a leitura da obra *Morte e Vida Severina* se constituiu como uma prática motivadora de leitura do texto literário, uma vez que os alunos demonstraram interesse pela leitura a partir das atividades propostas em sala.

Por fim, apresentamos as nossas considerações finais, retomando as discussões que fizemos no início e apontando para resultados que obtivemos com nossa pesquisa, nos dois momentos em que ela ocorreu.

2 LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Atualmente, o letramento tem sido assunto frequente de pesquisas e estudos que abordam sua natureza social, a partir de uma visão de que os letramentos são múltiplos e têm caráter ideológico, o que nos leva a apresentar, neste texto, reflexões sobre letramentos, compreendidos como práticas sociais, tese dos novos estudos de letramento retomada por Street(2014), visto que os contextos sociais e culturais mostram a presença de diferentes práticas e eventos de letramentos.

Ao pensarmos na natureza social do letramento observamos que estamos imersos em contextos sociais como o ambiente familiar, a escola, a igreja, o trabalho, reunião entre amigos, um passeio ao *shopping*, ao cinema, visitas diárias às redes sociais, a bibliotecas fora da escola, etc, que exigem de nós determinadas práticas de letramento, as quais somos capazes de utilizar, pois as vivenciamos de forma real.

Nesse sentido, podemos ver o letramento não mais somente como aquisição de habilidades e técnicas em seu aspecto ‘neutro’ e de caráter dominante. Para Oliveira (2010, p.329), “Enxergar como algo ‘singular’ é esquecer que a vida social é permeada por linguagem de múltiplas formas e destinadas a diferentes usos”. Assim, não podemos pensar em um único letramento, mas em letramentos e que não existe um letramento superior ou inferior a outro, o que existe são práticas letradas destinadas a um fim específico em determinado contexto social.

Segundo Cosson e Souza (2011, p.102) “designamos por letramento os usos que fazemos da escrita em nossa sociedade”, pois a escrita está presente em nossa vida das mais diversas formas. O que nos leva a entender que não se trata apenas de saber ler e escrever, mas como fazer uso desses saberes nas diferentes situações sociais.

Com isso, buscamos neste capítulo, fazer uma reflexão acerca de algumas concepções e/ou abordagens sobre letramentos. Abordaremos sobre os letramentos no Ensino Fundamental, com ênfase no letramento literário, bem como falaremos sobre o professor leitor, a prática leitora do professor mediador e a questão do prazer de ler. Para tanto, partimos da leitura e estudos relacionados aos letramentos, com base em pressupostos bibliográficos.

2.1 Letramentos: abordagens e reflexões

Inicialmente o termo letramento era associado a sinônimo de alfabetização, desse modo o indivíduo não alfabetizado era considerado não letrado.

Conforme Silva (2011, p. 2122), o termo foi usado pela primeira vez, em nosso país, por Mary Kato em 1986, ligado ao domínio individual da escrita, estando diretamente relacionado à habilidade de uso da língua na norma-padrão. Para a autora, “Pode-se inferir desse contexto que é letrado aquele que domina essa variedade da língua”, dessa maneira quem não domina a variedade culta é não letrado.

Tal concepção de letramento pode ter contribuído para tornar o letramento escolar como único, dominante, de maior importância e estigmatizar outras formas de letramentos, já que a aquisição da leitura e escrita na escola eram as únicas práticas de letramento que poderiam tornar um indivíduo letrado.

Embora essa concepção de letramento já não seja mais a única, enraizou-se em nossa sociedade de tal forma que ainda hoje há quem acredite que é na escola o lugar em que as pessoas se tornam letradas, há ainda quem acredite que são letrados apenas os professores habilitados em Letras. Isso em muitos casos pela falta de informação acerca do assunto, pois acabam reproduzindo os discursos alheios, muitas vezes, sem fundamentação alguma.

Entendemos que conceituar o termo letramento não é tão simples, pois este, atualmente, não é mais visto no singular e sim no plural: letramentos. E ao considerarmos o termo em seu sentido plural, reconhecemos que existem outras práticas sociais de letramento fora do contexto escolar e que devem ser igualmente reconhecidas. Nesse sentido, Oliveira (2010, p.329) diz que “Enxergar o letramento como algo ‘singular’ é esquecer que a vida social é permeada por linguagem de múltiplas formas e designada a diferentes usos”.

É partindo da concepção de letramento como prática social que Street (2014, p.17) utiliza o termo em suas pesquisas sobre esse assunto. O autor faz suas abordagens a partir do conceito de letramento “como uma prática ideológica, envolvida em relações de poder e incrustada em significados e práticas culturais específicos”. O modelo ‘ideológico’ de letramento mencionado por Street reconhece:

uma multiplicidade de letramentos; que o significado e os usos das práticas de letramento estão relacionados com contextos culturais específicos; e que essas práticas são sempre associadas com relações de poder e ideologia: não são simplesmente tecnologias neutras. (STREET 1985,1993 *apud* STREET 2006, p.466)

Dessa forma, podemos entender que há múltiplos letramentos, visto que as práticas de letramento ocorrem em contextos socioculturais diferentes, onde os indivíduos são capazes de interagir e se posicionar de acordo com valores e ideologias culturalmente estabelecidos, onde significado e uso dessas práticas estão ligadas a contextos específicos.

Street (2006) nos diz, ainda, que as práticas de letramento são constituídas de identidade e personalidade, e quando participamos de práticas de letramento estamos assumindo ou

recusando as identidades associadas a elas. Isso ocorre quando frequentamos a escola, por exemplo, ou participamos de outros eventos de letramento, seja no trabalho ou em relacionamentos pessoais.

O modelo “ideológico” de letramento vai de encontro ao modelo “autônomo”, o qual centra-se na formação cognitiva e individual, a aquisição de leitura e escrita emerge neste modelo como único caminho para melhores condições de vida, bom emprego, mudança de classe social etc. Essa visão de letramento e suas consequências ainda é dominante em agências de letramentos que trabalham com alfabetização, porém pode ser prejudicial, já que não dá conta de diversas questões que envolvem as práticas sociais.

O letramento ‘autônomo’, visto dessa maneira, parece-nos estar mais associado à concepção de alfabetização e à aquisição de leitura e escrita como habilidades técnicas, neutras. Retomando o que foi mencionado no início dessa sessão, o letramento inicialmente era visto como sinônimo de alfabetização e, portanto, sujeitos não alfabetizados eram considerados não letrados, concepção que não é mais aceita a partir da visão de letramento enquanto prática social.

Segundo Rojo (2009, p.11), “É possível ser não escolarizado e analfabeto, mas participar de práticas de letramento, sendo, assim, letrado de uma certa maneira”. Isso porque a todo momento estamos envolvidos em práticas de letramento determinadas pelos contextos sociais dos quais participamos no nosso cotidiano, seja no trabalho, em família, em reuniões com amigos, no supermercado, no shopping, etc. . Um indivíduo pode, por exemplo, em seu grupo familiar, estar envolvido em práticas de letramento como a contação de narrativas orais ou outras histórias, mesmo sem dominar a leitura e a escrita, pois aprendeu a contar ou a recontar por ouvir de outras pessoas.

Portanto, ainda que uma pessoa não domine o código escrito, ela pode transitar nos meios sociais e fazer uso de práticas letradas que constituem culturalmente sua identidade. Desse modo, podemos, também, nos empoderar de saberes relacionados a outras culturas.

Sobre o termo letramento, Rojo afirma que

O termo *letramento* busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvam a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrendo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, escola, etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural. (ROJO, 2009, p.11)

Como percebemos, somos todos letrados de alguma maneira, visto que de alguma forma estamos envolvidos em práticas sociais de linguagem envolvendo a escrita. Tais práticas nem sempre estão relacionadas ao domínio de leitura e escrita, já que um sujeito pode, a partir de

seus conhecimentos de mundo, sua cultura, sua vivência, interagir e se relacionar em contextos sociais diferentes.

Para Kleiman (1998, p.216) “O letramento adquire múltiplas funções e significados, dependendo do contexto em que ele é desenvolvido, isto é, da agência de letramento por ele responsável”. Assim, pessoas não alfabetizadas oralmente, por exemplo, na cultura letrada de prestígio, aproximam-se dela quanto às características argumentativas quando participam de situações sociodiscursivas.

Essa visão sobre letramento já foi mencionada por Street (2006) no que se refere às funções e significados que assumem os letramentos em contextos sociais específicos, o que nos leva a perceber que as abordagens compartilham, de certa maneira, as mesmas ideias sobre o letramento, já que não veem o letramento como único e neutro.

Continuando as abordagens acerca do letramento, entendido como práticas sociais, Oliveira (2010, p.330) vem nos confirmar que “Não há dúvida de que as práticas de letramento que ocorrem nos variados contextos- casa, escola, igreja, rua, lojas, empresas, órgãos oficiais, dentre outros- atendem a funções e propósitos diferentes”. Tais propósitos têm a ver com a funcionalidade dessas práticas.

Para a autora, leitura e escrita estão em todo lugar. E o que lemos e a maneira como lemos são definidos pelo ‘lugar’, isto é, pelo contexto social no qual estamos quando lemos. Nesse sentido, Oliveira (2010, p.330) nos mostra a presença dos gêneros textuais presentes nas mais diversas situações sociais. Segundo ela, “Entender que o letramento é mediado por textos implica naturalmente ter consciência de que o uso de determinados textos depende do sistema de atividades no qual as pessoas estão inseridas”. As pessoas fazem uso, portanto, desses textos com uma finalidade, que não será a mesma em contextos diferentes.

Conforme a mesma autora, os letramentos são múltiplos, dêiticos, ideológicos, culturais e são críticos. São múltiplos, pois têm natureza plural, cujos estudos atuais destacam a complexidade da vida no meio social, a multiplicidade de contextos socioculturais, o ímpeto de mudanças sociais e suas consequências em práticas de letramento do dia a dia.

Os letramentos são dêiticos, pois as palavras, sentenças ou textos, assumem diferentes sentidos dependendo do lugar e do tempo em que forem utilizados. Isso mostra, por exemplo, que um texto ou discurso pode ter diferentes leituras em épocas diferentes, em contextos sociais e culturais distintos. (OLIVEIRA, 2010) São, ainda, ideológicos, visto que estão imersos em ideologias que se materializam em práticas sociais.

No que diz respeito às práticas de letramento, os diferentes grupos sociais buscam continuamente assegurar, por meio da agência humana, seus interesses ou valorizar

as formas de ler e escrever que lhe trazem benefícios ou se constituem com um ‘bem’ social compartilhado entre eles. (OLIVEIRA, 2010, p.334)

É possível inferir de tal afirmação que os grupos sociais apresentam pressupostos ideológicos de sua cultura, valores e visões particulares em seus discursos, buscando por meio da agência humana estabelecer uma relação de poder, portanto, ideológica.

Os letramentos são culturais para Oliveira (2010) devido estarem inseridos em contextos culturais específicos. Tais letramentos são, em alguns casos, ‘invisíveis’ mediante o letramento dominante.

E, por fim, os letramentos são críticos, pois “a linguagem não é simplesmente um meio de expressão e comunicação; é antes, uma prática a partir da qual os aprendizes conhecem-se a si mesmos, o seu contexto sociocultural e as suas possibilidades para o futuro.” (OLIVEIRA, 2010, p.336). Nesse sentido, os letramentos permitem uma visão crítica do mundo que nos cerca, dos contextos sociais e culturais nos quais estamos inseridos.

De acordo com Street (2014, p.155), “Uma abordagem que vê o letramento como prática social crítica tornaria explícitas desde o início os pressupostos e as relações de poder em que tais modelos de letramento se fundem”, isso referindo-se aos modelos de letramentos que propõe o letramento em estágios ou níveis e as teorias de poder. Para o autor, uma abordagem crítica de letramento permitiria uma visão mais clara das relações de poder que unem esses modelos.

O autor nos diz, ainda, que é dever social do professor levar os alunos, que não atingirem os estágios ou níveis altos, a ter uma interpretação crítica, o que

só é possível com a premissa de que os professores habilitados podem facilitar perspectivas críticas em linguagens apropriadas e formas comunicativas com a mesma rapidez com que os tradicionalistas conseguem ensinar gêneros, níveis, conteúdos e habilidades dentro de um conceito conservador de letramento. (STREET, 2014, p.155)

A introdução de uma consciência linguística crítica e do letramento como prática social crítica, conforme o autor, pode tornar mais fácil o processo. Isso nos mostra a necessidade de inserção em sala de aula dessa visão crítica, mesmo para aqueles que apresentam dificuldades de interpretação. Aliás, não podemos tomar como desculpa que os alunos não estão preparados para isso, precisamos conduzi-los a uma interpretação crítica.

2.2 Letramentos múltiplos *versus* letramento escolar?

Como já foi mencionado, os letramentos apresentam-se nos mais variados contextos sociais, tendo assim caráter múltiplo, pois não se constituem em um único letramento. Por muito

tempo predominou a ideia de que a escola seria a única agência de letramento, mas este pensamento já perdeu força, pesquisas sobre o assunto deixam claro a multiplicidade de letramentos. Assim, tomar a escola como única agência é negar todas as outras formas de letramento nos mais diversos contextos de nossa sociedade.

Pensando no letramento como prática social e a escola apenas como uma das agências de letramento não queremos tirar a importância do agenciamento escolar, nem superiorizar os demais letramentos, pois todos merecem igual importância; práticas sociais de letramento se materializam a todo momento em contextos diferentes e específicos. Conforme Street,

Existem vários modos diferentes pelos quais representamos nossos usos e significados de ler e escrever em diferentes contextos sociais e o testemunho de sociedades e épocas diferentes demonstra que é enganoso pensar em uma coisa única e compacta chamada letramento” (STREET, 2006, p.466)

É certo que devemos considerar a multiplicidade de letramentos, mas como agregá-los ao contexto escolar? Deixaremos o letramento escolar para abarcar outros letramentos? Como levar o aluno a empoderar-se dos múltiplos letramentos? Questões como essas nos trazem inquietação, pois como professores precisamos saber direcionar nossos alunos no processo de aprendizagem sem ferir suas identidades, culturas, valores, etc., porém, como lidar com tudo isso em uma sala de aula em que os alunos apresentam identidades e culturas diferentes?

Tais questões não têm uma resposta simples, entretanto, nos levam a repensar nossas práticas, visto que se não estão tendo o resultado esperado, ainda que esse resultado seja apenas a aquisição de habilidades técnicas, precisamos buscar caminhos que viabilizem nossas práticas e a aprendizagem dos alunos.

Sabemos que o letramento escolar é importante, mas não pode ser posto em supremacia, nem o contrapor aos letramentos múltiplos, pois o letramento escolar, que se configurou com maior prestígio por muito tempo, constitui-se como um dos múltiplos letramentos. Assim, precisamos levar para o contexto escolar o letramento enquanto prática social, tornando o ensino/ aprendizagem mais significativo aos alunos, pois eles verão significado real nas práticas escolares e a funcionalidade desse letramento na escola e fora dela.

Oliveira (2010, p. 334), ao falar que os letramentos são culturais, mostra-nos a evidência de que letramento escolar é legítimo, por isso é posto como parâmetro para avaliar letramentos locais. A problemática está na forma como se tem relacionado letramentos locais e globais. Segundo a autora, referindo-se aos letramentos locais, “A verdadeira intenção não é isolar essas práticas de outras que estão ‘fora’, mantendo-as ‘puras’, mas tê-las como ponto de partida para introduzir letramentos hegemônicos, comprometidos com o progresso e a modernização”.

Com isso, percebemos mais uma vez que não se trata de valorizar um ou outro letramento, mas partir dos letramentos locais para iniciar os letramentos globais, em outras palavras, poderíamos dizer que precisamos considerar as práticas sociais dos alunos e delas partirmos para práticas escolares que objetivem contribuir com questões referentes à prática social.

Assim, não colocaremos os letramentos múltiplos *versus* letramento escolar, mas buscaremos uma maneira de levar para o contexto de nossas salas de aulas as práticas sociais de nossos alunos, sem ferir suas raízes, sua cultura, e ao mesmo tempo fazer uso de práticas escolares que contemplem seus usos reais no cotidiano dos alunos.

2.3 O letramento literário na escola

A educação básica- especificamente o ensino fundamental- atualmente, ainda está caminhando rumo ao letramento como prática social, pois embora a escola já perceba os multiletramentos, em muitos casos não estabelece relação entre o letramento escolar e os letramentos praticados fora do contexto da escola, bem como não mostra ao aluno as práticas reais desse letramento no cotidiano social, como ele pode fazer uso desses conhecimentos no seu dia a dia.

Ainda, hoje, se vê uma abordagem desse letramento que leva o indivíduo a pensar na aquisição de leitura e escrita como sinônimo de poder, mudança de classe social ou de garantia de emprego, o que na prática nem sempre acontece, pois o emprego, por exemplo, não aumenta conforme as pessoas vão adquirindo domínio de técnicas e habilidades de leitura e escrita.

A esse respeito Street nos diz que:

Diversas tarefas exigem um letramento mínimo ou outro tipo de habilidade letrada diferente das ensinadas na escola, e os empregadores algumas vezes podem ensiná-las facilmente no local de trabalho: a falta de habilidades letradas não é uma barreira real ao emprego, como sugerem as declarações públicas. (STEET, 2014, p. 34)

Entendemos com isso, que a forma como se configura o letramento na escola não contempla a necessidade das práticas sociais. É preciso, portanto, que a escola enquanto agência de letramento mostre ao aluno como fazer uso desses conhecimentos nas diversas situações sociais.

Para Rojo (2009, p.10), a realidade da escola no Brasil é de exclusão. Para ela, é urgente que a escola “reveja suas práticas de letramento, pois os resultados- tanto escolares, como em termos de indicadores de alfabetismo da população- ainda são elitizados e muito insuficientes para a grande maioria da população (74%)”.

Essas informações nos mostram a ineficiência de práticas de letramento que a escola tem oferecido aos alunos, pois a maioria da população ainda está excluída de práticas de letramentos que fazem uso da leitura e escrita de forma crítica em seu cotidiano.

Segundo Rojo (2009), a partir de resultados de programas/sistemas de avaliação pelos quais os alunos da educação básica (Ensino Fundamental e Médio) têm participado (ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio, SAEB- Sistema de Avaliação da Educação Básica, PISA- Programa Internacional de Avaliação de Estudante), no que se refere à capacidade leitora, a maioria dos jovens está entre os níveis 1 e 2 na avaliação do PISA, o que tem configurado um problema. E “Se considerarmos que os outros dois exames são mais ambiciosos quanto às capacidades leitoras, não ficaremos muito otimistas quanto aos resultados específicos e aos letramentos desenvolvidos pela escola pública no Brasil” (ROJO, 2009, p.32)

O contexto atual da escola não está longe do que foi mencionado acima, se pensarmos em nosso cotidiano de sala de aula, veremos que essa é a nossa realidade, a maioria de nossos alunos não consegue entender o que lê, fazer inferências, estabelecer relação de sentido ou comparação entre textos ou com sua vida pessoal.

Nesse sentido, precisamos refletir sobre que letramentos estamos desenvolvendo na escola e o que tem levado o aluno da Educação Básica a chegar ao final do Ensino Médio sem conseguir ter autonomia de práticas letradas que lhe possibilitem melhor desempenho em suas práticas sociais.

Não pretendemos com isso dizer que os professores são os responsáveis por essa condição em que chega o aluno ao término da Educação Básica, sabemos que muitos fatores, que envolvem todo o sistema escolar, colaboram para o insucesso desse aluno, mas não podemos esquecer que somos parte da escola e que precisamos conduzir nosso aluno ao letramento como prática social.

Diante do contexto atual da Educação Básica, sabemos que não podemos caminhar sozinhos, portanto, precisamos de programas de letramentos que viabilizem nossas práticas e que considerem os diversos contextos sociais dos alunos, programas com metas que foquem mais que dados estatísticos, que eles possam contribuir de fato para o letramento social.

No que se refere a programas de letramento, Street (2014, p.31) aponta a importância do contexto social no desenvolvimento desses programas. Porém, as mudanças empregadas por eles, atualmente, podem ferir “as raízes de crenças culturais, fato que pode passar despercebido dentro de um ideário que pressupõe leitura e escrita como simples habilidades técnicas”.

Por isso, é necessário que sejam planejados programas de letramento que considerem as culturas locais, de maneira que leitura e escrita não sejam impostas como única forma de cultura letrada, mas entendida como prática social.

Portanto, não podemos pensar na escola como lugar de um único letramento. Precisamos fazer da escola um espaço de múltiplos letramentos, onde não haja um letramento dominante, e sim um lugar onde práticas sociais se estabelecem.

O contexto atual da escola nos tem mostrado que o letramento literário está longe de fazer parte das práticas escolares cotidianas. Quando aparecem atividades que contemplem textos literários, seus usos são superficiais e focam em habilidades técnicas específicas, não objetivando o letramento literário como prática social.

Conforme Street (2014, p.150), “No que diz respeito ao letramento escolarizado, é evidente que, em geral, o modelo autônomo de letramento vem dominando o currículo e a pedagogia”. Assim, não é difícil compreender o distanciamento que temos observado entre letramento literário- enquanto prática social- e escola.

Segundo Cosson e Souza (2011, p.102), o letramento literário é um dos letramentos-deste que se constitui como plural, “sendo um dos usos sociais da escrita”. Dessa forma há necessidade de tal letramento no contexto escolar, pois a partir dele os alunos podem fazer uso da escrita em suas práticas sociais. Segundo os autores, “letramento feito com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma”.

Nesse sentido, acreditamos que o letramento literário faz bem mais do que inserir o aluno no mundo da escrita, aliás esse não é um privilégio apenas de tal letramento, pois muitas outros caminhos podem levar a isso. No entanto, não podemos negar sua importância no contexto escolar, visto que o aluno poderá associar o sentido das obras literárias em estudo as suas próprias práticas sociais, trazendo à tona os letramentos que fazem parte de sua vida cotidiana, de modo a compreender o mundo que o cerca.

Para Cosson e Souza (2011, p.102), “o letramento literário precisa da escola para se concretizar, isto é, ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar”.

A esse respeito entendemos que de fato a escola contribui para que o letramento literário se concretize enquanto prática social, mas não precisa exclusivamente dela para isso, pois a escola não é única agência de letramento, as pessoas podem, sim, empoderar-se desse letramento em outros contextos como: em casa por meio das leituras feitas por ou com

familiares, as rodas de contação de histórias, bibliotecas e outros círculos de leitura fora da escola.

Não queremos com isso dizer que a escola não é importante para o letramento literário, pois é inegável que ela pode levar os alunos a perceberem a funcionalidade dele nos mais diversos contextos sociais. A escola é o lugar onde a materialidade dos textos literários ganha dimensão, pois estabelece relação de sentido com o mundo, com o espaço a seu redor, com suas vivências, além de levá-lo a conhecer outros contextos históricos sociais e culturais, aproximando-o de culturas, crenças e valores que até então desconheciam.

Para que isso ocorra, a escola contribui proporcionando modos de ler o texto literário que passam pela descoberta de informações e “pela aprendizagem de estratégias de leitura para chegar à formação do repertório do leitor” (COSSON; SOUZA, 2011, p. 103).

É importante lembrar que trabalhar em sala de aula textos literários para fins de conhecimentos apenas gramaticais não representa de fato o letramento literário, pois dessa forma os fins não sinalizam para usos sociais, visto que sua utilidade é apenas para aquele momento em aula, sem sentido para práticas reais da vida dos alunos.

Assim, precisa-se na escola de práticas de leitura literária que tenham finalidades nas práticas, que não transformem o literário em pedagógico, como nos lembra Cosson e Souza. Segundo eles,

Para evitar esta inadequação, alguns cuidados devem ser tomados, tais como privilegiar o texto literário e prestar atenção ao escolher um texto do livro didático, pois esse pode estar fragmentado, além do mais já se trata da transposição de um suporte para o outro. Devemos escolher o texto em seu suporte original, ou seja, o livro infantil (COSSON; SOUZA, 2011, p.103)

Entendemos com isso, que não basta levar textos literários para nossas salas de aula, precisamos ter cuidado, no momento de escolha, privilegiando o suporte original, isto é, o livro. É importante que consideremos a obra, evitando fragmentá-la, para que o entendimento não seja prejudicado.

Uma forma de evitar essa fragmentação seria a escolha de textos literários que possam ser encontrados na biblioteca ou sala de leitura de nossa própria escola ou na biblioteca municipal, onde os alunos também podem ter acesso. O livro também pode ser levado, pelo professor, para a sala de aula, em forma de arquivos em PDF (de páginas reconhecidas oficialmente, como de Domínio Público) para que os alunos possam ler por meio do celular ou em computadores na sala de informática, se houver na escola, ou ainda por meio da impressão, se possível, desses textos pela própria escola.

Outra forma de levar o livro para a escola seria incentivar a troca de experiências entre os alunos, de maneira que eles possam levar para a sala de aula os livros que já leram e têm em casa, para que os colegas de classe tenham acesso a novas experiências de leitura.

É possível dizer, portanto, que o letramento literário tem lugar na escola, porém necessita de práticas que oportunizem aos alunos seus usos sociais, práticas que causem motivação, que mostrem sentido na leitura dos textos literários, que ajudem o aluno a compreender a vida a sua volta, enfim que o ajudem a cumprir seu papel social como cidadão.

Conforme Cosson, a forma como se lê na escola tem sido bastante condenada.

São vários os estudiosos que mostram que os ensino de literatura no Ensino Fundamental se perde em servir de pretexto para questões gramaticais, como era comum nos livros didáticos, ou para um hedonismo inconsequente, no qual a leitura vale pela leitura, sem nenhuma orientação. (COSSON, 2011, p.1)

Infelizmente vivenciamos tais situações no nosso cotidiano escolar, momentos de leitura, por exemplo, sendo usados para ‘passar o tempo’, ou melhor, para fins nenhum no que se refere às práticas de letramento, visto que até os textos a serem lidos não são escolhas dos alunos. Quando se trata de leitura literária a situação não é diferente, pois as práticas de leitura, além de serem usadas, em muitos casos, sem finalidade, reduzem-se outras vezes à compreensão de sua estrutura formal e a aspectos gramaticais do texto, não indo além disso.

É importante ressaltar que falar em momentos de leitura sendo usados para ‘passar o tempo’ não significa dizer que não se possa ler por ler na escola, pois se desejamos estimular o gosto pela leitura, permitir tal prática poderá contribuir para alcançar esse objetivo. Além disso, essa prática em si já apresenta finalidade que é desenvolver o prazer de ler. Porém, para isso, não basta levar ao aluno textos ou fragmentos de obras literárias pelas quais ele não sinta interesse, pois nem mesmo o gosto pela leitura será desenvolvido se esses momentos de leitura forem com textos que os alunos não gostem de ler, como muito acontece com leituras de textos no livro didático.

2.4 O professor leitor

Atualmente, não é difícil ouvirmos de muitos professores que eles não leem por não terem tempo ou não terem hábito de leitura. Mas quando pensamos no professor como profissional que necessita de leituras constantes em suas práticas docentes nos vêm certas inquietações como: professores não precisam ser leitores? É possível, na prática docente, um professor não caminhar por entre leituras?

Tais questões nos fazem lembrar que no caminho trilhado pela docência esbarramos em inúmeras práticas leitoras, práticas nossas como leitores, de nossos alunos, de colegas de trabalho, etc. Leitores estão presentes em todos os lugares, e nós somos um deles?

Isso nos faz pensar nas leituras que caminham conosco ao longo da vida. Estamos a todo o momento praticando e vivenciando práticas de leitura, seja em casa, no trabalho ou em reunião entre amigos; somos leitores desde que começamos a compreender o mundo a nossa volta. É impossível estar no mundo e não ser leitor de alguma maneira, visto que estamos inseridos nas mais diversas práticas leitoras possíveis. Conforme Yunes (2016),

as pessoas leem mais do que pensam: avisos, sinais, jornaizinhos de transporte público, anúncios, gibis, revistas no cabeleireiro e consultórios, bulas de remédio, avisos de cobrança, bilhetes de amigos, a cara do chefe, as roupas da vizinha, o tempo imprevisível nas nuvens ou no vento, o clima no trabalho, etc. (YUNES, 2016, p. 22-23)

Não há dúvidas de que a leitura faz parte da vida em sociedade. Já líamos mesmo antes de aprendermos a utilizar o código escrito da língua; aliás, pessoas que não tiveram a oportunidade de serem alfabetizadas são capazes de ler perfeitamente o mundo a sua volta. Segundo a autora, “Ler parece como uma atividade de sobrevivência, antes que a extraordinária invenção do alfabeto nos entregasse a escrita como forma econômica de guardar a memória das coisas.” (YUNES, 2016, p.22).

A esse respeito, Cavalcanti (2016, p. 26) nos diz também que lemos muito antes de conhecermos o alfabeto. Para ela, “Iniciamos nossas leituras ainda no berço, nos acalmando com a voz que nos acalanta, reconhecendo o cheiro do leite do seio que nos alimenta, chorando diante de fisionomias que não conhecemos, nos assustando com ruídos inesperados”.

O ato de ler, nesse sentido, é muito mais que a apropriação ou decifração da escrita. O que nos confirma que não vivemos em sociedade sem nos apropriarmos de algum tipo de leitura. E o professor é, por natureza, pela necessidade de sua prática docente, um leitor, mesmo quando não faz leituras de obras específicas e por prazer.

Mas como o professor tem trilhado pelos espaços de leituras diante das necessidades exigidas pela docência? Que professor leitor podemos encontrar imerso em um espaço no qual é essencialmente, ou deveria ser, o lugar em que situações reais de leitura acontecem?

Nossas experiências nos mostram que embora todos sejam leitores, ainda há uma timidez por parte de alguns ao falarem de suas experiências leitoras, pois acreditam que não leem, já que não fazem a leitura de livros e obras literárias, as quais não estão presentes no seu cotidiano de sala de aula. O que não os faz necessariamente não leitores. Pois a leitura constitui sua identidade profissional, como enfatiza Silva (2009):

O cerne do desenvolvimento da identidade de um professor é sem dúvida, a leitura. Para ele, a leitura constitui, além de instrumento e/ou prática, uma “forma de ser e de existir”. Isto porque o seu compromisso fundamental, conforme a expectativa da sociedade, se volta para a (re) produção do conhecimento e para a preparação educacional das novas gerações. Professor, sujeito que lê, e leitura, conduta profissional, são termos indicotomizáveis – um nó que não se pode nem deve desatar. (SILVA, 2009, p.23)

De acordo com o autor, não se pode separar professor e leitura. O sujeito leitor e sua conduta profissional estão entrelaçados, não dá para pensar em um sem automaticamente associar ao outro. Nossas práticas em sala de aula evidenciam que necessitamos de leituras para as nossas atividades como professores. Porém, nossas leituras nem sempre condizem com as necessidades de nossas atividades em sala de aula.

Conforme Silva, o arcabouço sociocultural formado pelas diversas leituras ao longo da existência da pessoa é indispensável:

a uma identidade “robusta e redonda” do professor. Uma história frágil e fraca de como o leitor poderá significar, tanto no momento da formação docente como na atuação em sala de aula, um modelo ou testemunho também frágil e fraco para transmitir, junto aos estudantes, os valores, as virtudes e as utilidades que podem advir da leitura da escrita. (SILVA, 2009, p. 25).

Um professor, portanto, que não tem uma boa relação com os livros, que apresenta um histórico frágil de leituras, terá maiores chances de deixar a desejar em sua atuação no ensino de leitura em sala de aula.

Com isso, entendemos que não basta lermos qualquer coisa, precisamos nos apropriar o máximo possível dessas leituras que constituem esse arcabouço sociocultural, que nos acompanha ao longo de nossa vida.

O professor enquanto profissional leitor

tem na leitura, além de instrumento e de prática uma forma de atuar ou agir, seja porque ele (o professor) simboliza leituras já realizadas e assimiladas, seja porque faz a mediação e informa leituras relacionadas a matéria que ensina, seja porque o conhecimento, para ser organizado e dinamizado, exige competências multifacetadas de leitura. (SILVA, 2010, p. 26)

Assim, podemos afirmar que o professor precisa ser um profissional leitor, independente da maneira como utiliza a leitura ou por qual objetivo lê, o professor não pode fugir de práticas de leituras que constituem sua identidade profissional.

Conforme Silva (2010, p. 28), “Simbolicamente falando, o eixo em torno do qual giram as dimensões pessoal, profissional e organizacional da profissão docente é continuamente lubrificado pelas práticas de leitura”. Pois o professor lê e faz seus alunos lerem, organiza conteúdos, antevê caminhos, lê e tem um olhar melhor sobre si nas suas jornadas, ler e se reconstitui em suas experiências. O professor lê e se renova constantemente.

É, portanto, por meio da leitura que o professor se transforma e transforma sua prática, é também por meio da leitura que ele ajuda na formação de novos leitores. Se o professor é um leitor, mais fácil será para ele formar seus alunos como leitores; por outro lado, se não é ou o faz por obrigação, não apresenta um histórico bom como leitor, provavelmente não terá êxito na formação de seus alunos.

2.5 Prática leitora do professor mediador

Partindo do que foi mencionando anteriormente, as práticas leitoras do professor mediador contribuirão de forma positiva ou negativamente na formação dos alunos. Se o mediador apresenta uma identidade leitora bem estruturada, possivelmente isso influenciará de forma positiva na formação dos alunos, pois ele não estará falando de algo que não faz, visto que a leitura é algo concreto em seu cotidiano. Por outro lado, poderá seu testemunho ser negativo, à medida que ele próprio- o mediador da leitura- não é um sujeito leitor.

Já dissemos, também, que somos leitores, independente do que lemos. Para Moraes (2014, p. 23), “Há leitores de livro, há leitores de jornais, os de revistas, os de tela de computador, assim como houve um dia os leitores de tabuletas de argila, de papiro, pergaminho e *códex*”. Mas a escola se preocupa com a formação de um leitor específico, cujas práticas de letramento envolvem práticas sociais de leitura e escrita. Esse leitor é diferente dos leitores formados pela escola tempos atrás. Segundo a autora,

Atualmente, o objetivo prioritário é formar um leitor que interaja cotidianamente com a leitura, em função de sua participação no mundo. Todavia, devemos considerar que esse leitor, apesar das habilidades e competências construídas, pode ser um leitor compulsório, ou seja, alguém que lê por obrigação, em decorrência das exigências sociais, profissionais, escolares, etc. Nesse caso, podemos estar-nos esquecendo de um fator fundamental: o desejo.” (MORAES, 2014, p.26)

Isso nos revela que o perfil de leitor que a escola pode estar formando não seja um leitor que goste de ler, mas que, motivado pela obrigação de sua participação social, o tenha que fazer. Não é difícil vermos pessoas que são leitoras compulsórias, em nosso meio mesmo, quantos colegas de profissão não têm desejo pela leitura, mas a fazem pela necessidade profissional, sem falar em muitos de nossos alunos que, ao ouvirem falar em leitura, logo demonstram cansaço e desinteresse, mas leem porque são “obrigados” pela necessidade de sala de aula.

A autora nos faz os seguintes questionamentos sobre isso: “Mas do que adianta ser um leitor, conhecer estratégias de leitura sem desejá-las? Que leitores nós queremos formar?” (MORAES 2014, p. 26). Essas questões nos levam a refletir sobre nossas práticas, visto que nem sempre paramos para pensar na formação de nosso aluno leitor, queremos que ele leia,

aprenda estratégias de leitura, mas não nos preocupamos em levá-lo ao gosto pela leitura, isso talvez porque nós também fomos formados assim. Cabe, portanto, a nós, avaliarmos o que de fato queremos- leitores compulsórios ou leitores desejosos por leitura.

Conforme, Moraes (2014, p. 33) “Pensar sobre o leitor que queremos formar é a condição indispensável para a mediação de leitura na escola, pois a partir da determinação de um propósito, se poderá pensar nos caminhos a percorrer.” Se o que queremos é formar leitores que além de dominar estratégias de leituras, sintam o prazer de ler, que não o façam apenas pela necessidade cotidiana, mas pela vontade voluntária, pelo desejo de ler; precisamos pensar em como fazer isso, como ensinar o gosto pela leitura. Mas, é possível ensinar alguém a gostar de ler?

Para Cavalcante (2016, p.29), a formação do leitor é uma questão de jardinagem, pois “Na arte de promover a leitura temos que agir como jardineiros cuidadosos”. Para a autora, estimular alguém a ler exige cuidados de jardineiro, um jardineiro que conhece, respeita, entende e ama seu trabalho.

Nesse sentido, o professor como mediador da leitura, em sala de aula, tem um papel importante na formação do leitor, pois pode ser como um jardineiro zeloso, oferecendo-lhes oportunidades de leituras que possam ser escolhidas pelos alunos, que lhes darão prazer, sem cobranças, sem imposição.

A leitura literária é, pois, uma alternativa que o professor mediador pode se valer para as suas práticas em sala de aula, ao tratar o texto literário sem utilidade prática. Mas vendo na literatura possibilidades de compreensão do mundo. Para isso, é necessário considerar que cada leitor leva consigo:

histórias, saberes e desejos que são terreno onde a literatura poderá se estabelecer como possibilidade estética. A mediação da leitura literária, em vez de se deter em técnicas de estímulo á leitura, deve visar ao desenvolvimento de um sujeito leitor que frequenta a literatura por escolha e que constrói para si concepções e gostos a partir de critérios próprios e também compartilhados culturalmente, fundados nas suas relações sociais e na sua subjetividade, critérios estes que podem ser ampliados e transformados com novas experiências mediadas pela escola. (MORAES, 2014, p.33)

Segundo Nogueira (2014, p. 49-50), não há resposta única para questões como: “qual a importância da leitura literária? Que tipo de conhecimento ou de formação está em jogo na interação com o texto literário?”, mas pontua que aspectos devem ser considerados ao se trabalhar com a literatura, aspectos que podem ajudar o professor a pensar e repensar em sua prática. Para ele, formar um leitor literário significa:

levar o aluno a perceber que a inventividade de da linguagem literária não é, por assim dizer, um modo esteticamente “ mais bonito” de expressão da linguagem[...], mas sim a possibilidade de criar um campo de saber sobre a experiência do ser humano no

mundo que outros discursos, notadamente o científico, não podem criar. (NOGUEIRA, 2014, p.51)

Isso nos mostra que mediar leitura literária em sala de aula vai muito além de ensinar questões estruturais/ estéticas, pois como o autor considera, “formar um leitor literário pressupõe dar acesso ao aluno aos diferentes modos que a literatura encontrou e vem encontrando para representar a realidade” (NOGUEIRA, 2014, p.53).

Mas como o mediador da leitura pode fazer isso quando suas práticas ou experiências leitoras são poucas e traumáticas? Como mediar leitura se suas experiências como leitor não ajudam? Para Yunes (2016, p.11), é uma questão de começar, decidir sobre o que se quer conversar, discutir, debater em sala de aula, pois não se trata apenas de mandar ler e responder a um questionário, “é preciso fazer uma seleção de alguns títulos para ler antes de pedir a leitura dos alunos”.

Dessa forma, para a autora, “O primeiro passo é sair da inércia e buscar algo de que se queira falar com alguém, que possa comentar e ter uma opinião que seja, um pensamento novo sobre coisas humanas e permanentes” (YUNES 2016, p.12). Existem inúmeras possibilidades de leituras a serem feitas, visto que lemos como atividade de sobrevivência, em casa, na rua, na escola, etc. O que precisamos é estabelecer o quê e como vamos ler e mediar essa leitura para nossos alunos.

Silva (2009, p.34) aponta que se considerarmos a tese de que o leitor para ganhar maturidade deva passar por diferentes etapas no decorrer da vida, veremos que isso nem sempre acontece com os professores brasileiros, o que pressupõe certas lacunas, “vazios de leitura”, no repertório do professor. Certos gêneros textuais mais apropriados a uma etapa não foram experienciados por ele antes de entrar na docência. No entanto, para o autor,

Não podemos jamais cair no engodo determinista, achando que não tem saída para o dilema acima exposto. Muito pelo contrário, considerando que é da natureza do ofício (magistério) a aprendizagem constante dos fenômenos do mundo e a organização sistemática do conhecimento para efeito do ensino, existe sempre uma porta aberta ou a esperança de que o professor adentre os textos e desenvolva competências de leitura, mesmo aquela que já deveria ter dominado em etapas anteriores de sua vida[...] o professor pode e deve caminhar no sentido de se tornar um leitor maduro, revertendo essa maturidade em favor de um ensino de melhor qualidade, que forme leitores a sua imagem.(SILVA, 2009, p.34-35)

Isso nos mostra que mesmo o professor que não apresenta práticas leitoras que o tornem um leitor maduro, pode e deve começar a caminhar no sentido de se tornar um leitor que entusiasme os alunos, um professor leitor que cativa e motive os estudantes para novas práticas leitoras.

Sabemos que a prática leitora do professor vai contribuir para o interesse ou desinteresse dos alunos pela leitura. E, como professores, à medida que vamos amadurecendo

nossas práticas, vamos também contribuindo na formação de outros leitores. Por isso, é necessário que busquemos nos tornar leitores nos quais nossos alunos possam se espelhar, não pela amargura deixada pela falta de leitura em outras etapas da vida, mas pela transformação em um leitor capaz de dominar competências de leitura, mesmo aquelas que não desenvolvemos em etapas anteriores.

De acordo com Yunes (2016, p.22) “uma rica prática de leitura está nas **imagens** que mais do que nunca se nos oferecem diariamente”. Hoje, basta ver *outdoors*, arquitetura das cidades, fotos postadas em redes sociais, etc. para lermos muita coisa.

A literatura não se apresenta apenas em livros impressos, “A imagem pode ser grande sedução para quem não ama ler histórias em suporte livro” (YUNES 2016, p.28). Vídeos e filmes são alternativas para se levar para sala de aula e a partir deles promover a leitura de outras obras em material impresso. Não faltam materiais e maneiras de se trabalhar com a literatura em sala de aula, mas é preciso que práticas de mediação de leitura sejam repensadas e que por meio de sua própria prática leitora, o mediador possa motivar aos alunos a leitura.

As práticas de leitura do professor mediador influenciam na formação de alunos leitores, por isso há necessidade de, como mediador, o professor deixar velhas práticas direcionadas em livros didáticos, com respostas prontas, por exemplo, e “investir na formação cultural de espectro amplo, que possa reconhecer o perfil de necessidades dos educandos, favorecer acesso a novos horizontes de vida e qualificação pessoal” (YUNES 2016, p.51).

Não é possível pensar em formar alunos leitores mantendo velhas práticas, como aulas de leitura com finalidade simplesmente avaliativa, isto é, os alunos leem em voz alta para o professor avaliar, avaliação cujo objetivo é verificar se o aluno já consegue decodificar o código escrito sem atropelar palavras e sinais de pontuação.

O aluno não é levado a práticas de leitura por gosto, nem lhe são ensinadas estratégias de leitura que o auxiliem a entender o que lê, aliás, nenhuma medida é tomada para que ele desenvolva estratégias que o ajudem nas mais diversas leituras que poderá vir a fazer. Sobre isso, Coscarelli e Cafiero dizem que:

é possível, em muitas situações, constatar que, no tratamento dado a leitura, pouco mudou, ainda há, em muitas práticas, uma grande semelhança com os modos como nós mesmos vivenciamos a leitura na época em que éramos alunos. É comum não se ensinar a ler, mas apenas pedir que os alunos leiam. Nesse caso, a escola acaba mais avaliando o que o aluno já sabe, ou o que pensa que deveria saber, sem necessariamente, ensinar a leitura. (COSCARELLI; CAFIERO, 2013, p.10)

É inegável que o tratamento dado à leitura precisa mudar, práticas de leitura literária precisam achar espaço na escola, mas não as velhas práticas. É, pois, dever do professor mediador promover estratégias de motivação nos alunos, visto que alunos motivados podem

ajudar a construir programas de leituras e “e mesmo liderar os encontros ou círculos de leitura” (YUNES, 2016, p.32).

Não queremos, com isso, responsabilizar o professor ou os próprios alunos por problemas encontrados em tais práticas de leitura, pois:

“Pensar assim seria acreditar que todos os nossos professores no passado, e muitos dos que atuam hoje, erraram- ou erram- em suas ações e que uma grande quantidade de alunos é incapaz de aprender. Isso não é verdade.” (COSCARELLI. CAFIERO 2013, p.11).

Alunos são capazes de aprender e muitas ações de professores deram certo, mas não podemos insistir em práticas que não têm funcionado com nossos alunos atualmente.

Voltando-nos para práticas de leitura literária, como o professor vai saber lidar com o literário na escola, mediante a sua inevitável escolarização? Coscarelli (2013, p. 129) diz que “Sabemos que uma competência docente se constrói entre saberes práticos e saberes teóricos, durante a trajetória de formação”. Assim, devemos buscar meios que viabilizem o ensino da leitura a partir dos conhecimentos adquiridos durante esse período. Para a autora,

Para que isso aconteça, no ensino e na aprendizagem da leitura literária, é importante que o professor seja um *leitor/apreciador* de uma produção cultural e literária, artística e significativa, um *mediador/compartilhador* dessas produções com parceiros colegas, alunos e outros pares e um *construtor/colaborador* na formação de leitores, crianças e jovens, pelos campos do *perceber* e do *sentir*. (COSCARELLI, 2013, p.129)

Sobre o professor leitor/apreciador mencionado pela autora, ele estará sempre em construção, “numa viagem que é a experiência com textos literários orais, escritos, visuais, multissemióticos, multimodais, aprimorando, cada vez mais sua sensibilidade e percepção, aprofundando seu gosto literário e artístico” (COSCARELLI 2013, p.129-130).

Nesse sentido, as práticas leitoras do professor mediador devem ser aprimoradas à medida que se vai se tomando o gosto pela leitura. E como em outras situações de aprendizagem, o gosto pela leitura se aprende com a prática de leitura, isto é, aprimora-se o gosto pela leitura, lendo. E como mediador/partilhador, o professor “passa a entender que a experiência literária é única e de cada um” (COSCARELLI, 2013, P.130).

Dessa forma, o professor buscará estratégias que possibilitem o aluno leitor a interagir com a obra literária de modo mais livre possível. E como *construtor/colaborador*, o professor deve levar o aluno a perceber e se sensibilizar com as riquezas das obras literárias.

Segundo Cosson (2017, p.46), desenvolvemos nossa capacidade de leitura, lendo. Mas não qualquer texto ou de qualquer modo, e sim “Lendo de maneira formativa”. E lemos formativamente sintetizando o que dizem atualmente as teorias da leitura a respeito da formação de um leitor competente. Sobre isso, o autor aponta que lemos formativamente quando: lemos

diversos e diferentes textos; lemos de diversos modos; lemos para conhecer o texto que nos desafia e que responde a uma demanda específica; avaliamos o que lemos; lemos para aprender a ler. (COSSON, 2017, p.46- 49).

Assim, as práticas leitoras do professor mediador, ou a falta delas, afetarão no desenvolvimento de sua própria capacidade leitora, visto que, se o professor não faz uma leitura formativa, não desenvolverá sua capacidade de leitura, bem como de seus alunos. O que nos confirma a importância de uma prática leitora consistente do professor mediador.

No que se refere à literatura em sala de aula, o professor mediador pode valer-se de diversas possibilidades de práticas leitoras com seus alunos. Dessa forma, apresentaremos a seguir possibilidades de leitura literária no contexto escolar, com base em pressupostos teóricos, visto que não houve, ainda, a prática em sala de aula. Porém acreditamos que podem ajudar na efetivação do letramento literário na escola, com fins em práticas sociais.

2.6 Possibilidades de leitura literária no contexto escolar

A leitura de maneira geral tem sido uma das grandes preocupações da escola no contexto atual, pois as dificuldades apresentadas pelos alunos são muitas; há alunos que terminam a educação básica e não conseguem entender o que leem, no máximo decodificam a escrita, assim não é difícil entender porque os níveis de leitura demonstrados pelos alunos em programas de avaliação (ENEM, SAEB, PISA) sejam tão baixos.

De fato, a situação é preocupante, principalmente se pensarmos no tempo que esse aluno passou na escola durante o Ensino Fundamental e Médio. Muitas perguntas poderiam surgir para tentarmos entender o que pode ter ocorrido para que ele chegasse ao fim da educação básica sem conseguir apropriar-se dos usos da linguagem, leitura e escrita, como prática social.

Voltando-nos apenas ao Ensino Fundamental, que é onde temos vivenciado nossas práticas em sala de aula, a situação é tão preocupante quanto nos anos posteriores, pois é comum encontrarmos alunos que chegam ao sexto ano sem ler, ou mesmo chegam ao final do ensino fundamental sem atribuir sentido à leitura que fazem. Tal situação nos tem inquietado, pois algo está sendo negligenciado e acreditamos que não se trata apenas do desinteresse por parte dos alunos, pois muitos gostam de ler e pedem para que haja mais momentos de leitura em sala de aula. Não há como afirmarmos que são todos os casos, há quem nos praguejem somente por falarmos em leitura.

Mediante ao que foi mencionado acima, deixamos uma questão para reflexão: como desenvolver práticas de leitura que sejam significativas para os alunos, em um contexto de sala

de aula tão heterogêneo no que se refere às suas identidades, o grau de interesse e desinteresse pela leitura, bem como os níveis de aprendizagem dos mesmos?

Longe de acharmos uma resposta única e concreta para o momento, continuaremos apresentando o letramento literário como possibilidade de leitura em sala de aula, para fins em práticas sociais. Para tanto, abordaremos o que nos dizem os teóricos sobre leitura e letramento literário.

Para falar em métodos ou modos de ler na escola, Cosson (2011, p.1) faz a seguinte pergunta: “Mas quais são esses métodos, esses modos de ler na escola que nos levam ao sentido da obra?”. O autor nos apresenta algumas respostas imediatas que estão relacionadas às práticas que se configuram na escola, a leitura ilustrada- em que o aluno lê sem objetivo algum- e a leitura aplicada, que faz uso de atividades como ficha de leitura, debate do tema, etc. Tais modos de ler não são os quais nos interessam para leitura literária, pois apresentam fins em si mesmos. Precisamos de uma leitura que nos leve a ver o sentido das obras e que nos possibilite práticas sociais.

Cosson e Souza (2011, p.103) sugerem que o professor trabalhe a leitura literária em forma de ‘oficina de leitura’. Os autores argumentam que quando lemos temos uma conversa interior e o que nos vem à mente ao lermos contribui para a construção de sentidos do texto que está sendo lido. Por isso, “As oficinas começam com o professor lendo em voz alta e mostrando como os leitores pensam enquanto leem”, pois é função dele levar os alunos a perceberem o que vem a sua mente ao lerem.

Assim, na primeira atividade da oficina, o professor faz uma modelação de estratégia de compreensão de texto, depois uma prática guiada para, após, fazer duas leituras independentes e para finalizar- última etapa- com a avaliação e a socialização do texto lido.

Sobre isso, consideramos interessante a sugestão de se trabalhar a leitura literária em forma de oficinas de leitura, porém vemos a necessidade de certo cuidado na primeira etapa da oficina, para que ao tentar mostrar um modelo de leitura, inicialmente aos alunos, o professor não limite possibilidades de outras leituras do texto ou mesmo conduza o aluno a sua interpretação pessoal do texto.

Vale ressaltar que as estratégias de leitura apontadas por Pressley (2002 *apud* COSSON; SOUZA, 2011, p.104): “Conhecimento prévio, conexão, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e síntese” podem ajudar na construção de sentidos do texto lido.

Segundo Cosson e Souza (2011), o conhecimento prévio é ativado a todo o momento pelo leitor em relação ao texto que está sendo lido. A conexão “permite a criança ativar seu conhecimento prévio fazendo conexões com aquilo que está lendo”, já a inferência é a

interpretação de uma informação implícita no texto. A sumarização permite que o aluno retire a essência do texto, as ideias mais importantes. Por fim, a síntese que é mais que resumir um texto, ocorre quando associamos o que lemos ao nosso entendimento, fazendo-nos reconstruir o texto a partir das informações essenciais e acrescentando nosso conhecimento.

Como vimos, as estratégias acima citadas apresentam-se como possibilidades de leituras do texto literário, mas não significam que sejam as únicas maneiras de lê-lo. Nesse sentido, Cosson (2011) nos apresenta alguns modos de ler esses textos, considerando que o processo de leitura apresenta três momentos diferentes: a pré-leitura, a leitura efetiva do texto e a interpretação. Para o autor, ao permitir o contato com os textos literários, a escola promove maneiras distintas de ler tais textos.

Assim, aponta as seguintes leituras: contexto-autor: onde se busca ler a obra com foco no autor; contexto-leitor: essa leitura procura relacionar a obra e o leitor, pontos em comum entre a obra e a vida do leitor; contexto-texto: busca-se fazer a leitura da temática da obra; contexto-intertexto: procura fazer uma leitura da obra como documento social; texto-autor: a leitura volta-se para o estilo do autor, sua identidade; texto-leitor: quando a leitura é voltada para a trama, para as consequências do texto sobre o leitor; texto-contexto: a leitura faz análise da materialidade da obra; texto-intertexto: ocupa-se do que a obra diz a respeito da literatura; intertexto-autor: leitura com foco na biografia do autor; intertexto-texto: busca referências a outros textos; intertexto-leitor: ocorre a partir da história de leituras do leitor; intertexto-Contexto: busca detectar os arranjos da obra. (COSSON, 2011)

Diante dessas possibilidades de leituras, o autor nos esclarece que, para fazermos da leitura literária na escola um diálogo, “uma conversa com a experiência do outro”, precisamos esclarecer, inicialmente, aos alunos, que leitura estamos fazendo quando lemos o texto literário. Isso não significa induzir aos alunos as nossas interpretações, mas mostrar caminhos para que eles possam dialogar com os textos, trocar experiências com os outros e fazer da leitura literária uma prática social.

Considerando as possibilidades de ler o texto literário já mencionadas, apresentamos a seguir uma oficina de leitura como prática de letramento literário. Partindo da noção que os alunos trazem para o contexto escolar as suas vivências, experiências, enfim conhecimentos prévios, a oficina iniciará com uma atividade de leitura que viabilize ativação desses conhecimentos. Assim teremos:

- Primeira etapa da oficina de leitura:

Apresentação do texto e que tipo de leitura queremos; em seguida iniciamos a primeira atividade de leitura que poderá ser em duplas ou grupo, onde os alunos farão a leitura, partindo

de seus conhecimentos prévios, discutirão com os colegas sobre o que conseguiram encontrar no texto e depois apresentarão a toda a turma seus achados no textos, um momento de troca de experiências ou mesmo poderão apontar as dificuldades que encontraram para estabelecer uma relação entre seus conhecimentos prévios e o texto.

- Segunda etapa da oficina: execução de uma atividade de leitura modelada pelo professor, isto é, uma atividade mais direcionada, guiada pelo professor, onde o professor apresentará estratégias de leituras que ajude os alunos a construírem sentido ao texto lido.

-Terceira etapa da oficina: os alunos farão uma atividade de leitura independente, sem interferência do professor, na qual serão oportunizados a acionarem sozinhos estratégias de leitura. Eles podem fazer suas anotações sobre o que conseguiram achar no texto para futura discussão.

-Última etapa da oficina: Uma roda de conversa sobre o texto lido na etapa anterior, seguido da avaliação, que pode ser feita pelo professor quanto ao seu objetivo, se foi alcançado, e também pelos alunos que poderão falar de suas experiências com os textos literários e como a oficina contribuiu ou não para sua formação leitora, sua prática social.

Não colocamos o tempo para cada etapa da oficina por pensarmos que esse tempo dependerá de cada turma em que a oficina for aplicada, pois dependendo da quantidade de alunos, do nível de aprendizagem de cada um e por se tratar de discussões em que muitas vezes aparecerão, é possível que o tempo necessite ser maior para uma turma e menor para outra.

Para finalizarmos, recorreremos mais uma vez às palavras de Cosson e Souza que nos parecem oportunas,

diante do uso efetivo das oficinas de leitura, do papel do professor em sala de aula, explicitando as habilidades de leitura, respeitando o texto literário em sua integridade, considerando o conhecimento prévio de cada aluno, bem como o ritmo de cada um, podemos vislumbrar leitores literários, que não só compreenderão o texto, mas também utilizarão a literatura em seu contexto social. (COSSON; SOUZA, 2011 p.106)

É, pois, o que queremos fazer da leitura literária: uma prática no cotidiano de nossos alunos. Não uma mera leitura, sem fins nenhum, mas uma prática efetiva do letramento literário como prática social. Não quisemos aqui mostrar um modelo pronto para leitura literária na escola, pois sabemos que quando se trata de ensino/aprendizagem não há uma receita pronta e acabada.

Mas, que possamos não apenas refletir sobre nossas práticas de ensino, como também buscar meios que viabilizem a aprendizagem, o empoderamento de práticas letradas que cumpram funções sociais; que levem os alunos a empoderar-se do letramento literário.

Por se tratar de possibilidades de leitura de textos literários, pode ser que deem certo ou não, ou que seja necessário acrescentarmos outras estratégias de leitura nas oficinas. O importante é permitirmos em nossas aulas atividades de leitura mais significativas aos alunos, que contribuam para o empoderamento de novos letramentos de forma crítica.

Assim, não basta levarmos textos literários para nossas aulas, há necessidade de mostrarmos aos alunos a função social deles, de que maneira eles podem nos ajudar a entender melhor situações reais da vida, bem como, levar os alunos a perceberem o sentido da obra, a entenderem de fato o que leem.

2.7 A questão do prazer de ler

Retomando o que já foi mencionado, o gosto pela leitura pode ser alcançado pelo esforço do professor em apresentar textos literários para os alunos e buscar com eles uma leitura agradável. Mas as típicas perguntas sobre como passar das primeiras linhas de um texto ou de um livro quase sempre sobrevivem. Devemos ler por obrigação e esperar que o gosto pela leitura apareça? Como despertar tal gosto?

Tais questionamentos nos levam a refletir sobre a questão do prazer de ler. O gosto pela leitura se aprende lendo, mas é evidente que não é lendo qualquer coisa, não é lendo o que não nos interessa. Como alunos, durante nossa formação como sujeito leitor, quantas vezes nos sentíamos desmotivados a ler porque o assunto não nos interessava no momento? Assim acontece com nossos alunos, não gostam e não leem, pois a leitura não é interessante e não faz sentido para eles na maioria das vezes.

Nossas experiências no cotidiano escolar nos mostram que a leitura em sala de aula, é, em certos casos, imposta pela escola com o objetivo de promover o conhecimento de determinados conteúdos curriculares tornando o que poderia ser um momento de descoberta, de experiência com o novo em um momento desgastante para o aluno, cuja voz não se constrange em dizer que não leu ou não conseguiu ler todo o texto porque ele é chato, ou que leu todo o texto, mas não entendeu nada.

Isso nos faz pensar que uma das possíveis causas da dificuldade ou mesmo desinteresse do aluno por qualquer leitura esteja relacionado ao gosto, ao prazer de ler. Se o aluno não desenvolveu o gosto pela leitura, nada será interessante para ele, pois mesmo que consiga decodificar as palavras não verá sentido nas mesmas e não terá desejo de ler. Também somamos a isso um repertório escasso de leitura e conhecimento de mundo que, muitas vezes, limita a compreensão de determinados contextos em textos literários.

No que se refere ao gosto pela leitura, Ferrarezi Jr. (2017, p.25) diz que “o desenvolvimento do gosto pela leitura também passa pela dimensão estética. É “‘pelo gosto que criamos o gosto’, diziam os antigos”. Para o autor, o que compramos, as nossas escolhas de parceiros e parceiras, o que comemos, a música que ouvimos, o que lemos, o que conversamos, etc, são coisas que fazemos esteticamente, pois “somos seres estéticos”, primeiro aprendemos a gostar, racionalizamos depois. (FERRAREZI JR. 2017, p.31-32). Portanto,

O gosto pela leitura é desenvolvido esteticamente [...] O desenvolvimento do gosto pela leitura percorre o mesmo caminho das descobertas da vida: primeiro o prazer, depois a intuição, e só muito mais tarde, a racionalização. Por isso, o melhor método conhecido de desenvolvimento do hábito prazeroso de leitura é a exposição constante da criança, desde a mais tenra idade, a bons e variados materiais de leitura para que ela os leia e descubra neles o prazer da leitura, sem outras obrigações, sem racionalizações, sem tarefas adicionais, sem pensar em “nota”. (FERRAREZI JR. 2017, p.32-33).

É importante ressaltar que, para o autor, a leitura tem três fases: o prazer (nos anos iniciais do Ensino Fundamental), o prazer e a intuição (nos anos finais do Ensino Fundamental) e o prazer, a intuição e a teoria- fase do formalismo (no Ensino Médio). Não se pode iniciar a leitura pulando uma das fases. Por exemplo, caso um aluno esteja nos anos finais do ensino fundamental, mas ainda não tiver passado pela primeira é por ela que deve iniciar, pois do contrário não aprenderá o gosto pela leitura. Na prática, todavia, sabemos que a escola não segue essas fases e grande parte dos alunos não consegue desenvolver o gosto pela leitura. E mesmo passando por todas, não há garantias de que o gosto se estabeleça.

A esse respeito, Jover-Faleiros (2013), referindo-se ao prazer e ao dever de ler, menciona a existência de leitores lúdicos e leitores compulsórios. O leitor lúdico lê somente por prazer, já o leitor compulsório lê por dever. Para a autora, a escola transforma o leitor lúdico em um leitor compulsório, uma vez que o leva a analisar e reproduzir determinado discurso sobre o que lê (JOVER-FALEIROS 2013, P.120). Sobre esses leitores e a formação escolar, ela se posiciona dizendo que

Se a formação escolar é uma das mais importantes mediadoras da relação livro/leitor e se julgamos importante que essa relação seja estimulada por essa formação, além de compreender qual é a natureza da distância que separa o leitor compulsório do leitor lúdico, é preciso aproximá-los ou, talvez despertar no leitor compulsório, que lê porque deve, o leitor lúdico, que lê porque quer; chegando-se, talvez, a uma espécie de síntese em que a fruição advém da compreensão do processo de construção do(s) sentido(s) no ato da leitura. (JOVER-FALEIROS, 2013, p.129)

Sobre tal posicionamento, concordamos com a necessidade de aproximação do leitor lúdico e do leitor compulsório, porém percebemos que há divergência com o que já foi mencionado por Ferrarezi Jr, quanto a iniciar por desenvolver o gosto, o prazer de ler. Então, na busca por aproximar os dois leitores, poderíamos pensar na formação de um leitor lúdico

que adquira maturidade para fazer uma leitura compulsória, o que, em alguns momentos da vida, pode acontecer.

Entendemos que o prazer é uma das fases mais importantes no processo de formação do leitor, visto que é a partir do gostar que se desenvolverão novas práticas de leitura. Por isso, é necessário que seja permitido ao leitor uma experiência de gostar por gostar, ler por ler, ler por prazer. E o que traz prazer estético, segundo Ferrarezi, pode ser a relação estabelecida entre sujeito leitor e objeto de leitura. (FERRAREZI JR., 2017)

Conforme Ferrarezi Jr. (2017, p.39), “Quando sente prazer pela leitura e, por isso mesmo, torna-se sujeito dela, o leitor dá-se o direito de intuir e agir sobre o que lê. Aí- e só aí- ele está capacitado a começar atribuir causas aos efeitos que lhe dão prazer”. É, pois, a partir do gosto pela leitura que podemos formar um sujeito leitor, que interage e age sobre o que lê, dialogando com o texto, fazendo inferências ou mesmo demonstrando os motivos de gostar das leituras.

Bloom (2001, p. 25), fazendo referência ao cânone, diz que “o motivo mais marcante, mais autêntico, que nos leva a ler, com seriedade, o cânone tradicional (hoje em dia tão desrespeitado), é a busca de um sofrido prazer” e incentiva ao leitor que procure algo que lhe diga respeito, que sirva de base para avaliação e reflexão. Que “Leia plenamente, não para concordar, tampouco para refutar, mas para buscar empatia com a natureza que escreve e lê”. (BLOOM 2001, p. 25). Tal posicionamento nos direciona para uma prática de leitura por prazer e por conhecimento do outro e de si mesmo. Para tanto, o leitor deve buscar ler o que de alguma forma lhe proporcione esse sentimento e conhecimento.

Para Antunes (2009, p.201), “o gosto por ler literatura é aprendido por um estado de sedução, de fascínio, de encantamento. Um estado que precisa ser estimulado, exercitado e vivido”. Isso evidencia que o gosto, o prazer de ler pode e deve ser desenvolvido no aluno a partir do exercício, da prática de leitura literária.

Mas em se tratando de leitura literária basta ler por ler? Para Cosson (2009), não. Para ele, para promover o letramento literário é necessário ir além da simples leitura do texto. A leitura por fruição não é o objetivo da escola, a qual deve ensinar os mecanismos de interpretação, visto que “No ambiente escolar, a literatura é um lócus de conhecimento e, para que funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada” (COSSON, 2009, p. 26-27).

No que se refere ao prazer estético, em contrapartida ao que já foi mencionado, Jouve (2012), ao abordar o Ensino de Literatura, diz que:

Ter como eixo do ensino de literatura o prazer estético comporta um duplo risco: afastar-se de uma obra interessante pelo fato de sua sedução se ter atenuado; fazer estudar um texto perfeitamente banal pelo mero motivo de ele agradar por razões conjunturais (essa é a própria definição da demagogia). Ensinar normativamente o prazer estético é não apenas impossível (e, por sinal, esteticamente discutível), como também inútil. O sentimento do belo pode ser produzido a todo momento, diante de qualquer objeto (um tecido colorido, uma silhueta graciosa, uma paisagem luminosa, etc.): para experienciá-lo ninguém tem necessidade da mediação de um ensino. (JOUVE, 2012, p.133-134)

Tal posicionamento nos faz pensar que o prazer estético na leitura literária na escola não deve ser o objetivo de ensino. Cosson (2009, p.26) parece aproximar-se dessa ideia ao questionar: “Afinal, se lemos as obras literárias fora da escola com prazer sem que nos sejam dadas instruções especiais, por que a escola precisa se ocupar de tal forma de leitura?”. Porém, para o autor, mesmo a leitura fora da escola está condicionada pela maneira como a escola ensinou. Nesse sentido, a escola apresenta influência direta na forma como o leitor concebe a leitura literária, na escola ou fora dela.

Portanto, cabe à escola desenvolver o letramento literário ao lado do prazer de ler, pois se o aluno não gostar de ler na escola também poderá ter pouco interesse por ler fora dela. É importante lembrar que não se trata apenas de ensinar o aluno a ter prazer pela leitura, mas possibilitá-lo a práticas de letramento literário de forma efetiva.

Para isso, o aluno precisa começar a ler o texto literário e a desenvolver o gosto por essa leitura, pois o prazer de ler é importante para que se forme um sujeito leitor que consiga fazer uma leitura do texto literário de forma mais abrangente. Um leitor que, a partir do gosto pela leitura, possa intuir sobre o texto, dialogar com ele, refletir e avaliar sobre o que lê.

3 MORTE E VIDA SEVERINA: A OBRA, SUAS VARIAÇÕES NA ATEMPORALIDADE E SEU VIÉS HUMANIZADOR

Falar sobre *Morte e Vida Severina* não nos parece tão fácil mediante a dimensão que a obra alcançou ao longo dos anos. Trata-se de uma obra que nos desafia e pode nos causar prazer, visto que entramos em um texto literário que nos aproxima do real e nos instiga a pensar sobre nossa realidade que caminha entre riqueza e pobreza, entre vida e morte, a partir de uma obra que se tornou universal.

A obra, poema dramático, conta a trajetória de Severino que parte do sertão a caminho de Recife, em busca de uma vida melhor. Durante o percurso, o personagem “conhece as mazelas sociais do mundo que habita, bem como a existência sofrida de seus conterrâneos.” (ZILBERMAN, 2010, p.10)

Neste texto, apresentamos a obra a partir de uma leitura voltada para seus aspectos sociais e seu viés humanizador, além de mostrar os suportes em que ela foi publicada: o livro, o livro em quadrinhos, o filme e o desenho animado (audiovisual). Mas, primeiramente, consideramos necessário nos aproximarmos um pouco do autor. Faremos, assim, uma breve discussão acerca de João Cabral de Melo Neto e sua poesia.

3.1 João Cabral e sua poesia

O autor de *Morte e vida severina* é um dos maiores poetas brasileiros. Nasceu em Recife, em 1920. Publicou seu primeiro livro, *Pedra do sono*, em 1942, *O cão sem plumas*, em 1950. Nos anos seguintes, *O rio e Morte e vida Severina*. Faleceu em 09 de outubro de 1999.

Para Tavares (2013, p. 7), “A obra de João Cabral de Melo Neto tem um perfil intensamente pessoal, pela sua sintaxe, pela sua temática e pelo olhar que lança sobre a natureza e o mundo dos homens”. Para o autor, a forma como João Cabral vê e a maneira de dizer se integram a nossa literatura. Nesse sentido, podemos pensar em um poeta que apresenta, em sua poesia, marcas de personalidade, as quais contribuíram para que ela se destacasse na literatura.

Quanto à característica temática de sua obra, conforme Zilberman (2010), o cenário e o homem nordestino aparecem de forma ampla. “Graças à ação desse escritor, o universo nordestino, apresentado de modo despojado e crítico, pôde ser incorporado à poesia brasileira, sem perda da inventividade própria à linguagem em versos” (ZILBERMAN, 2010, p.11).

Chama-nos a atenção o fato de que a temática de sua poesia parte de questões regionais e ganha uma dimensão enorme, tornando sua obra universal ao apresentar ao leitor discussões

de problemas sociais que não se restringem ao Nordeste. Aliás, o Nordeste transforma-se no mundo que nos cerca, o mundo em que vivemos, cujas mazelas sociais são tão presentes e atuais quanto as mencionadas em sua poesia.

João Cabral é, para Zilberman (2010, p.13), “um autor de dose elevada de consciência social, que transforma em linguagem artística que tanto emociona quanto leva a refletir sobre a nossa condição de brasileiros”.

A esse respeito, podemos confirmar o que nos diz a autora com a leitura de *Morte e vida severina*, cuja temática social nos leva a pensar em nossa própria condição, não somente de brasileiros, mas de seres humanos. As problemáticas sociais nos afetam diariamente, questionando nossa existência.

Como exemplo, podemos mencionar o trecho em que Severino chega à casa onde estão cantando excelências a um defunto:

_ Finado Severino,
quando passares em Jordão
e os demônios te atalharem
perguntando o que é que levas...
[...]
_ Dize que levas somente coisas de não:
fome, sede, privação.
_ Finado Severino,
etc...
_ Dize que coisas de não,
ocas, leves:
como o caixão que ainda deves. (MELO NETO, 2016, p.28)

O trecho nos mostra a condição em que muitos seres humanos, brasileiros, severinos como os chama João Cabral, vivem ou sobrevivem nesse mundo, visto que ao morrer tudo o que levam é a miséria pela qual passaram durante a vida. A pobreza é tanta que até o caixão ainda devem, fato comum entre as pessoas menos favorecidas socialmente em nosso país.

Em outro momento da poesia, Severino assiste ao enterro de um trabalhador, a cena nos mostra a condição social trágica do trabalhador que apenas após a morte consegue seu pedaço de terra:

_ Essa cova em que estás,
com palmos medida,
é a conta menor
que tiraste em vida.
_ É de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe
neste latifúndio.
_ Não é cova grande,
é cova medida,
é a terra que querias
ver dividida. (MELO NETO, 2016, p. 38)

A cena parece-nos uma denúncia da luta dos trabalhadores por um pedaço de chão. Visto que grandes extensões de terras, os latifúndios, estavam sob domínio de poucos proprietários, enquanto os trabalhadores nada tinham. Para o trabalhador, a parte que lhe cabe dessa terra é apenas aquela em que ele será enterrado, a terra que desejava ver dividida.

Atualmente, as lutas por divisão justa de terras no campo ainda são frequentes. Povos indígenas e movimentos como o MST lutam pela demarcação de terra e reforma agrária que há décadas não se concretiza na prática. Segundo Sacramento e Oliveira (2016)

[...]desde sua gênese, o processo de disputas entre o MST e fazendeiros no estado do Pará, o momento de maior tensão foi em 1996, quando ocorreu o massacre de Eldorado dos Carajás, quando 19 trabalhadores sem terra foram assassinados pela polícia militar do Estado do Pará. Esse desfecho se deu em virtude dos sem terra cobrarem a desapropriação da então fazenda Macaxeira. (SACRAMENTO; OLIVEIRA, 2016, p.132)

A violência na Amazônia pela posse da terra ainda se faz presente. Regiões paraenses continuam marcadas por conflitos agrários. Um exemplo mais recente é do assentamento Quintino Lira, em Santa Luzia do Pará, cujas famílias assentadas ali tentam resistir à desapropriação, além de outros conflitos na região Sul do Pará em decorrência da disputa pela terra que “culminaram com vários assassinatos de índios, quilombolas, colonos, advogados, freiras, padres e várias lideranças sindicais, principalmente nos idos dos anos de 1980, 1990 persistindo até os dias atuais” (SACRAMENTO; OLIVEIRA, 2016, p.139)

Vemos, portanto, que a poesia cabralina apresenta um caráter social, apontando questões que ainda hoje marcam a vida do povo brasileiro. Mas os poemas de João Cabral não foram apenas com tal característica, o autor também escreveu poemas líricos de exaltação à mulher amada. (ZILBERMAN 2010, p.12)

Segundo Secchin (2016),

A literatura de João Cabral formou-se no intervalo entre a escrita culta da casa-grande, de onde ele veio, e a voz da senzala, onde descobriu a fabulação do cordel, a métrica popular, o gosto pela narrativa e pela representação de um modelo de coisas concretas, ao alcance das mãos e dos olhos.(SECCHIN, 2016, p.9)

É essa representação de coisas concretas que nos levam para dentro da obra cabralina, nos aproxima do mundo subjetivo da literatura e, ao mesmo tempo, nos faz refletir sobre o mundo real do qual fazemos parte. Sua obra se aproxima da poesia popular, sem deixar a escrita culta.

Ao escrever *Morte e vida severina*, por exemplo, João Cabral pensou que seria popular como os cordéis, achava que estava escrevendo um poema para o povo, porém foi entre os intelectuais que atingiu sucesso inicial. (MELO NETO, 2016)

Para Lima (2016, p.85), “João Cabral é instintivo, passional no sentido de participar dos dramas do seu povo, mas ao mesmo tempo sua poesia é arquitetônica, projetada. Ele ligou os problemas concretos da terra, da natureza, a uma extrema cultura e simplicidade”. Essa afirmação nos leva a pensar em uma poesia carregada de marcas pessoais do escritor, mas com uma linguagem que nos direciona a visualizar os problemas sociais, por exemplo, de forma simples. Assim, conhecer o autor permite melhor entender sua obra, o que não interfere no olhar do leitor para outras possibilidades de leitura da poesia de João Cabral.

De acordo com Costa (2014, p.20), “João Cabral é inegável, nunca se cansou de imaginar um mundo pessoal, ou seja, um mundo afetivo, pleno de sentimento, e subjetivo”. Entendemos, com isso, que o poeta parece estar diretamente ligado aos seus poemas, diríamos mais: o poeta parece ser parte que constitui suas poesias.

A autora nos diz, ainda, que:

Seja em forma de narrativa, de imagem surrealista, de drama, de mito, de história fluvial, João Cabral é um ator nu que nada veste abstratamente; sua poesia é altamente ficcionalizante, e teatral mesmo, em função da exigência de não discursar por territórios unívocos, explorando íntimas contradições que só a poesia dissolve: pela ambivalência, pela permuta de valências básicas, pela imaginação eletiva, pela circulação metafórica. (COSTA, 2014, p.24-25)

Nesse sentido, percebemos um João Cabral longe da abstração e mais próximo do concreto, embora sua poesia seja ficcionalizante e teatral, como diz a autora. É, pois, a imaginação criativa do poeta, a linguagem utilizada, a forma como explora a poesia que nos leva a visualizar o mundo presente em sua obra.

Para Tavares (2013, p.11), João Cabral, “por mais racional que seja o seu projeto literário, é um poeta movido por intuições profundas, por sensações lancinantes que, em vez de racionalizar discursivamente, ele opta por transformar em usina geradora de imagens”. Sua poesia sugere, portanto, a geração de imagens concretas do mundo, seja o real ou o onírico.

No que se refere a *Morte e vida severina*, Tavares nos diz que foi uma obra projetada para ser encenado e “utiliza uma variedade de formatos tradicionais: a narrativa em redondilha maior, as ladainhas, as “incelências”, as sextilhas em pergunta e resposta (características da literatura de cordel) e outros modelos de origem ibérica” (TAVARES, 2013, p.10).

A poética em *Morte e vida severina* parece perfeita, pois não se pode negar o trabalho poético belíssimo feito por João Cabral, o ritmo, a linguagem e os recursos linguísticos usados. A estrutura em forma de auto, cujas cenas parecem claras ao leitor. Consegue-se ter, por exemplo, uma projeção do que irá acontecer, quem são os personagens a entrar em cena, as vozes a falar, a partir da leitura dos títulos de cada cena.

3.2 *Morte e vida severina* e suas variações

Morte e vida severina publicada em 1956, completa a trilogia escrita por João Cabral que se inicia com *O cão sem plumas*, 1950, depois *O rio*, 1954. As três obras retratam as desigualdades sociais e econômicas presentes no mundo nordestino. (ZILBERMAN, 2010)

Desde a sua primeira publicação até os dias atuais outras edições de livros com a obra *Morte e vida severina* foram publicadas. Em 2016, por exemplo, sessenta anos após a publicação da mesma, foi publicada uma edição especial dessa que é a mais famosa obra de João Cabral de Melo Neto (SECCHIN, 2016).

Conforme Zilberman (2010, p.09-10), *Morte e vida severina* “nasceu em 1955 como um auto de Natal, foi encenado em 1966 com a música de Chico Buarque de Holanda, transformou-se em filme em 1977 e, em 1981, em telefilme”. Em 2005 foi publicada a edição em quadrinhos produzida por Miguel Falcão e uma 2ª edição dos quadrinhos é publicada em 2009. A adaptação da obra em animação (audiovisual) foi um projeto realizado pela diretoria de cultura da Fundação Joaquim Nabuco em parceria com a Tv escola.

A obra publicada em livro já nos traz uma visão de como seria o personagem, o ambiente, a vida quase de morte em que Severino vivia. Com as adaptações da obra em filme, quadrinhos e depois com a transformação em desenho animado temos uma dimensão maior de como foi a trajetória de Severino, bem como nos faz perceber com riqueza de detalhes a realidade vivida pelo personagem.

O primeiro filme foi dirigido por Zelito Vianna, em 1977 e musicado por Chico Buarque. Em 1981 o filme, considerado como teleteatro ou telefilme, foi produzido pela TV Globo e dirigido por Walter Avancini que também se valeu de parte do elenco do primeiro filme e música de Chico Buarque. O filme de 1981 apresenta muitas partes do poema em forma de cantos, os personagens, em lugar do diálogo que aparece no texto escrito, cantam os versos do poema, por isso também é chamado de musical. Segue abaixo a imagem das capas do DVD dos filmes, o primeiro (1977) e o segundo (1981):



Arquivos retirados da wikipedia e do Google¹

A edição em quadrinhos nos apresenta uma visão também lúdica sobre a obra, as imagens dos desenhos nos ajudam a compreender melhor o espaço, a região e o porquê de o personagem ser apenas mais um homem comum a partilhar uma vida severina:

¹ Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Morte_e_Vida_Severina_\(filme\)#/media/Ficheiro:Morte_e_Vida_Severina_\(1977\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Morte_e_Vida_Severina_(filme)#/media/Ficheiro:Morte_e_Vida_Severina_(1977).jpg) >

Disponível em:

<<https://www.google.com/search?q=primeiro+filme+morte+e+vida+severina&sxsr=ACYBGNRBb8vA5dqIhZt wUCZUXO31YirfHg:1572833198487&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=q-K-sLw8c3fbGM%2>>

O retirante explica ao leitor quem é e a que vai



O desenho animado, baseado na versão em quadrinhos ganha vida e se apresenta como mais uma possibilidade de compreensão e interpretação da obra. O recurso audiovisual, o trabalho com as imagens e sons contribui significativamente para isso. “Preservando o texto original, a animação 3D dá vida e movimento aos personagens deste auto de natal pernambucano, publicado originalmente em 1956” (TV ESCOLA, 2012):



Fonte: Imagem retirada do Google²

Em sala de aula, os diversos suportes em que a obra se apresenta são excelentes alternativas para o trabalho com o texto literário, visto que as visões apresentadas nas adaptações não mudam o texto original, mas trazem a visão dos autores que podem contribuir para o entendimento do leitor.

No que diz respeito ao texto escrito, publicado por João Cabral de Melo Neto, é uma obra de cunho social, como já dissemos. E as questões sociais denunciadas na poesia vão além do mundo nordestino. Não é difícil nos vermos imersos em contextos sociais que parecem ser os mesmos presentes no poema. *Morte e vida severina* nos convida, enquanto leitores, a discutir problemas sociais que fazem parte da nossa vida, da nossa condição de brasileiros, pobres e vítimas de um sistema político/social que oprime os menos favorecidos.

O poema narra a história de Severino, personagem principal, que parte de sua terra natal, o interior de Pernambuco, para buscar uma vida melhor no litoral, a capital Recife. Decide ter por seu guia o rio Capibaribe, mas durante a descida percebe que o rio cortou com o verão e

² Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=morte+e+vida+severina+em+quadrinhos&sxsrf=ACYBGNSYGvQOYOFA4ThUWrSPN4BWgz3DWA:1572839732561&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=wN9TIwg8fSbn5M%253A%252C6klk2RTrgdkaom%252C_&vet=1&usq=AI4_-kRuaXi-nX6bjSTsK0ha9JFPsBIANw&sa=X&ved=2ahUKewjC1LDM1M_IAhWvEbkGHcYJAHsQ9QEwDnoECAgQBg#imgrc=RiIXviTvx3CzAM>

tem medo de se perder, mas segue o percurso caminhando pelas vilas, grandes e pequenas, formando um rosário.

Seu trajeto é marcado pela presença da morte que o persegue até seu destino, Recife, onde surge a esperança por meio do nascimento de uma criança, que é a celebração da vida, fazendo referência ao nascimento de Jesus, justificando o poema como um auto de natal pernambucano.

O autor nos mostra um personagem que, ao se apresentar, não consegue se individualizar. Conforme Secchin (1985, p.107), “A autoapresentação do personagem, na fala inicial do texto, nos mostra um Severino que, quanto mais se define, menos se individualiza, pois seus traços biográficos são sempre partilhados por outros homens”. Severino é, portanto, a representação de todos que passam pela mesma condição de sofrimento, mais próximos da morte que da vida, mas continuam na persistência por uma vida melhor.

Podemos observar isso nas falas de Severino:

Como dizer quem fala
ora a Vossas Senhorias?
Vejam: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da Serra da Costela,
limites da Paraíba.
Mas isso ainda diz pouco:
se ao menos mais cinco havia
com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
já finados Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia. (MELO NETO 2016, p. 19-20)

O trecho acima nos confirma que quanto mais o personagem tenta se identificar ao leitor como uma pessoa que se diferencia das outras, possuidor de uma identidade que só a si pertence, mais se distancia de uma característica individual que seja só dele. O seu próprio nome o afasta dessa individualidade, pois o substantivo próprio, Severino, parece-nos que vai se transformando em substantivo comum e tornando-se adjetivo à medida que caracteriza todos os indivíduos que vivem naquela região, a Serra da Costela, uma terra pobre, seca, que nada produz a não ser a miséria causada pela seca e outras mazelas sociais. E daí por diante, Severino já não é mais um só, mas muitos:

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.

E se somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre extinta,
a de querer arrancar
algun roçado da cinza. (MELO NETO, 2016, p.20-21)

Como vemos, a *morte severina* está em constante ataque à vida e não escolhe idade. Além disso, o narrador- Severino- nos leva a entender que uma boa parte da população brasileira nasce com destino traçado a uma vida de muito esforço físico, muito trabalho em uma terra morta, porém nos mostra também um Severino esperançoso, que não deixa de lutar para fazer com que a terra produza a vida de que necessita para sua sobrevivência.

Segundo Lima (2016, p.85), o poema “não é *Vida e morte severina* porque o nordestino vive em face da morte, que é uma presença constante para o homem desnutrido frente a uma natureza adversa, arriscado a toda hora a lutas terríveis”, pela posse do que lhe é essencial para sua existência: cavalo e milharal, por exemplo. A morte está mais presente no cotidiano de Severino do que a vida, aliás é a vida que ele busca encontrar saindo de sua terra.

Para o autor, *Morte e vida severina* “Socialmente, foi a denúncia da pobreza do povo” (LIMA 2016, p.87). Após anos de sua publicação, a obra continua a nos revelar a tamanha pobreza de um povo frente a uma realidade de lutas por melhores condições de vida. Quantos severinos estão a fugir da morte, agarrando-se a um fio de esperança que a vida lhes oferece?

Nosso país é marcado pela desigualdade de classes, onde os pobres estão cada vez mais sujeitos à miséria, enquanto os ricos estão em melhores condições de vida numa pirâmide social com pouca mobilidade para quem nasce na pobreza. Nesse sentido, a obra de João Cabral é muito atual, pois nos permite fazer reflexões sobre problemas sociais que envolvem tanto contexto local como global, isto é, podemos discutir sobre questões sociais que ocorrem em nossa região, bem como nas demais regiões do país e do mundo afora.

Segundo Aguiar (2015), a arte de Cabral é por ele pensada para o coletivo e mostra sofrimentos, dores universais que afligem o ser humano, padecimentos que pertencem à

essência humana e não a um indivíduo específico. Por isso é possível dizer que obra apresenta caráter universal.

Podemos fazer aqui um paralelo com nosso contexto social local, por exemplo, mais precisamente a região de Tailândia/Pará, onde a pesquisa foi desenvolvida a partir da leitura dessa obra de João Cabral de Melo Neto. Ao fazermos isso, vemos que o processo de formação dessa região foi marcado por lutas pela posse de terras, conflitos que marcaram a vida da população e ainda hoje são lembrados. A cidade surge como tentativa de minimizar a violência que crescia na região, a qual recebeu migrantes de várias regiões do país por busca de vida melhor.

Segundo Prado (2006), 1995 foi o ano com maior saldo de mortes em Tailândia. Para ela,

Podemos afirmar que a violência nessa época em Tailândia tinha duas fontes bastante interligadas, uma era os conflitos fundiários que se deflagravam ocasionados pela chegada intensiva de novos migrantes e pela ganância decorrente do interesse pela madeira e a outra residia na impunidade e mesmo conivência e participação da autoridades policiais e de membros reconhecidos da sociedade que, no entanto, não eram se quer inqueridos ou punidos pelos seus desmandos. Dessa forma a violência se reproduzia como uma forma de relação social estabelecida para resolver problemas agrários por meio da eliminação de pessoas ou da manutenção de uma ordem ou desordem imposta por madeireiros, fazendeiros e policiais civis e militares, constituindo-se na “terra do medo” (PRADO, 2006, p.125)

Fatos que se assemelham à vida difícil das pessoas que viviam na região nordestina, castigados pela miséria, a morte pela posse de terras e a busca de uma vida sem tamanho sofrimento. Além disso, há a presença de rios na região que nos lembram o rio Capibaribe mencionado no poema.

A morte esteve constante na região de Tailândia, assim como no poema. Relacionando o texto à realidade local e nos apropriando dos substantivos usados pelo personagem ao conversar com homens que carregam um defunto numa rede (MELO NETO, 2016, p.23-24), podemos dizer que as emboscadas, as “aves-balas” eram livres nessa região e faziam suas vítimas por motivos diversos e ninguém se atreveria a dizer quem soltou a tal “pássara”, assim nada poderia se fazer contra a tal espingarda.

Atualmente muitas coisas mudaram na região, porém não se pode negar que ainda há muitas pessoas partilhando uma vida severina, as mazelas sociais continuam presentes na região, seja pela falta de emprego, seja pela vida difícil dos trabalhadores na cidade ou nas fazendas e outras condições de sofrimento pelas quais passa a população.

Na trajetória do personagem, Severino se depara com o Rio Capibaribe seco em uma determinada parte, pois o rio cortou com o verão. A seca na região era tanta que mesmo o rio não fora capaz de cumprir sua sina: “Vejo que o Capibaribe/ Como os rios lá de cima, /é tão

pobre que nem sempre/ pode cumprir sua sina/ e no verão também corta,/ com pernas que não caminham”(MELO NETO, 2016, p.27).

Nessa etapa, a cena é de um monólogo do personagem que, seguindo sua viagem, ouve ao longe o que lhe parece cantoria. Então pensa que pode ser novena de Santo, mês de Maria, talvez uma festa ou dança seria.

Observamos que parece surgir em Severino a esperança de encontrar algo que não seja morte, tendo em vista que até o momento morte foi tudo que encontrou. Mas a próxima etapa é a sua chegada à casa em que estão cantando excelências para um defunto, a realidade da morte continua acompanhando o personagem em sua caminhada.

Nesse momento não há falas de Severino, apenas as vozes dos cantadores de excelências e do homem, do lado de fora, parodiando:

– *Finado Severino,
quando passares em Jordão
e os demônios te atalharem
perguntando o que é que levas...*
– *Dize que levas cera,
capuz e cordão
mais a Virgem da Conceição.*
– *Finado Severino,
etc...*
– Dize que levas somente
coisas de não:
fome, sede, privação. (MELO NETO, 2016, p.28)

As vozes dos cantadores de excelências representam o lado místico da cerimônia que é rebatido pelo personagem que canta a paródia do lado de fora. (SECCHIN, 1985, p. 109). A paródia nos parece uma forma irônica de denunciar a vida de privações, sofrimento que o morto passou em vida, pois não poderia levar consigo nada além das coisas ruins de sua vida severina.

A narrativa continua com outro monólogo. Severino, agora já cansado da viagem, pensa em parar por alguns instantes e buscar trabalho:

– desde que estou retirando
só morte vejo ativa,
só a morte me deparei
e as vezes até festiva;
só morte tem encontrado
quem pensava encontrar vida,
e o pouco que não foi morte
foi de vida severina
(aquela vida que é menos
vivida que defendida,
e é ainda mais severina
para o homem que retira).
Penso agora: mas por que
parar eu não podia
e como o Capibaribe
interromper minha linha? (MELO NETO, 2016, p.29)

O personagem se sente cansado e desanimado, pois até então encontrou somente morte, quando não foi morte foi de vida severina que é bem mais difícil para quem é retirante como ele. Severino pensa em imitar o rio (SECCHIN, 1985, p.109), e parar até que vencesse o cansaço.

O próximo diálogo ocorre entre Severino e uma mulher, rezadeira. Nesse diálogo, ele encontra mais uma vez a morte, mas sem vê-la, visto que é apenas referida no confronto entre os dois personagens. Para Secchin (1985, p.110), “O confronto entre o protagonista e uma rezadeira é um dos momentos fundamentais no embate dos dois termos que definem a condição severina”. Enquanto Severino propõe produzir vida, a rezadeira materializa sua produtividade em morte:

_Pois fui lavrador,
lavrador de terra má;
não há espécie de terra
que eu não possa cultivar.
_ Isso aqui de nada adianta,
pouco existe o que lavar;
mas diga-me, retirante,
que mais fazia por lá?
[...]
_Tirei mandioca de chãs
que o vento vive a esfolar
e de outras escalavradas
pela seca faca solar.
[...]
_Agora se me permite
minha vez de perguntar:
como a senhora, comadre,
pode manter seu lar?
_Vou explicar rapidamente,
logo compreenderá:
como aqui a morte é tanta,
vivo de a morte ajudar. (MELO NETO, 2016, p. 31-34)

A morte é tanta que não é possível outro trabalho além das “profissões que fazem/ da morte ofício ou bazar” (MELO NETO, 2016, p.35). Viver da morte é a única alternativa nesse lugar, pois “Só os roçados da morte /compensam aqui cultivar” (MELO NETO, 2016, p. 35), não dá trabalho como os outros, basta apenas semear. A estiagem e as pragas que destroem as outras plantações ajudam a crescer, a prosperar os roçados da morte.

Seguindo sua jornada, o personagem chega à Zona da Mata e percebe que a terra é mais bonita, tem água, é cheia de vida, pensa que não será difícil trabalhar nessa terra mais produtiva para ele que já enfrentou trabalho pesado a vida toda. Sente esperança novamente, pois imagina que nesse lugar a morte não faça morada:

Decerto a gente daqui
jamais envelhece aos trinta
nem sabe da morte em vida

vida em morte, severina; (MELO NETO, 2016, p.37)

Mas não vê sinal de pessoas nesse lugar, até avistar um cemitério, se aproxima e assiste ao enterro de um trabalhador. Então percebe que a morte severina também está presente ali. Essa cena mostra através das vozes dos amigos do morto como foi a vida dele, como foram as privações, a falta de tudo que ele precisava para viver, o desejo de ver todo aquele latifúndio dividido entre o povo trabalhador.

De acordo com Secchin (1985, p. 111), nesse diálogo, “dois personagens comparam a penúria da vida à irônica melhoria de *status* encetada pela morte”, pois a morte, vista por nós como algo ruim, parece ser o que de melhor poderia ter acontecido a ele diante das condições em que vivia. Agora, ele será senhor de tudo, não terá que dividir mais nada trabalhando a meias, como fazia antes “em terra alheia”.

“Mas o descanso além da vida é relativo, pois a obrigação de “trabalhar a terra” continua a perseguir o morto, da mesma forma que o sujeitara quando vivo” (SECCHIN, 1985, p. 111). Podemos pensar aqui que, para Secchin, a morte não traz tantos benefícios, já que o trabalho pesado continua após a morte.

Nesse sentido, podemos refletir que imaginar a morte enquanto saída de uma vida severina não seria uma solução, visto que a morte também é severina. O poema nos mostra isso desde o título e vai deixando pistas ao longo do texto de que o adjetivo severina faz referência à vida e à morte. O personagem é sobrecarregado pelo peso desse adjetivo, sua vida mais parece morte e são suas experiências com a morte que o fazem desistir da vida, já que de vida ele pouco conseguiu ver em sua caminhada.

No que se refere à questão social, esse momento enfatiza uma situação relevante para discussões em sala de aula, visto que abrange uma realidade muito próxima dos alunos, a luta pela posse de terras na região, a vida severina de muitos trabalhadores que saem e/ou chegam na região à procura de melhorias, assim como os latifundiários buscando crescer cada vez mais em seus domínios.

Além disso, as falas no diálogo parecem uma sequência de uma reza, como as de um rosário, o que nos faz ver a ênfase na questão religiosa que aparece ao longo da poesia. O personagem sempre menciona palavras relacionadas à tradição religiosa. Nesse momento apenas as ouve, o que nos faz ver a fé ligada ao catolicismo muito presente no poema:

_Este chão te é bem conhecido
(bebeu o moço antigo)
_Este chão te é bem conhecido
(bebeu tua força de marido)
[...]
_Não tens mais força contigo:

deixas-te semear ao comprido.
 _ Já não levas semente viva:
 teu corpo é a própria maniva.
 [...]
 _ Na mão direita um rosário,
 milho Negro e ressecado.
 _ Na mão direita somente
 o rosário, seca semente. (MELO NETO, 2016, p. 40-41)

Em seguida, o retirante aparece em outro monólogo explicando ao leitor que: o que o motivou a sair de sua terra não foi a cobiça, apenas quis defender sua vida da tal velhice antes dos trinta, quis viver mais que os vinte a que chegou vivendo lá na serra. Porém, não viu muita diferença entre os lugares por onde passou; entre a Mata e a Caatinga, por exemplo, a única diferença é que a terra da Mata é macia. (MELO NETO 2016, p.42)

A morte está presente em todos os lugares, então decide apressar os passos para chegar logo a Recife. Ao chegar, decide se sentar para descansar e ouve a conversa entre dois coveiros:

_ O dia de hoje está difícil;
 não sei onde vamos parar.
 Deviam dar um aumento,
 ao menos aos deste setor de cá.
 As avenidas do centro são melhores,
 mas são para os protegidos:
 há sempre menos trabalho
 e gorjetas pelo serviço;
 e é mais numeroso o pessoal
 (toma mais tempo enterrar os ricos)
 _ Pois eu me daria por contente
 se me mandassem para cá.
 se trabalhasse no de Casa Amarela
 não estarias a reclamar.
 De trabalho no Santo Amaro
 deve alegrar-se o colega
 porque parece que a gente
 que se enterra no de Casa Amarela
 está decidida a mudar-se
 toda para baixo da terra. (MELO NETO, 2016, p.44)

A conversa entre os coveiros parece sugerir a divisão de classes sociais, os ricos, os de classe média e os pobres. E como esta divisão é normal mesmo no cemitério, até na morte o homem é tratado de acordo com sua classe social. Na discussão percebemos que os coveiros almejam mudar de local em que trabalham, mostrando como é difícil para quem trabalha na parte do cemitério onde são enterrados os pobres, pois para os pobres a morte é mais frequente, além de nos sugerir que o trabalho é mais fácil para quem trabalha na área dos ricos.

Segundo Secchin,

A chegada a Recife em nada altera a imersão de Severino num espaço saturado de corrosão, e a escuta do diálogo entre os dois coveiros lhe fortalece a intuição de que a retirada foi inútil. A maior diferença entre os mortos do Interior e os da Capital reside, no último caso, na duplicação *post mortem* da rígida diferenciação social que separava homens em vida, contrariamente a morte geral e anônima do Interior. A paródia da

estratificação social leva, inclusive, a que os cemitérios da cidade sejam passíveis de uma divisão em “bairros”, correspondentes aos diversos graus de miséria ou riqueza. (SECCHIN, 1985, p.112)

Assim, vemos que os bairros no cemitério são caracterizados pela condição social que teve o indivíduo em vida. Na pirâmide social, estão no topo as avenidas do centro, onde são enterrados os ricos. A pobreza é subdividida em subníveis, sendo que os corpos que chegam no cemitério de Santo Amaro são comparados a comboios chegando às estações de trens; já no de Casa Amarela a morte se multiplica, sendo comparada à parada dos ônibus, com enormes filas. Esse último também é dividido, e ocupando a base da pirâmide, estão os mais pobres, os “retirantes severinos”. (SECCHIN,1985, p.113). Vejamos:

As avenidas do centro,
onde se enterram os ricos,
são como porto do mar;
não é muito ali o serviço:
no máximo um transatlântico
chega ali cada dia,
[...]
Mas este setor de cá
É como a estação dos trens:
Diversas vezes por dia
chega o comboio de alguém.
[...]
o que dizer de Casa Amarela
onde não para o vaivém?
Pode ser uma estação,
Mas não estação de trem:
Será parada de ônibus,
Com filas de mais de cem.
[...]
_No de Casa Amarela me deixou,
Mas mudou de arrabalde.
_ E onde vais trabalhar agora,
Qual o subúrbio te cabe?
_Passo para o dos industriários,
[...]
_É deixo o subúrbio dos indigentes
[...]
É gente de enterros gratuitos
e dos defuntos ininterruptos.
É a gente retirante
Que vem do sertão de longe. (MELO NETO,2016, p. 45-48)

A morte é mais presente no subúrbio dos indigentes, o povo retirante é o que mais morre por ali. O trabalho é maior nesse setor, os mortos não cessam, por isso o coveiro quer mudar de lugar. É interessante o diálogo dos coveiros, pois nos revela que mesmo na morte a divisão social é percebida, aqui não interessa o que vai ocorrer após a morte, mas como as pessoas são tratadas tanto em vida quanto em morte dependendo da classe social a que pertencem.

Além disso, o texto enfatiza que os retirantes caminham para seu próprio enterro, visto que ao chegarem na cidade não encontraram a vida melhor que pensavam que encontrariam.

Assim, o melhor seria para eles a morte que é sugerida por um dos coveiros: “Na verdade, seria mais rápido/ e também mais barato/ que os sacudissem de qualquer ponte/ dentro do rio da morte”. (MELO NETO, 2016, p.49).

Hoje, isso também pode ocorrer com pessoas que chegam à nossa região de Tailândia/PA esperando encontrar melhores condições de vida, por meio de um emprego e o distanciamento da violência, o que nem sempre acontece, pois a falta de emprego é uma realidade por aqui, além da violência sempre presente das mais diversas formas.

Diante de todas as situações que aproximam Severino mais da morte do que da vida, ele pensa em tirar sua vida atirando-se do Rio Capibaribe. Parece-lhe a melhor saída, já que ainda tem um fio de vida e nenhuma possibilidade de uma nova vida que não seja tão severina. Mas antes que se atire no rio, um morador de um dos mocambos próximos do cais, seu José, mestre carpina, se aproxima e tenta convencê-lo de que a vida, mesmo severina vale a pena ser vivida:

_ Severino, retirante,
o meu amigo é bem moço;
sei que a miséria é mar largo,
não é como qualquer poço:
mas sei que para cruzá-la
vale bem qualquer esforço.
_ Seu José, mestre carpina,
e quando é fundo o perau?
Quando a força que morreu
nem tem onde se enterrar,
por que ao puxão das águas
não é melhor se entregar? (MELO NETO, 2016, p.53)

Observamos que a vida para seu José é valiosa, a miséria pode ser vencida, vale qualquer esforço, mesmo que seja muito grande. Já Severino não se convence e quer que seu José lhe diga por que não seria melhor se entregar, se jogar da ponte quando não se tem nem onde se enterrar quando já estiver morto.

Seguindo a conversa, Severino pergunta ao mestre carpina:

Seu José mestre carpina,
que lhe pergunte permita:
há muito no lamaçal
apodrece sua vida?
e a vida que tem vivido
foi sempre comprada a vista?
_ Severino retirante,
sou de Nazaré da Mata,
mas tanto lá como aqui
jamais me fiaram nada:
a vida de cada dia
cada dia hei de comprá-la. (MELO NETO, 2016, p. 54-55)

Nesse momento da conversa vemos que Severino faz menção à forma de vida que seu José levava, seria uma vida menos severina? Teve mais facilidade que o retirante? Pela resposta

de seu José a vida não foi fácil, viveu sempre a vida a cada dia, e a cada dia teve de pagar por ela à vista, pois ninguém nunca lhe fiou nada. Porém, nem por isso pensava em desistir de vivê-la.

A cena continua a nos mostrar que a vida é superior à morte e que não devemos nos abater pelas dificuldades. É o que o mestre carpina tenta dizer a Severino quando a todo instante está a defender a vida enquanto Severino pensa apenas na morte. A discussão é interrompida pelo nascimento do filho do carpinteiro. Seu José é chamado a saber sobre a criança:

_ Compadre José, compadre,
Que na relva estais deitado:
Conversais e não sabeis
Que vosso filho é chegado?
Estais aí conversando
Em vossa prosa entretida:
Não sabeis que vosso filho
Saltou para dentro da vida? (MELO NETO, 2016, p.55-56)

Nesse trecho vemos o paradoxo experienciado por Severino que antes pensava em saltar “fora da ponte e da vida” (MELO NETO, 2016, p.55) e agora vivencia o nascimento, a criança “saltou para dentro da vida” (MELO NETO, 2016, p.56). Enquanto ele, Severino, pensava em tirar a vida, a vida parece surgir trazendo esperança com o nascimento do menino, na representação do auto de Natal.

A cena segue fazendo referência ao nascimento de Jesus Cristo. A criança nascida é o filho de seu José que, assim como o pai de Jesus, também é carpinteiro, sua cidade natal é Nazaré da Mata, o que nos remete à cidade de Nazaré de onde eram os pais de Jesus. A criança recebe presentes das pessoas, fazendo referência aos reis magos que presentearam o menino Jesus ao nascer. Essa etapa do poema mostra com clareza o porquê de a obra ser um Auto de Natal Pernambucano.

Conforme Secchin (1985),

A presença de seu José propicia a passagem para o que Benedito Nunes chamou de “o auto dentro do Auto”, com a transposição à paisagem nordestina dos elementos que tradicionalmente representam a celebração do nascimento de Cristo, e a esperança num tempo mais justo que daí decorre. (SECCHIN 1985, p.114)

A cena mostra, portanto, a celebração da vida, a esperança de dias melhores, uma vida de menos sofrimento, menos severina. Se até o momento o personagem nada conseguiu encontrar além de morte, surge para ele um fio de esperança de que a vida vale a pena. Assim como para os Cristãos o nascimento de Jesus representa esperança de salvação, o nascimento do filho de seu José dentro do auto representa a possibilidade de uma nova vida.

Secchin (1985, p.114) nos diz ainda que “A função sacralizadora do Auto é neutralizada pela vinculação do ‘celebratório’ à contingência da realidade mais ‘impura’”, pois se

inicialmente a fala dos vizinhos segue de maneira tradicional a celebração, em seguida chama-se um ambiente deteriorado, podre, suspendendo por um momento tais características:

_ Todo o céu e a terra
 lhe cantam louvor.
 Foi por ele que a maré
 esta noite não baixou.
 _ Foi por ele que a maré
 fez parar o seu motor:
 a lama ficou coberta
 e o mau cheiro não voou. (MELO NETO 2016, p. 56)

Essa evocação ao ambiente corroído em que nasce o menino nos chama a atenção para que não deixemos de enxergar a realidade em que crescerá a criança, mas por causa dele o ambiente foi modificado momentaneamente, já apontando a celebração a vida.

Ao final da narrativa, mestre carpina diz a Severino que já não sabe se não vale mais saltar para fora da vida, como ele lhe perguntara antes, só com palavras é difícil responder, principalmente quando a vida é severina, mas se não pôde responder:

ela, a vida, a respondeu
 com sua presença viva.
 E não há melhor resposta
 que o espetáculo da vida:
 vê-la desfiar seu fio,
 que também se chama vida,
 ver a fábrica que ela mesma,
 teimosamente, se fabrica,
 vê-la brotar como há pouco
 em nova vida explodida;
 mesmo quando é assim pequena
 a explosão, como a ocorrida;
 mesmo quando é uma explosão
 como a de há pouco, franzina;
 mesmo quando é a explosão
 de uma vida severina. (MELO NETO 2016, p. 65)

Esse trecho final do poema nos parece revelar a resposta ao personagem, a vida a que buscara desde sua retirada estava viva em si mesmo, a força que ele carregara todo o tempo em busca de uma vida melhor. O poema, portanto, além de apresentar uma denúncia das mazelas sociais, o sofrimento do povo, como já mencionado pelos autores citados nesse texto, nos remete também à esperança e ao valor à vida. Essa vida que vale muito, mesmo que a vida seja severina.

Isso nos faz lembrar o caráter humanizador da literatura, visto que essa obra pode tocar o leitor, fazê-lo refletir sobre as questões sociais denunciadas, pode despertar nele a esperança e transformá-lo por meio da leitura. Mas o que é a literatura? Como pode ela transformar o leitor? Para melhor esclarecer essas questões, abordaremos brevemente conceitos de literatura e de seu caráter humanizador.

3.3 A literatura e seu caráter humanizador presente em *Morte e Vida Severina*

A história da literatura nos mostra vários conceitos que nos permitem compreender como ela é vista hoje. Mesmo com isso, não nos parece fácil conceituá-la. Segundo Eagleton (2006, p.07), sobre a visão dos formalistas, “a literatura é uma forma "especial" de linguagem, em contraste com a linguagem "comum", que usamos habitualmente”, a literatura se constitui de uma linguagem que renova nossas ações do cotidiano e pode nos tornar menos automatizados, visto que:

Na rotina da fala cotidiana, nossas percepções e reações à realidade se tornam embotadas, apagadas, ou, como os formalistas diriam, "automatizadas". A literatura, impondo-nos uma consciência dramática da linguagem, renova essas reações habituais, tornando os objetos mais ‘perceptíveis’”. (EAGLETON, 2006, p. 5-6).

A esse respeito vemos que a literatura pode nos permitir uma tomada de consciência a partir do enfoque à maneira de falar e não na realidade do que é falado, o que nos faz reagir diante dos fatos a nossa volta. Em *Morte e vida severina* a linguagem utilizada nos permite essa percepção.

Conforme o autor, a literatura não pode ser definida objetivamente, entendida de forma pragmática, isto é, com uma finalidade prática. Assim, literatura é definida a partir da forma como se lê um texto. Entendemos, com isso, que pode ser considerado como literatura tudo o que o leitor lê de forma subjetiva, é antes um discurso não pragmático, pois “não tem nenhuma finalidade prática imediata, referindo-se apenas a um estado geral de coisas” (EAGLETON, 2006, p. 11).

Para Compagnon (1999):

O sentido moderno de literatura (romance, teatro e poesia) é inseparável do romantismo, isto é, da definição da relatividade histórica e geográfica do bom gosto, em oposição a doutrina clássica da eternidade e da universalidade do cânone estético. Restrita à prosa romanesca e dramática, e a poesia lírica, a literatura é concebida, além disso em suas relações com a nação e com sua história. A literatura, ou melhor, as literaturas são, antes de tudo, nacionais. (COMPAGNON, 1999, p.32)

Nesse sentido, a literatura é entendida como algo que não está restrito ao cânone, à poesia lírica, ao romance e ao teatro. Mas é algo que envolve relações com uma nação e sua história, o que nos permite pensar que se trata das manifestações do povo em todas as culturas e em todas as épocas. Por isso de o autor nos afirmar que as literaturas são nacionais.

Atualmente, segundo Compagnon (2006), o conceito para literatura foi ampliado: “O termo *literatura* tem, pois, uma extensão mais ou menos vasta, segundo os autores, dos clássicos escolares à história em quadrinhos, e é difícil justificar sua ampliação contemporânea”. (COMPAGNON, 1999, p.34).

Sobre isso, podemos inferir que o que antes não era considerado como literatura hoje é, e não é possível explicar esse crescimento. O que sabemos é que a literatura está presente nos mais diversos espaços sociais.

Conforme Candido (1995), a literatura de maneira ampla trata de:

todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 1995, p.242)

Para ele, sob esse olhar a literatura “aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos” (CANDIDO, 1995, p. 242). Entendemos com isso que a literatura se faz presente nas mais diversas práticas sociais, apresentado-se com grande importância para as relações em sociedade. Sobre isso, Candido (1995) nos diz ainda que a literatura é uma necessidade universal, pois “talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (CANDIDO, 1995, p. 243)

Vista dessa maneira, a literatura é tudo que é capaz de tocar o indivíduo e transformá-lo. São todas as manifestações culturais, sejam orais ou escritas em todos os espaços sociais, não sendo possível viver sem estar envolvido em alguma dessas manifestações. Ela pode nos humanizar, não no sentido de nos corromper, modelar ou edificar, mas no sentido de nos fazer refletir e nos colocar no lugar do outro.

Assim, “ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente.” (Candido, 1995, p.243).

A obra *Morte Vida Severina* apresenta esse caráter humanizador, uma vez que ao apresentar denúncias das mazelas sociais, faz-nos pensar, questionar as problemáticas tão presentes em nossa realidade social. É uma obra capaz de transformar o leitor à medida que ele se vê ou reconhece alguém como o personagem e tenta se pôr no lugar dele.

4 A PRÁTICA EM SALA DE AULA: ETAPAS DO LETRAMENTO LITERÁRIO EM *MORTE E VIDA SEVERINA*

4.1 A escola

A prática de letramento literário em sala de aula foi aplicada em forma de projeto desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Manuel de Araújo-Tailândia/PA, com alunos do 8º e 9º ano do ensino fundamental II.

A escola, além das salas de aula, conta com laboratório de informática, sala de recursos multifuncional e sala de leitura. A mesma atende cerca de 1.227 alunos (dados de 2018), entre alunos que residem na cidade e na área rural do município. Teve como diretora a professora Lairy Sameline Barreto da Silva, em 2018, cujo apoio foi muito importante para o desenvolvimento do projeto.

Em 2019 houve troca da equipe de direção da escola, o que tem acontecido em todos os anos da atual gestão municipal. Em relação ao projeto, isso nos gerou uma certa dificuldade no que se refere aos materiais que precisamos utilizar durante as atividades, como a impressão dos textos, obra *Morte e Vida Severina*, visto que não tínhamos livro para todos os alunos. Percebemos que o projeto não foi visto por parte da equipe gestora como uma prática que fosse contribuir para o aprendizado dos alunos, apenas como uma obrigação exigida pela Universidade em benefício apenas do professor enquanto aluno do mestrado.

Sobre o espaço e contexto em que surgiu a escola, o município de Tailândia,

surgiu na década de 70, por ocasião da construção da PA-150, que corta o Estado do Pará de norte a sul foi um dos principais motivos que contribuíram com os conflitos pela terra entre fazendeiros – que buscavam incentivos fiscais junto à SUDAM, grileiros – pessoas que se apossavam da terra para fins especulativos e reserva de valor – e posseiros – trabalhadores rurais e pequenos proprietários que se estabeleceram na terra e acompanhavam a abertura da estrada. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO JMA, 2019)

Nesse contexto, muitas pessoas migraram de outros estados, constituíram residência nessa região e ajudaram na formação da população. Entre os que migraram para Tailândia, destacam-se pessoas dos estados do “Maranhão, Goiás, Minas Gerais, Espírito Santo, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, o que, certamente contribui para a existência de uma rica diversidade pátria e uma valiosa manifestação cultural” (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO JMA, 2019).

A escola José Manuel de Araújo, conhecida pela população como JMA, é localizada na área urbana de Tailândia. E surgiu dentro do contexto de uma cidade em desenvolvimento, com alto índice de violência. Segundo informações no Projeto Político Pedagógico da escola

No início de 2008 o município foi submetido a “**Operação Arco de Fogo**”, fato que decididamente corroborou para o acréscimo do índice de desemprego local. Em 2007, o município foi apontado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação - CNTE como o município mais violento do Pará e o 7º do Brasil e em 2008 as pesquisas o apontam como o 6º mais violento do país. (PROJETO POLÍTICO PEAGÓGICO JMA, 2019)

No que se refere aos estudantes, a escola recebe alunos da área urbana e rural do município. E além de ofertar o ensino fundamental de 6º ao 9º ano, oferta ensino na modalidade de Educação de Jovens e Adultos- EJA, sendo que as turmas de EJA são na maioria das vezes formadas por alunos repetentes nas séries regulares. Houve na escola vários casos de alunos envolvidos na criminalidade e drogas, que usaram o espaço escolar para suas práticas. Por isso, a escola não era bem vista pela comunidade local.

Por outro lado, apresenta uma equipe de professores qualificados, a maioria concursados, com formação específica na área que atuam. Alguns já trabalham nessa escola há muitos anos e desenvolvem um excelente trabalho, o que tem contribuído para o aprendizado dos alunos e mudado o olhar da população sobre a escola.

4.2 Os sujeitos da pesquisa

A turma de 8º ano, na qual foram desenvolvidas as atividades do projeto, em 2018, era formada por 35 alunos, sendo um deles deficiente visual. Estudavam pela manhã, de 7: 30 às 12:15, mas nem todos foram frequentes em todas as aulas referentes à prática do projeto.

Em 2019, trabalhamos novamente atividades de leitura com a obra *Morte Vida Severina*, mas com duas turmas de 9º ano: MF901 com 34 alunos e MF902 com 35 alunos, no turno da manhã. A maior parte dos alunos da MF902 estudaram juntos na turma de 8º ano de 2018 que desenvolveu as práticas de leitura com *Morte e Vida Severina*, enquanto na MF901 apenas dois alunos participaram do projeto nessa turma no ano anterior.

Esses alunos tinham, a maioria, idade entre 13 e 14 anos, nesse período. Muitos deles não nasceram em Tailândia e desconheciam o contexto de formação do município. Mas sabiam da fama de cidade violenta que esta teve por muitos anos. Além de vivenciarem outra realidade de violência pela qual passa o lugar onde vivem.

4.3 A prática em sala de aula: oficinas de leitura literária com alunos do 8º ano

As atividades de letramento literário, desenvolvidas em 2018, foram elaboradas considerando a sequência básica proposta por Cosson (2009): motivação, introdução, leitura e interpretação, com leituras por meio de oficinas, conforme as estratégias de leitura apontadas por Girotto e Souza (2010), sobre a obra *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto.

As oficinas de leitura foram desenvolvidas entre os meses de novembro e dezembro de 2018, com início em 06/11 e fim no dia 05/12/2018. A primeira etapa do projeto foi a apresentação do mesmo aos alunos, no dia 06/11. Na sequência tivemos a aplicação das seguintes oficinas:

- Oficina 1: Motivação e introdução, cujos objetivos foram motivar os alunos à leitura e apresentar o autor e a obra, mostrando a sua importância para esse momento de introdução da atividade de letramento com a obra *Morte e Vida Severina*. De modo geral, buscamos verificar o que os alunos seriam capazes de falar sobre a obra naquele momento introdutório.

- Oficina 2: Leitura da obra *Morte e Vida Severina*: livro, animação e filme. O objetivo dessa aula foi trabalhar a estratégia de leitura: conexões- Conhecimentos prévios.

- Oficina 3: Interpretação final: Exposição literária *Morte e Vida Severina*

Seguem, abaixo, as oficinas desenvolvidas, bem como as estratégias de leitura praticadas.

OFICINA 1: Motivação e introdução

Tempo estimado: 90 minutos

Iniciamos a oficina com a atividade de motivação/introdução de leitura. Na primeira etapa apresentamos a atividade, dividimos a turma em cinco grupos; cada grupo ficou responsável por pesquisar e fazer discussão em sala sobre as seguintes informações da obra:

- 1º grupo: as capas do livro. Eles pensaram e discutiram em grupo sobre a relação possível entre elas e o texto que iriam ler;

- 2º grupo: O nome do personagem. Os alunos fizeram uma reflexão, por exemplo, sobre quem é um Severino;

- 3º grupo: O autor. Os alunos apresentaram uma breve biografia do autor;

- 4º grupo: O espaço. Explicaram um pouco sobre o ambiente, os lugares por onde Severino passou;

- 5º grupo: O título. Expuseram o sentido que encontraram para título, o que eles entenderam significar *Morte e Vida Severina*.

Os grupos iniciaram essa etapa com a prática da pesquisa e depois discussão em grupo acerca do assunto direcionado a cada um. Para isso, os alunos foram para o laboratório de

informática, sala de leitura ou permaneceram em sala de aula, conforme a necessidade de cada grupo. A última etapa dessa oficina foi uma roda de conversa acerca dos achados dos alunos sobre a obra em estudo. Em seguida houve breve avaliação sobre essa experiência na oficina.

Essa oficina teve início em 06/11/18, após apresentação do projeto. Não foi possível, porém, concluí-la no tempo estimado, pois ocorreram imprevistos no momento da execução. Na prática, houve apresentação da atividade, seguida da divisão da turma em grupos e sorteio do assunto referente à obra para pesquisa e discussão de cada equipe. Para essa atividade, cada grupo ficou composto por sete integrantes, mas dois alunos não participaram de toda a atividade, pois faltaram na aula que seria para concluírem essa oficina.

A segunda etapa dessa oficina não foi finalizada na escola, pois apenas uma equipe- a que ficou responsável por falar sobre as capas do livro- conseguiu executar a atividade, reunindo-se e discutindo sobre as diferentes capas do livro.

Foto 1- Equipe discutindo sobre as capas do livro



Fonte: Arquivo pessoal

As equipes que precisaram fazer pesquisa no laboratório de informática não conseguiram devido a problemas com a internet no momento da aula. Com isso, pediram para fazer a pesquisa fora da escola, após o período de aula, e apresentarem na aula seguinte. Assim, entramos em acordo que a próxima etapa ficaria para outra aula, a do dia seguinte.

Na aula seguinte, 07/11, no primeiro momento, as equipes com a pesquisa já em mãos, reuniram-se e discutiram entre si. Em seguida cada equipe apresentou para a turma o que conseguiram encontrar e entender sobre obra a partir da pesquisa e discussão em grupo. Por

fim, fizeram uma avaliação da atividade e do trabalho em grupo falando, por exemplo, como ocorreu a participação de cada um no trabalho.

A primeira equipe a se apresentar falou sobre o título, expondo para a turma o entendimento que tiveram acerca do mesmo. A equipe fez uma excelente apresentação, embora uma aluna não tenha participado ativamente da atividade conforme avaliação do próprio grupo.

Foto 2- Apresentação em grupo



Fonte: arquivo pessoal

A segunda equipe a fazer apresentação falou sobre o autor, expondo uma breve biografia de João Cabral de Melo Neto. Todos participaram da oficina. E na avaliação da equipe, os alunos tiveram problemas de organização no grupo, o que interferiu na apresentação. Mesmo assim gostaram da oficina.

A terceira apresentação foi sobre as capas do livro. Os alunos mostraram as capas e cada um fez uma leitura conforme a interpretação que tiveram para cada uma. Para essa apresentação a equipe utilizou dois livros impressos, com capas diferentes e outras capas foram apresentadas através do computador.

Foto 3- alunos falando sobre as capas de *Morte e Vida Severina*



Fonte: arquivo pessoal

Para eles, as capas dizem muito sobre a obra, pois cada imagem representa algo sobre ela. Uma delas, por exemplo, de acordo com suas interpretações, representa o nascimento de uma vida Severina; já a capa da história em quadrinhos, com a imagem do Severino e uma sombra, para eles representa a vida e a morte, Severino era sempre perseguido pela morte por meio de uma vida de sofrimento. A capa do livro de edição especial, com a imagem de um urubu, na visão do grupo, significa morte, dor e sofrimento.

Essa equipe fez uma excelente apresentação, todos os alunos se empenharam na atividade em todas as etapas. Um dos alunos dessa equipe é deficiente visual e participou ativamente da oficina, os colegas o ajudaram descrevendo as imagens e detalhes das capas para que ele participasse da discussão em grupo e da apresentação. Na avaliação da oficina demonstraram grande entusiasmo com a atividade, gostaram muito e se interessaram em saber mais sobre a obra.

A quarta equipe apresentou o espaço em que a obra acontece. Assim, falaram sobre a região que Severino percorreu durante o seu trajeto pelo Rio Capibaribe, desde a saída de sua terra até a chegada a Recife, mas os alunos tiveram dificuldades em expor sobre o assunto. Consideraram na avaliação, que houve falta de organização da equipe, o que gerou confusão ao falarem do assunto.

A quinta equipe falou sobre o personagem Severino, mas não falou muito sobre sua interpretação ou hipótese acerca de quem é o personagem na obra. Inicialmente disseram que *Morte e vida Severina* é um poema dramático. Falaram a data de publicação, autor, conforme pesquisa que fizeram no *google*, para depois mencionarem o personagem Severino, mas parte

da equipe apenas leu o texto pesquisado. Durante o momento de discussão em grupo, essa equipe pouco discutiu sobre o assunto, o que gerou também desorganização na apresentação.

De modo geral, as equipes fizeram uma autoavaliação e avaliaram a oficina. A maioria reconheceu que teve problemas no trabalho em equipe, pois alguns colegas não participaram ativamente de todas as atividades propostas. No que se refere à oficina, a maioria dos alunos demonstraram interesse, mas nem sempre se organizaram adequadamente.

No final dessa aula direcionamos a leitura da obra às equipes, que seria feita na próxima oficina. Como não havia livro na escola para todos os alunos, a escola imprimiu a obra para que cada aluno recebesse um exemplar. Com a obra em mãos, cada equipe já pôde fazer uma leitura prévia em sua casa.

OFICINA 2: Leitura da obra *Morte e Vida Severina*

Aula introdutória: Leitura de apresentação da obra original escrita por João Cabral de Mello Neto (em grupo) - 45 minutos

Os alunos fizeram a primeira leitura, em grupo, da obra *Morte e Vida Severina*. Em seguida, outra leitura do trecho inicial do poema, a apresentação de Severino- “O retirante explica ao leitor quem é e a quem vai”- Partindo de seus conhecimentos prévios discutiram com seus colegas de grupo e, na sequência, com a turma. Expuseram o que conseguiram encontrar no texto, assim como as dificuldades que sentiram na leitura.

Prática guiada: ensino das inferências, visualização- 20 minutos.

Para essa prática, os alunos leram o trecho: Encontra dois homens carregando um defunto numa rede, aos gritos de “Ó irmãos das almas! Irmãos das almas! Não fui eu quem te matei não!”.

Orientamos os alunos em grupos durante a leitura do texto. Para isso, entregamos aos alunos um roteiro de questões que conduziram a conversa. Assim, praticamos juntos, uma estratégia de leitura partilhada, fazendo reflexões sobre o texto e construindo significados para ele por meio da discussão

Os alunos inferiram sentidos ao texto, atribuindo significado a palavras desconhecidas, por exemplo. Assim utilizaram seus conhecimentos prévios e estabeleceram relações com as dicas do texto para concluir seu entendimento sobre o mesmo. Com isso, tentaram prever, criar uma interlocução com o texto.

Leitura independente 1: sumarização- 25 minutos.

Os alunos fizeram a leitura independente do trecho “O retirante tem medo de se extraviar por seu guia, o Rio Capibaribe, cortou com verão”.

Nessa etapa, orientamos aos alunos como fazerem a leitura, com marcações a lápis ao lado do texto, etc. Porém, os alunos fizeram, sozinhos, a prática dessa estratégia. Anotaram sobre o conhecimento prévio: fatos que já sabiam sobre a obra (o trecho em estudo), observaram a estrutura do texto, se havia subtítulos importantes e fizeram perguntas ao texto.

A aula introdutória da oficina 2 foi executada no dia 12/11/18. Nessa etapa, os alunos fizeram a leitura do texto original, em grupo, sendo que cada grupo leu em voz alta um trecho diferente da obra, seguindo a sequência do texto, de forma a contar a narrativa de acordo com suas interpretações. Assim, algumas equipes fizeram uma leitura incorporando as vozes dos personagens, considerando o ritmo do poema e até o sotaque regional nas vozes dos personagens.

Reunidos em grupo, voltaram à leitura do trecho inicial para discussão considerando seus conhecimentos prévios. Nesse momento da leitura os alunos demonstraram dificuldade para compreender o texto devido à existência de palavras que não conheciam, o que ocorreu durante a leitura completa da obra, mas que não foi impedimento para uma compreensão geral sobre o texto.

A próxima etapa da oficina foi prática guiada que aconteceu no dia 13/11/18. Nessa etapa orientamos as discussões em grupo. Os alunos apresentaram dificuldade para entender significados de algumas palavras, mesmo fazendo inferências com palavras conhecidas. Assim, houve necessidade de uso do dicionário. Algumas perguntas foram direcionadas às equipes para ajudá-los na compreensão:

TURMA: 802

DATA: 13/11/2018

ALUNO(S): elidiane, Beatriz, matheus, De Felipe, Jolana, gustavus, isaque, Márcio

PROJETO LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL

OFICINA 2- Leitura da obra *Morte e Vida Severina*

PRÁTICA GUIADA: Inferências, Visualização.

Eu uso para prever:	SIM	NÃO	OBSERVAÇÃO
O título e o nome do capítulo (ou subtítulo)	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	identifica o personagem que é Severino!
A capa da frente e de trás.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	A capa expressa os acontecimentos na vida de Severino
Palavras conhecidas ajudam a inferir o significado de palavras desconhecidas. Palavras: <u>Pia, Sermânia, Sina, nojado de limpa,</u>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Significados inferidos Pia: nome de batizado Sermânia: terras Sina: sinal nojado de limpas: ?
Questões que podem ser respondidas O que eu já sei sobre o texto?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	O texto fala sobre morte Severinas, que acontecia decorridamente ao longo da viagem de Severino
O que eu sei sobre o gênero?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Poema
O que eu sei sobre a organização e a estrutura do texto?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Narrativa
Conhecimentos de mundo, suas experiências e convívio social, contribuem para você inferir sentido ao texto?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Pia um nome utilizado para expurgar o segundo nome
Após a leitura do texto, que imagem vem à cabeça? O que te ajudou a criar essa imagem? → <u>As palavras estão explicada em forma poética</u>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Um homem magro que morava na sertão e havia a bixa de trabalho

Fonte: dados da pesquisa

Nessa atividade, todos os alunos participaram da discussão em grupo. Continuamos a oficina 2 com mais três atividades de leitura independente:

Leitura Independente 2: Estratégia de leitura: Síntese. 90 minutos

Para essa atividade, dividimos a turma em cinco grupos. Cada grupo fez uma nova leitura de três trechos da obra e discutiu entre si, em seguida abriram uma roda de conversa com toda a classe e apontaram suas interpretações (sínteses).

Leitura Independente 3: Leitura da animação (adaptação da obra em desenho animado): 90 minutos.

Para essa leitura, os alunos precisaram considerar o modo de leitura *contexto- leitor*. Eles buscaram traçar paralelos entre a obra e suas histórias de vida (Cosson, 2017). Para isso, aplicaram estratégia(s) de leitura das aulas anteriores, a fim de obterem novas interpretações da obra, a partir do recurso audiovisual.

Iniciamos essa aula com a apresentação dos objetivos da leitura. Em seguida, os alunos assistiram à animação, fazendo suas observações de leitura. Depois fizeram uma discussão em grupo e, na sequência, apresentaram suas experiências da leitura com a turma.

Leitura independente 4: leitura do filme- 90 minutos

Nessa leitura, os alunos deveriam considerar as estratégias de leitura executadas anteriormente, observando o que há de diferente entre o filme e os dois outros textos- livro impresso e animação. (visões do diretor e do autor, visualização de imagens, sons, etc.).

Começamos a aula apresentando o objetivo da leitura aos alunos. Depois exibimos o filme; os alunos assistiram fazendo suas anotações sobre suas percepções acerca do mesmo. Ao término do filme, os alunos apresentaram suas interpretações.

Avaliação: partilha das experiências com a prática de leitura

Esse momento de avaliação foi feito por meio de uma discussão oral entre professor e alunos participantes das oficinas. Assim, foram respondidas questões como: de qual versão da obra os alunos mais gostaram? O que deu certo? Conseguiram alcançar os objetivos? (15 a 20 minutos).

A Leitura independente 1 ocorreu no dia 19/11/18. Participaram dessa atividade 33 alunos, os quais fizeram leitura individual, em sala de aula, conforme orientações de estratégia de leitura. Nessa etapa, os alunos também utilizaram o dicionário para ajudá-los na compreensão de palavras desconhecidas.

Nos dias 20 e 21/11/18 os alunos fizeram a leitura independente 2, cuja estratégia de leitura foi a síntese. Para essa prática de leitura, os alunos trabalharam em grupo novamente, com a mesma formação inicial, porém com ausência de 3 alunos que não eram frequentes na maioria das aulas da turma. Continuaram a leitura do poema a partir do trecho “Na casa a que o retirante chega estão cantando excelências para um defunto, enquanto um homem, do lado de

fora, vai parodiando as palavras dos cantadores”. Cada equipe leu três trechos seguidos, até o final do poema, para produzir a síntese.

No dia 20/11/18, os grupos fizeram discussão em grupo, anotaram o que consideraram importante para produção da síntese, no tempo de duas aulas de 45 minutos. E no dia seguinte, expuseram em forma de roda de conversa a síntese produzida pela equipe na aula anterior. (tempo: 45 minutos).

Nessa etapa, os alunos já estavam mais envolvidos com a obra. Já conseguiam falar com mais clareza sobre o que entenderam na leitura, emitiam opiniões acerca da personagem, dos acontecimentos vivenciados por Severino. É claro que nem todos estavam gostando do poema, pois sentiram dificuldade pra entender a leitura de imediato. Mas os alunos, em sua maioria, se sentiram motivados pela leitura e pelas oficinas.

A leitura independente 3 foi feita no dia 27/11/18. Os alunos foram orientados quanto ao objetivo da leitura, em seguida assistiram à animação e, na sequência, fizeram discussão em grupo e exposição para a turma. Durante as discussões e exposição para a turma sobre a leitura, observaram que a compreensão da obra ficou mais fácil após assistirem ao desenho animado.

A leitura independente 4 foi a partir do filme *Morte e Vida Severina*, que ocorreu no dia 27/11/18 (90 minutos). Participaram dessa atividade 17 alunos, isso devido a, nesse dia, estar acontecendo os jogos estudantis e a maioria das turmas ter sido dispensada das aulas, o que gerou confusão por parte dos alunos que faltaram, pois achavam que não teriam aula nesse dia.

Nessa etapa os alunos foram orientados quanto ao objetivo da leitura, em seguida assistiram ao filme, fizeram suas observações e apresentaram suas interpretações. Após assistirem ao filme, as equipes se reuniram, fizeram considerações e expuseram para os demais alunos presentes.

Durante as discussões em grupo, alguns alunos ainda demonstravam insegurança quanto ao entendimento da obra, pois achavam que suas interpretações estavam equivocadas. Porém ao serem estimulados a pôr em prática as estratégias de leitura trabalhadas durante as oficinas, a falar sobre o que conseguiram perceber na obra considerando o texto, a animação e o filme, perceberam que tinham alcançado um entendimento sobre ela, que não era igual à interpretação do colega ou do professor, mas que havia entendido e isso os deixou contentes.

Alguns alunos associaram a vida sofrida de Severino a tantas realidades próximas às deles, com familiares, vizinhos ou pessoas que já viram sair de sua terra em busca de uma vida melhor em outra região. Quanto à versão de que mais gostaram da obra, uma parte gostou do livro impresso, outra do filme e outra do desenho, principalmente os que sentiram dificuldade em entender o texto escrito.

OFICINA 3: Interpretação - Exposição literária *Morte e Vida Severina*

Nessa oficina os alunos produziram trabalhos finais de interpretação, bem como fizeram a exposição destes e dos demais trabalhos produzidos ao longo do projeto.

Dessa forma, sugerimos que apresentassem na exposição: o trabalho produzido na primeira oficina, as produções de texto oral e/ou escrito falando sobre a obra, mencionando as diferenças que perceberam entre o livro, a animação e o filme; produção e apresentação de teatro, produção de texto de divulgação (panfletos); propaganda oral nas salas de aula e *booktube*³.

Essa atividade final foi desenvolvida também em grupo. Assim tivemos a turma dividida em cinco equipes, sendo que a primeira equipe deveria produzir um texto escrito, com no mínimo três parágrafos, falando sobre a obra: diferenças, qual mais gostaram, o que perceberam em relação à visão dos diretores da animação, do filme e o autor da obra, etc.

A segunda equipe produziu e apresentou um teatro sobre *Morte e Vida Severina*, conforme suas interpretações da obra. A terceira equipe deveria fazer um texto de divulgação da obra (panfletos) para ser distribuído durante a exposição ou anexado em quadro de avisos da escola. A quarta equipe faria uma divulgação oral da obra nas demais salas de aula da escola, como parte da exposição literária. E a quinta equipe produziria *booktube* sobre a obra.

A exposição dos trabalhos impressos (imagens e textos escritos) e apresentação do teatro ocorreu em sala de aula. O espaço foi organizado de acordo com algumas etapas das oficinas. Dessa maneira, os alunos visitantes conheceram inicialmente as informações gerais sobre a obra: capas do livro, o nome do personagem-protagonista (em forma curiosidade ou questionamento para que o leitor visitante respondesse o que é para ele um *Severino*), o autor (breve biografia), o espaço em que acontece a história, o título (interpretação dos alunos do projeto que também fizeram questionamentos aos visitantes).

Para cada quadro de informações da obra ficou um aluno que participou do projeto para comentar e instigar os novos leitores a pensarem sobre a obra. Em seguida assistiram ao teatro *Morte e Vida Severina*. Na sequência deveriam assistir ao *booktube* produzido pelos alunos, o que não foi possível, pois os alunos desse grupo não conseguiram produzi-lo devido problemas como a falta de aparelho celular para gravações e também por desorganização da equipe.

³ *Booktube*: a palavra resulta da junção de "book" (livro) e "tube" (termo de calão para televisão) e define o grupo de pessoas que cria conteúdo sobre livros para o YouTube. Assim, produzem vídeos mostrando opiniões sobre leituras que fizeram. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2015/06/29/p3/cronica/booktube-a-critica-literaria-fazse-em-video-1823614#gs.2mYIm9C0>>

Assistiram à exposição, para conhecer a obra e a interpretação dos alunos que participaram do projeto, alunos e professor de outras turmas da escola, a diretora da escola, coordenadores pedagógicos e outros que se interessaram pelo projeto.

Essa oficina foi a parte final da sequência básica de leitura, nela os alunos expuseram suas interpretações acerca da obra. Para essa atividade direcionamos as propostas com antecedência a realização, visto que os alunos precisavam se organizar para realizá-la.

Às equipes foram direcionadas propostas de interpretação, conforme a descrição acima. Porém, não foi possível a produção de todas as atividades, pois alguns imprevistos ocorreram: o calendário de prova no dia da realização da exposição, o que impediu a divulgação da obra nas salas; a falta de aparelho celular e a impossibilidade de se reunir com os colegas fora do horário de aula impediu a produção do *booktube*, mas a equipe pediu para expor as interpretações no dia da apresentação oral, demonstrando interesse pelo trabalho.

Com isso, como apresentação final, tivemos o teatro, uma interpretação da obra por meio da música *Morte e Vida Severina*, de Chico Buarque, texto escrito, exposição oral de apresentação da obra aos visitantes da exposição literária e as interpretações expostas pelos alunos que não fizeram o *booktube*.

Nessa etapa, a turma de modo geral participou ativamente, fizeram questão de expor seus trabalhos. Durante a exposição demonstraram aos visitantes- professores, alunos de outras turmas, diretora e coordenadores – bastante conhecimento sobre a obra. Instigaram-lhes a fazer suas interpretações sobre o que seria uma vida severina e depois explicaram o que aprenderam sobre a obra durante o desenvolvimento das oficinas, apontando suas interpretações sobre a ela.

Foto 4- Aluna representando o personagem Severino



Fonte: fotografia da autora

A aluna, na imagem acima, explicou o significado das capas do livro, assim como expôs o que é uma morte e vida severina. Para ela, Severina não se trata de uma pessoa em especial, Severina é a morte, a morte como resultado de uma vida difícil, ela explica que um dia iremos morrer e que essa morte será uma morte Severina, bem como a morte matada, mas essa já é uma morte mais severa. A vida Severina é uma vida cheia de dificuldades como a vida do personagem Severino que era perseguido pela morte

Sobre a exposição, a aluna disse que serviu para prestar atenção nas coisas da vida, como hoje são mais fáceis, antigamente não havia o que tem hoje, a tecnologia, escolas e era bem mais difícil emprego. Pediu que todos reflitam sobre como é a vida, a partir da obra, para buscarmos um futuro melhor. A respeito do texto literário, ela nos diz que todos deveriam amar literatura, prestar mais atenção, dar mais vida, mais força à leitura literária.

A seguir apresentamos alguns momentos da etapa final da leitura de *Morte e vida severina*:

Fotos 5, 6- Cenas do teatro:



Fonte: fotos da autora

Fotos 7, 8- Cenas do teatro



Fonte: fotos da autora

Foto 09- Cena do teatro



Fonte: fotografia da autora

Fotos 10, 11: Interpretação da obra por meio da música de Chico Buarque:



Fonte: fotos da autora

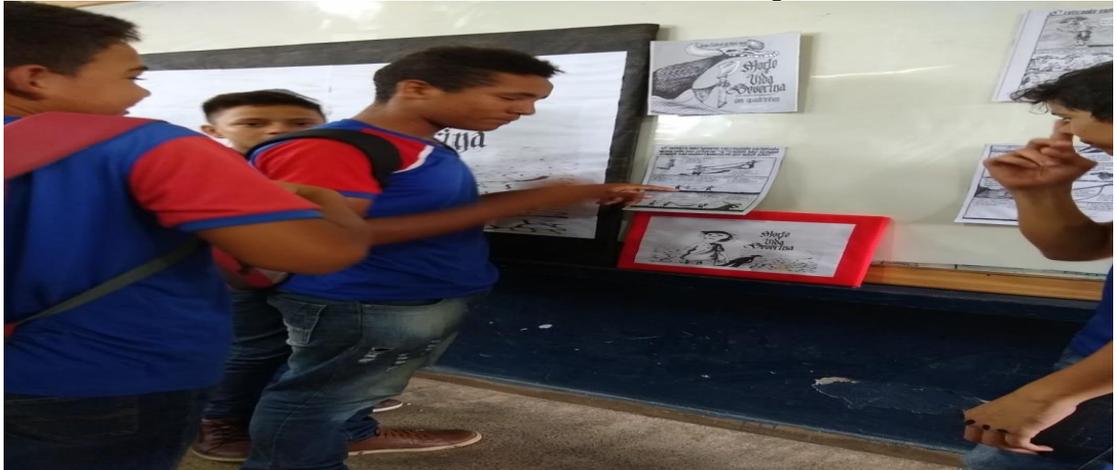
Foto 12- Interpretação da obra por meio da música de Chico Buarque



Fonte: foto da autora

Outros momentos da exposição:

Foto 13- Alunos lendo cenas da obra em quadrinhos



Fonte: fotografia da autora

Fotos 14, 15- momento após apresentações



Fonte: arquivo pessoal

Ao término das oficinas, devido às mudanças no calendário letivo, não tivemos tempo de fazer com os alunos uma avaliação geral do projeto e ouvi-los sobre seus pontos de vistas sobre o texto literário. Mas foi possível perceber que para eles a leitura com foco no texto literário foi diferente, mostraram-se interessados e, embora tenham sentido dificuldade, a maioria participou ativamente das atividades propostas.

4.4 Leitura de *Morte e vida severina*: prática em sala de aula do 9º ano

Após aplicação das oficinas de leitura, em 2018, vimos a necessidade de reaplicarmos o projeto, mas com outra abordagem de leitura sobre a obra que proporcionasse aos alunos mais reflexão sobre o texto literário em estudo. Assim, partimos para outra prática de leitura de *Morte e Vida Severina*, agora com alunos de 9º ano do Ensino Fundamental no período entre os meses de outubro e novembro e de 2019.

Para isso, desenvolvemos atividades de leituras por meio de oficinas conforme as ideias já apontadas, nesse trabalho, por Cosson (2009). Participaram das atividades de leitura duas turmas de 9º ano, MF901 e MF902, sendo que a MF902 era formada pela maioria dos alunos que faziam parte do 8º ano do ano anterior e que haviam feito a leitura de *Morte em Vida Severina*.

Ao pensarmos inicialmente na replicação do projeto, decidimos aplicar em apenas uma turma, MF901, turma na qual apenas uma aluna havia participado do projeto no ano anterior. Essa decisão se deu porque imaginávamos que os alunos que já conheciam a obra poderiam não receber bem a ideia de lê-la novamente. Mas eles, da MF902, nos surpreenderam com o interesse em participar novamente das atividades de leitura dessa obra.

Eles questionaram várias vezes sobre quando faríamos as atividades de leitura e mesmo quando esbarramos em problemáticas como a falta do texto devido a escola não ter reproduzido para as duas turmas e já termos iniciado com a outra turma, MF901, os alunos da MF902 sugeriram que eles pagariam pelo texto e assim fizeram.

Como já mencionado, iniciamos a prática de leitura da obra com a turma MF901. Mas antes da leitura efetiva do texto fizemos uma discussão sobre poema e poesia, bem como a organização dos versos em sílabas poéticas, conteúdo exigido no planejamento escolar do município. Assim, fizemos uma ligação com a poesia de João Cabral, fazendo uma breve discussão sobre o título e já apresentado as atividades de leitura da obra que seriam feitas nas duas turmas:

A primeira etapa de leitura com a turma MF901 foi uma oficina com atividades em grupo para que os alunos pudessem ter uma noção do texto que iram conhecer nas próximas leituras. Para isso tivemos:

Apresentação:

Apresentamos a oficina, objetivos e o livro aos alunos. Levantamos a discussão com eles sobre o título e o que é um auto de natal, por exemplo.

A discussão foi mediada por meio de questionamento a respeito do nome Severino, sua relação com a palavra morte. Também pedimos hipóteses para o porquê de o título não ser vida e morte Severina. Entre as respostas, falaram que Severina é um adjetivo que tem origem no nome do personagem Severino. Por isso, caracteriza a vida de sofrimento acompanhada pela morte a todo momento.

Aula introdutória:

Após a apresentação, dividimos a turma em cinco grupos para pesquisarem e discutirem em sala de aula sobre: o título, resumo da obra, o autor, a seca no Nordeste na década de 40 e 50 e o que é auto com a letra u. Os alunos tiveram 15 minutos para a pesquisa no *google* por meio do celular e discutiram entre si. Em seguida, cada grupo fez apresentação oral de sua pesquisa e discussão em grupo para toda a turma. Assim puderam falar o que encontraram e levantar questionamentos aos demais colegas de outros grupos.

Fotos 16, 17- Pesquisa e discussão em grupo



Fonte: arquivo pessoal

Foto 18- Pesquisa e discussão em grupo



Fonte: arquivo pessoal

Nessa etapa os alunos foram bem participativos e, embora alguns alunos tenham encontrado dificuldades durante a pesquisa, conseguiram apresentar uma visão geral ou mesmo estabelecer hipóteses sobre o que iriam encontrar na obra de João Cabral.

A primeira equipe a se apresentar trouxe novamente a discussão sobre o título da obra. Para o grupo, “*Morte e Vida Severina* pode significar uma vida severa, onde quem a vivenciou sofreu muito com as circunstâncias que apareciam no seu dia a dia, morte ...” (Informação verbal⁴).

Foto 19- Grupo 1: apresentação e discussão do título

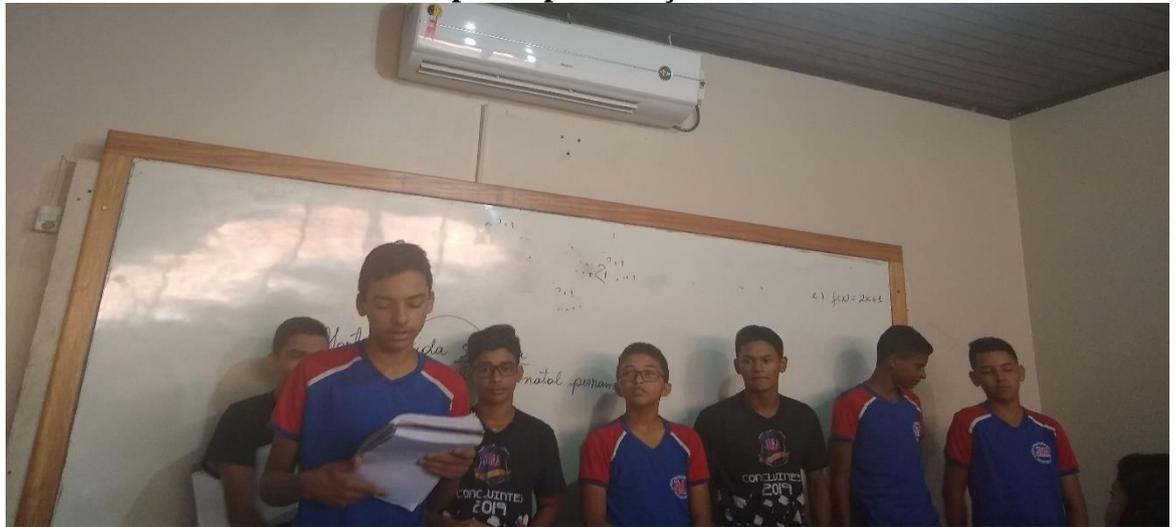


Fonte: arquivo pessoal

⁴ Apresentação oral. Aluna apresentando pesquisa e discussão em grupo sobre o título da obra. Dados da pesquisa realizada na Escola José Manuel de Araújo em 2019.

O segundo grupo apresentou um resumo explicativo da obra, com base em pesquisa no *google*, pois ainda não haviam lido a obra. E, à medida que falavam da obra, faziam suas considerações sobre o que compreenderam se tratar esse poema de João Cabral.

Foto 20- Grupo2: Apresentação do resumo



Fonte: arquivo pessoal

A apresentação seguinte foi a do terceiro grupo sobre o autor de *Morte e Vida Severina*.

Foto 21- Grupo3: apresentação do autor, João Cabral de Melo Neto



Fonte: arquivo pessoal

A equipe expôs à turma quem foi João Cabral de Melo Neto, apresentando uma breve biografia e sua importância na poesia brasileira, bem com seu destaque no exterior a partir da obra *Morte e Vida Severina*. Os alunos se demonstraram participativos até essa etapa, e mesmo nervosos na apresentação pareciam seguros, pois fizeram a pesquisa e conversaram entre si sobre o autor.

Como curiosidade nos disseram que coincidentemente naquele dia de suas apresentações, 09 de outubro de 2019, o autor estava completando vinte anos de sua morte, ocorrida em 09 de outubro de 1999.

O quarto grupo discutiu sobre a questão da seca nas décadas de 40 e 50. Durante a pesquisa tiveram dificuldade para achar informações específicas sobre a seca e sobre a região nordestina nesse período, mas não deixaram de falar sobre o assunto. Fizeram então uma explanação geral sobre a seca e buscaram contextualizar com a situação da região nordestina e a diferença entre ela e a nossa região, fazendo paralelo também com a obra.

Foto 22, 23- Grupo 4: Falando sobre a seca



Fonte: arquivo pessoal

Falaram-nos, ainda, sobre a questão da migração de nordestinos para a nossa região por causa da seca, pois segundo eles lá não havia como plantar.

Aluno: Por que muitos estão migrando pra cá? Por causa da seca, porque não tem como plantar, o grande problema é a grande seca que os impede de plantar. É isso que traz as pessoas pra cá também. (informação verbal⁵)

Aluna: E como todos nós sabemos aqui no Norte tem mais facilidade de plantar e colher frutos bons. E lá não, chove uma vez por ano, não é como aqui que quase todo mês chove, não fica eu acho nenhum mês sem chover, deve ficar sim, mas só na parte do verão. Por isso eles migram pra cá. (informação verbal⁶)

No que se refere à relação que fizeram com a obra, disseram que no texto muito se fala sobre a seca que existe no Nordeste. Então entenderam que *Morte e Vida Severina* é uma vida

⁵ Atividade de exposição oral.

⁶ Exposição oral. Dados da pesquisa aplicada com alunos da turma MF 901 da Escola José Manuel de Araújo, em 2019.

difícil como a vida de muitos nordestinos que até amanheciam mortos por causa da seca. Por isso a necessidade de saírem de sua região.

O quinto grupo apresentou a pesquisa sobre o que é um auto com letra u. Essa equipe apresentou dificuldades para falar sobre o assunto. E nas suas pesquisas não consideraram a origem da palavra auto para poder relacionar ao auto de natal, mencionaram apenas o uso da palavra em processos judiciais. Assim houve a necessidade de explicarmos o sentido da palavra e porque a obra é considerada um auto.

Foto 24- apresentação do grupo 5



Fonte: arquivo pessoal

Finalizamos essa etapa com a última apresentação, com duração total de duas aulas de 45 minutos. A etapa seguinte foi a leitura de *Morte e vida Severina*.

Leitura da obra

Iniciamos a atividade com uma prática guiada. Assim, fizemos a leitura, em voz alta, da apresentação do personagem: O retirante explica ao leitor quem é e a que vai, e a cena seguinte: Encontra dois homens carregando um defunto numa rede, aos gritos de: “Ó irmãos das almas! Irmãos das almas! Não fui eu que te matei não!”

À medida que íamos lendo o poema fazíamos questionamentos aos alunos sobre o texto. Tais como: o que vocês acham que quer dizer “não tenho outro nome de pia”, o que pode significar a palavra pia no poema? Várias respostas foram dadas, uma das alunas, por exemplo, explicou que pia estava relacionada ao batismo, então Severino não tem outro nome de batismo, de nascimento.

No decorrer da leitura, buscamos instigá-los a pensarem sobre as questões sociais presentes no poema e relacioná-las com a região em que moram, Tailândia/Pará. Assim, discutimos sobre os conflitos por posse da terra no período de formação de Tailândia, as mortes

constantes no poema e nessa região pela mesma motivação, além de contextualizar a obra com questões atuais, refletindo sobre: quem são os severinos hoje?

É importante ressaltar que antes mesmo de iniciarmos a leitura da obra, isto é, a aplicação do projeto, pedimos aos alunos que pesquisassem sobre como se deu o processo de formação de Tailândia, as mudanças que ocorreram desde o início até o momento, as questões sociais que marcaram e marcam a vida da população.

Essa busca por informações teve como objetivo levá-los a conhecer mais sobre o lugar onde vivem e adquirirem conhecimento que contribuísse para fazerem relação com a obra de João Cabral de Melo Neto. Não pedimos que entregassem ou apresentassem essa pesquisa, apenas que buscassem essas informações no *google*, conversando com os pais ou moradores mais antigos que vivenciaram ou ouviram de seus pais sobre questões de conflitos envolvendo a região.

Assim, durante a leitura de *Morte e Vida Severina*, fizemos várias discussões envolvendo as mazelas sociais da obra e da região em que moram. Na segunda cena, por exemplo, os alunos lembraram que Tailândia é conhecida pelas mortes constantes, mortes por encomenda, emboscadas aconteciam e ninguém poderia dizer quem cometeu o crime para também não ser uma vítima.

No momento inicial da leitura do texto tivemos a participação da maioria dos alunos na discussão, porém alguns alunos se distraíram em conversas paralelas e não acompanharam a discussão. Por isso, decidimos que a continuação da leitura seria feita pelos grupos, ou seja, cada grupo deveria ler, em voz alta, trechos do poema na sequência do mesmo até o final e levantar questionamentos à turma. Com isso, esperávamos que todos lessem e discutissem sobre as questões do texto. Na prática todos leram o poema na aula seguinte, mas as discussões foram poucas, ocorreram mais por meio de nossa mediação. Além disso, o tempo da aula não foi suficiente para continuarmos as discussões.

Diante disso, sugerimos aos alunos que levassem a obra *Morte e Vida Severina* para seus pais, para que refletissem em família sobre os assuntos abordados no texto fazendo uma relação com suas vivências. Além disso, que eles pensassem sobre o contexto social da época de produção da obra e na atualidade e que realidade de Tailândia poderia ser associada à obra: quem são os severinos que aqui vivem ou daqui migraram? As lutas por terra, o latifúndio, etc. Questões que deveríamos discutir nas aulas seguintes.

No entanto, na aula seguinte, devido à falta de um professor na turma, foi necessário trabalhar com duas turmas no mesmo horário, por isso não foi possível fazermos discussão oral,

pois estávamos mediando leitura em outra turma. Então optamos por uma produção escrita pelos grupos que poderia ser um resumo ou uma explicação breve sobre o que leram.

Na outra aula levamos a obra em desenho animado. Os alunos gostaram da animação, ficaram atentos às cenas. E disseram que a obra os ajudou a visualizar o texto, como seria Severino, sua região, as mortes presentes, etc.

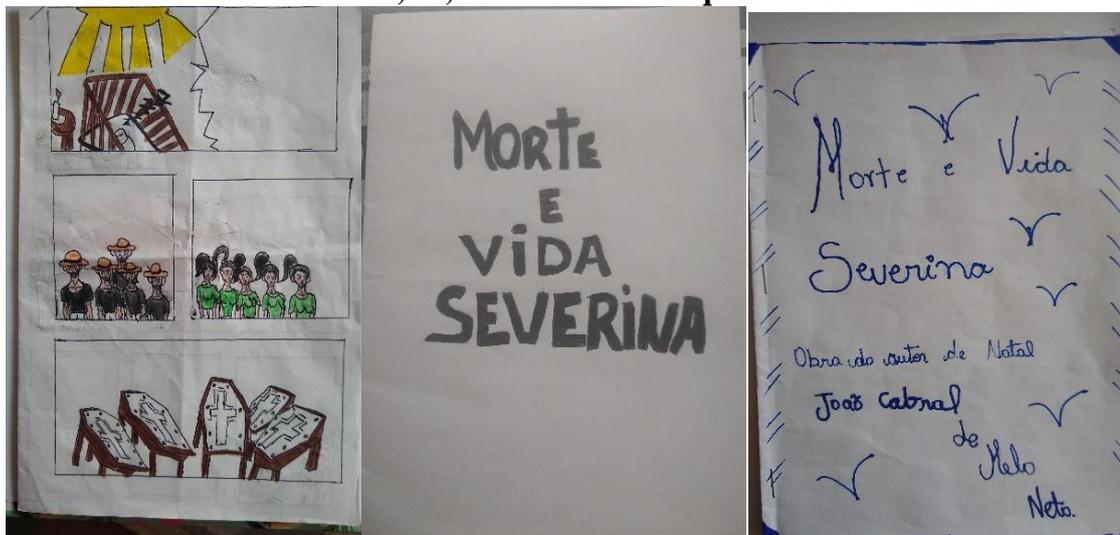
Foto 25- Turma assistindo à obra em desenho animado



Fonte: arquivo pessoal

Ao longo das aulas sugerimos uma atividade de produção final, em grupo, onde os alunos fariam apresentação e um debate sobre as questões sociais discutidas em sala. Para isso, os grupos formados no início produziram: filme curto, história em quadrinhos e teatro, conforme suas interpretações. Mas após a aula em que assistiram à animação, conversamos mais sobre as atividades que cada grupo iria produzir, assim eles tiraram suas dúvidas. Segue abaixo a imagem das capas dos quadrinhos produzidos por eles:

Fotos 26, 27, 28- Histórias em quadrinhos



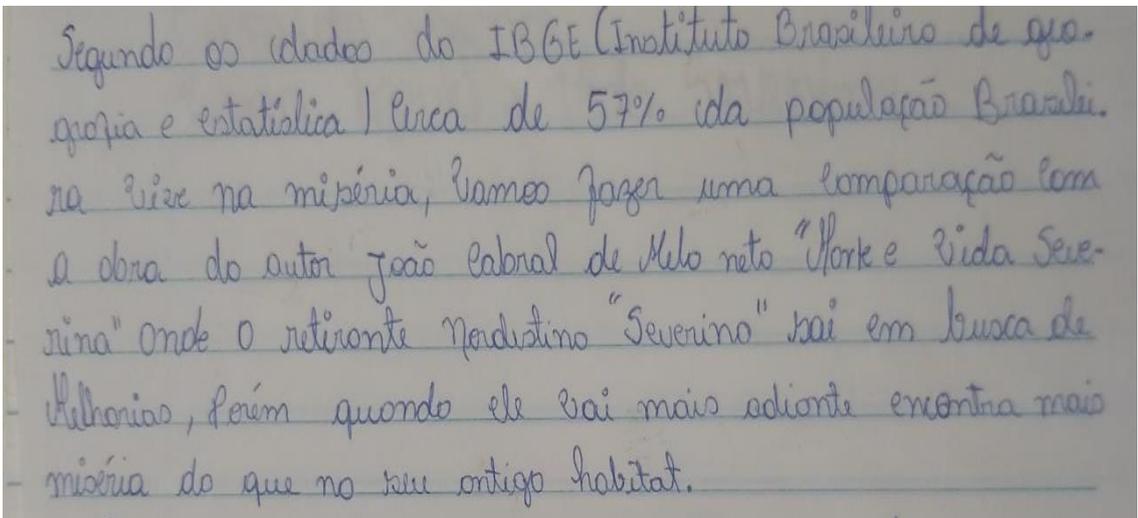
Fonte: arquivo pessoal

Após direcionadas as produções para os grupos, voltamos ao livro, pois os alunos questionaram se não íamos terminar de fazer a leitura junto com eles, como ocorrera no início. Nesse momento, os alunos demonstravam mais entusiasmo em falar do texto, do personagem e discutir sobre as questões relacionadas ao contexto social deles. Vale lembrar que até então já havíamos lido todo o poema, mas não da forma como iniciamos a leitura e a mediação.

Mas retomamos a leitura da forma inicial e à medida que íamos lendo, comentando, questionando, instigando-os a falar, eles demonstravam mais interesse, participação na discussão. Assim passamos mais dois dias de nossas aulas a ler e discutir *Morte e Vida Severina*.

Alguns alunos se destacaram nas discussões, sempre com algo a dizer sobre o que leram. Estabeleceram conexões entre o texto, suas vivências, a realidade do passado e do presente na região em que vivem, se posicionaram acerca das mazelas sociais denunciadas na poesia. E de forma espontânea as vozes dos alunos foram surgindo, fosse para fazer a leitura de um trecho ou para tecer algum comentário sobre o texto lido. E assim terminamos a leitura da obra.

Entre uma leitura e outra, sugerimos que eles produzissem um texto escrito apontando alguma das temáticas sociais que perceberam no poema. Essa atividade foi produzida por eles de forma individual, em casa. Não tivemos intenção de fazer análise linguística com essa proposta, mas fazê-los pensar mais sobre as questões e registrar opiniões que não conseguimos durante as discussões orais. Vejamos abaixo alguns trechos dos textos escritos por eles:



Segundo os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de geografia e estatística) cerca de 57% da população Brasileira vive na miséria, vamos fazer uma comparação com a obra do autor João Cabral de Melo Neto "Morte e Vida Severina" onde o retirante Nordestino "Severino" sai em busca de melhores condições, porém quando ele vai mais adiante encontra mais miséria do que no seu antigo habitat.

Fonte: dados da pesquisa

Norte de Minas Gerais. A seca no Nordeste, além de ser um problema climático, é uma situação que gera dificuldades sociais para as pessoas que habitam a região. No livro *Morte e Vida Severina* mostra a saída dos habitantes do sertão Nordestino, interior do país, para a zona da Mata, fugindo da morte causada pela seca e buscando a vida úmida e fértil. No caso da seca não existe uma

Fonte: dados da pesquisa

...e, entre outros, Uma das maiores questões sociais que ocorriam no época, era a extrema pobreza que se dava devido a falta de empregos, alguns dos Governos que trabalharam para latifundiários eram explorados ao máximo e recebiam bem pouco por isso, muitas vezes eles passavam fome ou não tinham dinheiro suficiente para manter suas famílias.

Fonte: dados da pesquisa

...mas precária que a nossa. No texto *Severino* sai da Serra da Costela para ter uma vida melhor no litoral, pelo caminho ele acaba deixando um pouco de esperança em cada canto que passa, logo depois sua esperança resurge vindo toda aquela terra boa para plantar. O destino faz com que ele ouça uma confissão e nessa confissão acaba perdendo todas as suas esperanças novamente.

Fonte: dados da pesquisa

Percebemos que o contato com esse texto literário mobilizou os alunos a buscarem mais informações que os ajudassem a participar das conversas em sala de aula. Uma aluna, por exemplo, conversou com uma moradora mais antiga de Tailândia, fez uma entrevista com a

senhora que é pernambucana e chegou nessa região em busca de uma vida melhor. A aluna compartilhou com ela o poema *Morte e vida Severina* e a mulher se viu como o personagem Severino.

A aluna ficou tão motivada com a conversa que teve com essa moradora que a convidou para partilhar sua experiência com a turma para que ela dissesse o porquê de se sentir como Severino. O convite foi aceito, mas no dia em que era para ela ir precisava fazer um tratamento de saúde, mas aceitou gravar um vídeo, uma entrevista feita pela aluna, que nos foi entregue para mostrarmos junto com as apresentações dos alunos.

Entre os relatos, na entrevista, a moradora conta que se sente como o personagem devido à vida difícil que viveu com a sua família ao chegar em Tailândia em busca de uma vida melhor. Segundo ela:

“quando nós chegamos aqui em Tailândia, nós passamos por crise difícil, pois assim que cheguei aqui o meu marido foi trabalhar enchendo o forno e não tinha muito conhecimento de encher forno, e aí eu estava grávida. Nós passamos por uma situação difícil porque nós só tínhamos o feijão e a água e o óleo. Tempero já nem fala porque a condição era aquela que nós não tínhamos pra comprar uma carne, o suficiente pra gente sobreviver” (informação verbal⁷)

Ao ser questionada sobre a diferença entre a região em que viveu e Tailândia, a senhora explica que “ a diferença é porque pra cá chove mais que pra lá e aqui é mais fácil da gente trabalhar, da gente sobreviver por motivo da roça, o arroz o feijão, pra cá é mais fácil porque lá é mais difícil de chuva e as coisas ficam mais difíceis pra gente sobreviver” (informação verbal⁸)

Outra situação lembrada por essa moradora foi que ela chegou aqui quando houve a operação arco de fogo, por isso havia muito desemprego, havia muita gente passando necessidades. Ela, seu marido e filhos pequenos vivenciaram tudo isso. Disse também que “Hoje quase não houve melhora, pois há muito desemprego ainda. Não se acha emprego para as pessoas, os jovens não conseguem trabalho” (informação verbal⁹)

A última etapa foi das apresentações de suas produções e uma discussão final sobre as questões sociais que envolvem à obra e o contexto social dos alunos. O que ocorreu junto com a outra turma, MF902, que também fez atividades de leitura com a mesma obra. Por isso, deixaremos para descrevê-la mais a diante.

No que se refere à mediação da leitura, os alunos disseram que foi melhor quando lemos com eles. As nossas intervenções e os questionamentos os ajudaram a entender o texto. Quanto

⁷ Trecho de entrevista feita a uma moradora pela aluna da MF901. Dados da pesquisa realizada na Escola José Manuel de Araújo, 2019.

⁸ Trecho de entrevista

⁹ Trecho de entrevista

a obra, gostaram do livro, mas disseram que o desenho animado também os ajudou a compreender a trajetória de Severino.

Isso nos lembra o que dizem Cosson e Souza (2011) sobre o letramento literário precisar da escola para se efetivar, visto que requer um processo educativo que uma simples leitura do texto literário, às vezes, não consegue concretizar dependendo do leitor. Em *Morte Vida Severina*, por exemplo, a mera leitura não foi suficiente para abarcar todas as dimensões que permitem ao aluno a relação de sentido com o mundo a sua volta, as vivências, conhecimentos de outros contextos, crenças e culturas que antes não conheciam.

Sobre o tempo das atividades, trabalhamos com tempo de duas aulas para cada passo da leitura. Iniciamos no dia 08/10/19 e continuamos nos dias seguintes: 09, 15,16/10, 04,05,11,12,13 e 26/11/19. Até o dia 16/10 os alunos já haviam lido o texto completo, mas por meio de uma leitura independente e não tivemos tempo para uma maior discussão sobre o mesmo em sala de aula, por isso continuamos nas datas apontadas.

O intervalo em que não aparecem atividades de discussão do texto se deu devido algumas atividades e eventos da escola terem ocorrido nesse período, inviabilizando as práticas de leitura, como conselho escolar, simulado municipal para a prova Brasil, Prova Brasil/SAEB, jogos estudantis internos, jogos estudantis tailandenses -JET'S, etc. Porém, isso não nos impediu de finalizarmos as atividades com *Morte e Vida Severina*.

As atividades de leitura com MF902 iniciaram um período depois da turma MF901 devido à falta do texto impresso. Como já mencionamos, a escola reproduziu uma quantidade de textos suficiente apenas para uma turma, mas os alunos decidiram pagar pelos textos para que pudessem fazer a leitura da obra novamente. Lembrando que quase todos os alunos dessa turma participaram no 8ºano das atividades desenvolvidas com essa obra.

As práticas de leitura foram desenvolvidas da seguinte forma:

Apresentação:

Com essa turma, começamos a apresentação relembrando as atividades de leitura com *Morte Vida Severina* que fizeram no ano anterior e explicamos que faríamos outra abordagem da obra, agora com objetivo de perceber e discutir as temáticas sociais presentes nela e no contexto social deles relacionado a região de Tailândia.

Ainda nessa etapa, como eles não estavam com o texto, fizemos uma breve discussão sobre o título da obra. E encaminhamos a atividade de pesquisa que foi solicitada a outra turma. Dividimos a turma em cinco grupos e direcionamos os temas: o título, resumo da obra, o autor, a seca no Nordeste na década de 40 e 50 e o que é auto com a letra u. A pesquisa não foi feita

em sala de aula, pois tínhamos pouco tempo para efetivarmos toda a leitura do texto. Dessa forma organizamos as atividades da seguinte forma:

Aula Introdutória

Tempo: duas aulas/ 16-10-18

Nessa aula os grupos apresentaram e discutiram com a turma sobre o que encontraram acerca dos temas propostos.

Fotos 29, 30-Alunos da MF902



Fonte: arquivo pessoal

A primeira equipe apresentou um resumo da obra. Na apresentação os alunos falaram de forma breve sobre o personagem Severino e sua trajetória em busca de vida melhor. O segundo grupo falou sobre o título, *Morte e Vida Severina*. Para eles, o título está relacionado à vida sofrida de Severino que só viu morte durante sua jornada até Recife e também a busca de uma vida melhor.

O terceiro grupo apresentou o autor, João Cabral de Melo Neto. Expôs uma breve biografia e também comentou sobre o poema, resumiu a história do personagem. A quarta equipe nos falou sobre a seca no Nordeste nas décadas de 40 e 50 do século XX, mencionou ter sido uma época muito difícil, pois foi o período da grande seca.

O quinto grupo explicou sobre auto com a letra u, e enfatizou ser uma composição poética. Além desses grupos, dois alunos que não estavam em nenhum grupo pediram para apresentarem na aula seguinte, assim falaram o porquê de o poema ser um auto de natal. Dessa

atividade, três alunos da turma não participaram, já os outros demonstraram interesse e fizeram uma boa apresentação. Aliás, alunos que no ano anterior pouco participaram das atividades de leitura dessa obra mostraram-se mais participativos.

Leitura da obra

Período/tempo: 04, 05, 11, 12 e 13/11/19- duas aulas por dia.

Com o texto em mãos, iniciamos a leitura do poema. A mediação se deu como na outra turma, assim fizemos a leitura da apresentação do personagem e cena seguinte, sempre instigando-os à discussão por meio de questionamentos sobre o que líamos. Eles mantiveram-se atentos, participativos na discussão.

Um dos alunos, que é deficiente visual, nos falou como imaginava ser a serra da Costela: “um lugar de covas, sem vida, seco, os ossos são representações da miséria, a seca” (informação verbal¹⁰). Esse aluno nos disse também que isso o fez se lembrar da região onde ele mora, o trajeto que faz de sua casa até a escola. Ele não mora na cidade, por isso precisa acordar muito cedo para ir para escola de ônibus escolar. Enfrenta muitas dificuldades, a zona rural em que ele mora é de difícil acesso, a estrada é esburacada e às vezes o ônibus não passa.

Continuando a comentar o texto, ele nos fala que quando morre só se leva o sofrimento. Outra aluna lembrou que muitas pessoas são como severino que tem uma idade, mas aparenta ter outra bem mais velha do que realmente é.

Essa primeira discussão ocorreu em duas aulas. Na aula seguinte continuamos a leitura, sempre com a participação dos alunos. Assim, ora líamos ora os alunos liam, sempre em voz alta e discutindo o texto. Em alguns momentos os alunos se colocavam como o personagem Severino. E assim, concluímos a leitura do poema em mais duas aulas.

As discussões ocorreram de forma tranquila, os alunos estiveram atentos ao texto, expuseram suas opiniões, questionaram quando não compreendiam. Fizeram relação com o seu contexto e de sua região. A forma como a violência sempre esteve presente na vida da população de Tailândia, além dos problemas sociais enfrentados hoje.

Para essa turma, não exibimos a animação devido à falta de tempo e também porque a maioria já havia assistido nas atividades do ano anterior. O que para eles ajudou muito, conseguiram melhor visualizar a obra e falar sobre ela. Os momentos de leitura e discussão do texto foram muito bons. Não demonstraram cansaço e desinteresse pela atividade, estavam sempre dispostos a participar.

¹⁰ Transcrição de exposição oral. Dados da pesquisa realizada em 2019, na Escola José Manuel de Araújo.

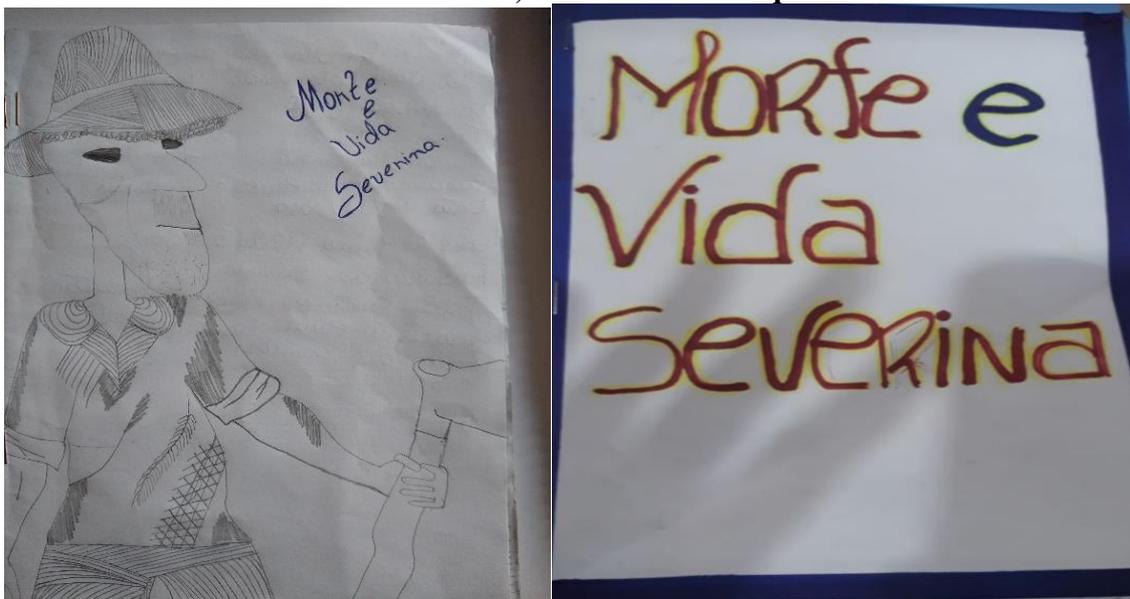
Para essa turma também sugerimos a pesquisa sobre o contexto de formação de Tailândia e as problemáticas sociais envolvendo lutas pela posse da terra na região, assim como a questões atuais que podem ser relacionadas ao texto em estudo. Isso atrelado ao conhecimento que já tinha sobre o lugar onde vivem contribuiu para discussão e interpretação da obra. Sugerimos também que apresentassem a obra aos familiares e conversassem sobre as temáticas sociais com eles.

Além das discussões em sala, solicitamos uma produção escrita de um resumo sobre os trechos lidos e comentados pelos grupos durante as aulas anteriores. Nosso objetivo com a solicitação do texto escrito não foi para análise da escrita dos alunos, mas para termos um registro de suas falas, ainda que de forma mais geral, em grupo.

Encaminhamos como atividade final as mesmas produções solicitadas a MF901. A ideia era fazer uma última discussão a partir das apresentações desses trabalhos que mostrariam a visão deles, suas interpretações sobre a obra. Com isso gerariam um debate sobre as temáticas sociais já mencionadas durante as leituras.

A turma, dividida em grupos, produziu: duas histórias em quadrinhos, um teatro, um filme curto interpretando a obra, um vídeo comentando sobre a obra. Outros alunos fizeram apresentações individuais devido à dificuldade em se reunir com os colegas em grupo fora do horário de aula, especialmente o aluno que mora na zona rural. No geral todos participaram dessa última atividade.

Fotos 31, 32- Histórias em quadrinhos



Fonte: arquivo pessoal

O período em que aplicamos as atividades foi atropelado por adiantamento de alguns eventos escolares e as avaliações de final de ano letivo, por isso tivemos dificuldades quanto ao

tempo para desenvolvermos a última atividade. Por isso, optamos por fazer uma única atividade, juntando as duas turmas. Assim, os alunos de cada turma apresentaram suas produções para a outra turma, assistiram às produções dela e juntos compartilharam suas experiências de leitura da obra e discutiram sobre as temáticas sociais já abordadas na leitura do texto.

Atividade final: exposição e discussão das produções das turmas

Nessa etapa as duas turmas juntas falaram sobre *Morte e Vida Severina*. A atividade teve duração de três aulas, no dia 27/11/19.

Para a apresentação dos trabalhos produzidos em grupo solicitamos que escolhessem um aluno para falar pelo grupo, visto que não tínhamos tempo para que todos falassem. Mas os deixamos livres para comentarem ou se posicionarem durante a discussão. Assim, iniciamos com a apresentação da atividade, bem como dos alunos que participaram da discussão.

Como prevíamos a presença de pessoas que não leram a obra, como uma professora, a coordenadora da escola e a mãe de um dos alunos, a primeira apresentação foi de um resumo da obra e um pouco sobre o autor. Uma aluna, da MF902, expôs brevemente a obra, falou sobre a condição de Severino como retirante e por que a obra é um auto de natal.

Fotos 33, 34- Momento inicial da última etapa de leitura da obra



Fonte: arquivo pessoal

Após isso, outra aluna, da MF901, entrou como o personagem Severino e fez uma auto apresentação, buscando despertar o interesse para a discussão que se seguiria. E na sequência os alunos, representantes de cada grupo, expuseram o que entenderam sobre o título e provocaram a fala de alunos que pouco falaram durante as leituras, isto é, além dos que representavam os grupos, outros alunos emitiram suas opiniões, suas interpretações.

Fotos 35, 36- aluna apresentando-se, ao público, como Severino.



Fonte: arquivo pessoal

Nesse momento também levantamos questionamentos sobre que mazelas sociais eles conseguiram perceber no poema e a relação com o contexto social deles. Eles falaram sobre fome, sede, privação, seca, pobreza, os conflitos e os sonhos, a esperança de uma vida melhor.

Em seguida os alunos fizeram a apresentação das histórias em quadrinhos e explicaram os desenhos que fizeram, como chegaram a essa interpretação.

Fotos 37, 38- alunos das turmas MF 902 e MF901 apresentando as histórias em quadrinhos¹¹.



Fonte: arquivo pessoal

¹¹ As imagens das histórias em quadrinhos estão nos anexos

Após a exposição das HQs, um grupo da MF902 apresentou um teatro sobre a obra, para isso escolheram algumas cenas para representar e comentar. Logo depois assistimos aos filmes dos alunos. Os alunos da MF902 produziram três cenas usando as mesmas palavras do poema, já os alunos da MF901 produziram um filme partindo da interpretação que tiveram da obra, assim vestiram os personagens com falas criadas por eles. Os trabalhos ficaram muito interessantes, pois colocaram neles a visão que eles tiveram do texto literário em estudo.

Sobre o filme dos alunos da MF901, o aluno explica que tentaram mostrar por meio do filme as dificuldades que Severino passou pelo caminho, o que ele vivenciou, tudo aquilo que ele viu. Então eles tentaram mostrar as dificuldades, a pobreza, tudo que mais abala o Nordeste.

Fotos 39, 40, 41- Imagens do filme dos alunos¹²



Fonte: arquivo pessoal

Conforme a leitura dos alunos, apresentada por meio do filme acima, Severino é um personagem que sofreu muito. Por isso, tentaram mostrar por meio das cenas a vida difícil sempre acompanhada pela presença da morte.

Os alunos começaram apresentando o personagem. Em um monólogo, mostram a decisão de Severino de ir para Recife. Em seguida, a morte começa a se fazer presente em sua trajetória, pois logo encontra dois homens carregando um defunto numa rede, na sequência chega à casa onde estão velando outro defunto e segue com um diálogo com outros Severinos a respeito das causas das mortes.

¹² Disponível em: http://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2413240198803195&id=100003517153941

Para continuarmos a discutir o texto, duas alunas da MF901 encenaram o momento em que Severino conversa com uma mulher na janela:

Fotos 42,43- Alunas da turma MF901: Severino e a rezadeira



Fonte: arquivo pessoal

As alunas chamaram-nos a atenção para o embate entre a vida e a morte através do diálogo entre Severino e a mulher que vive “de a morte ajudar” (MELO NETO, 2016, p.34). Em seguida, o aluno da MF902 apresentou para os presentes a sua experiência de leitura da obra *Morte e Vida Severina*. Esse aluno é cego e não domina o braile, então o seu contato nessas atividades com a obra se deu por ouvir a leitura do poema em sala de aula e, além disso, no ano anterior teve contato também por meio de áudio da obra e com o texto por meio da leitura mediada por sua mãe, que se fez presente também nesse último momento de discussão desse texto.

Ao falar sobre a obra, o aluno contextualizou a trajetória do personagem apontando exemplo real de muitos nordestinos que vivem em São Paulo, deixam suas raízes e enfrentam dificuldades, mas buscam uma vida melhor. Para ele, para uma pessoa conquistar alguma coisa hoje tem de enfrentar dificuldade. E embora saiba que todos temos dificuldades ainda que formas diferentes, ele se vê como o personagem: “eu me considero como um severino também...” (informação verbal¹³), isso devido o que enfrenta no trajeto entre sua casa e a escola: chuva, sol, lama; mas não pensou em desistir. O aluno diz ainda:

¹³ Aluno com deficiência visual falando sobre sua experiência de leitura da obra. Dados da pesquisa realizada em 2019, na Escola José Manuel de Araújo.

“Da obra lá que eu me identifiquei muito mesmo, bem lá no fim. Não sei se alguém lembra ainda. Apesar de todo sofrimento que Severino teve, toda dificuldade que enfrentou, ele sempre teve uma coisa que acredito que eu tenho, cada um de vocês tem também que é a esperança, sempre teve esperança”. (informação verbal¹⁴). As próximas imagens são da apresentação desse aluno.

Fotos 44, 45- Aluno da MF902 em apresentação



Fonte: arquivo pessoal

Seguindo as exposições, alunos da MF901 encenaram o enterro de um trabalhador:

Fotos 46, 47- teatro: enterro de um trabalhador



Fonte: arquivo pessoal

¹⁴ Aluno falando sobre sua experiência de leitura da obra. Dados da pesquisa realizada em 2019, na Escola José Manuel de Araújo

Após a cena, refletiram sobre ela, relacionando ao contexto da região, à violência, às mortes constantes, à falta de emprego e também discutiram sobre quem são os severinos na atualidade. Para finalizar a atividade, alunas apresentaram as partes finais do poema: cena do nascimento da criança, a entrega de presentes e o último diálogo entre Severino e o mestre Carpina.

Fotos 48,49, 50- cena final da obra *Morte e Vida Severina*



Fonte: arquivo pessoal

Depois da cena, as alunas concluíram a discussão falando sobre a obra ser um auto de natal. E que nesse auto de natal, o autor, João Cabral de Melo Neto, retrata o nascimento de uma criança para nos dizer que ainda há esperança de vida. “E o auto de natal também conta o nascimento de Jesus, pois a criança que nasceu faz referência a Jesus Cristo, então por isso que o livro é um auto de natal” (informação verbal¹⁵).

Mostraram a morte e a vida, representadas por duas alunas, enfatizando que elas são competitivas. Mas além disso, a obra diz que mesmo com as dificuldades ainda há esperança de uma vida melhor como havia para Severino, isso ficou claro quando seu José diz no final que ainda há esperança de vida com o nascimento da criança.

¹⁵ Exposição oral. Dados da pesquisa realizada em 2019, na Escola José Manuel de Araújo.

Fotos 51, 52- alunas MF 901.**Fonte: arquivo pessoal**

Dessa forma terminamos as discussões em sala de aula sobre a obra *Morte e Vida Severina*. Por causa do tempo, alguns alunos não puderam apresentar e compartilhar suas experiências de leitura da obra, nessa etapa final. Mas entregaram as atividades propostas e outros nos relataram de maneira informal que a obra dizia muito sobre suas vidas, pois se identificaram com o personagem, mesmo em realidades diferentes.

Vale lembrar que além de fazermos uma leitura com foco na reflexão das temáticas sociais presentes na obra, chamamos a atenção dos alunos das duas turmas, durante as aulas, para o trabalho poético do autor. Observamos a estrutura do poema, os versos com as mesmas quantidades de sílabas poéticas e falamos sobre o texto literário como arte, uma arte que requer trabalho de seu autor, como o que teve João Cabral de Melo Neto, uma arte que também se mistura à nossa vida.

5 RESULTADOS PRÁTICOS

A leitura literária em sala de aula do Ensino Fundamental II ainda encontra barreiras, seja pelo olhar de que as aulas de Língua Portuguesa devem ser centradas em atividades gramaticais, ainda que por meio da utilização de textos, nesse caso como pretexto, ou pela dificuldade em formar leitores por meio de textos literários, principalmente quando o mediador não é um sujeito leitor. Junto a isso, vemos alunos resistentes à leitura devido à dificuldade em ler, seja o texto literário ou não.

A partir da pesquisa feita para este trabalho, observamos que a prática de leitura do texto literário pode contribuir significativamente na formação do leitor. Neste caso, a leitura da obra *Morte e Vida Severina* constituiu-se em uma prática que os alunos não faziam antes, pois o texto literário era pouco trabalhado nas aulas, e quando eram, a abordagem era mais voltada para discussão e interpretação por meio de exercícios escritos retirados do livro didático.

Nesse capítulo, faremos a análise e mostraremos os resultados obtidos na pesquisa. Para isso, buscamos traçar paralelo entre os apontamentos teóricos que embasam a pesquisa e a prática em sala de aula do ensino fundamental II com os alunos do 8º e dos 9ºanos.

Na primeira etapa de aplicação do projeto, em 2018, desenvolvida com os alunos do 8ºano, fizemos a leitura de *Morte e Vida Severina* através de oficinas, com atividades de estratégias de leitura, a fim de ajudar o aluno a construir sentidos ao texto em estudo, fosse por meio de seu conhecimento prévio ou por meio de sumarização, por exemplo.

Na primeira oficina trabalhamos a motivação dos alunos seguido da introdução da obra. Conforme Cosson, atividades de motivação da leitura do texto literário são importantes, pois “o sucesso inicial depende de uma boa motivação” (COSSON,2009, p. 54). Nesse sentido podemos dizer que a maioria dos alunos foram motivados, embora nem todos tenham participado ativamente das discussões em grupo.

Na introdução levamos os alunos a conhecerem o autor e a obra, sem fazermos resumo, pois não queríamos acabar com o prazer da descoberta. E, ao mesmo tempo, tentamos mostrar “a importância da obra para o momento” (COSSON, 2009, p. 60)

Nas aulas seguintes, trabalhamos a leitura com intervalos, onde os alunos apresentaram os resultados da leitura por meio de atividades específicas e rodas de conversa. Para a leitura, dividimos em: aula introdutória, prática guiada, leitura independente^{1,2, 3 e 4} e interpretação. Sobre a leitura literária na escola, Cosson nos diz que “A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista” (COSSON, 2009, p. 62)

A esse respeito podemos dizer que as atividades executadas pelos alunos foram acompanhadas. Nossa mediação ocorreu não apenas durante a aula introdutória e na prática guiada, mas também nas demais etapas, de acordo com as necessidades dos alunos. A prática guiada nos levou a perceber as dificuldades dos alunos na compreensão do texto devido seus conhecimentos prévios não serem suficientes para isso.

E por não saberem significados de algumas palavras, além do uso de dicionários por eles, também precisaram de nossa mediação respondendo às dúvidas que surgiram e também questionando-os, levando-os a chegar a construir sentidos ao texto.

As leituras independentes proporcionaram aos alunos maior contato com o texto literário. Da aula introdutória à leitura independente 2, executaram estratégias de leitura que ajudaram a interpretar e a discutir sobre a obra, principalmente ao chegarem nas leituras independentes 3 e 4, que foram a partir da obra em desenho animado e do filme. Puderam fazer uso das estratégias usadas anteriormente para estabelecer relação com suas vivências, por exemplo.

Ao final dessa etapa de leitura, alguns alunos disseram que não gostaram do filme. Acharam chato devido às músicas tristes, outros gostaram. Mas para eles, o desenho animado foi melhor, pois conseguiram entender melhor o texto depois de assisti-lo.

Observamos que após as atividades de leitura, alguns alunos ainda se sentiam inseguros ao falar sobre a obra, comentar sobre suas interpretações. Eles achavam que deveriam encontrar um único sentido no texto, o “sentido correto” que para eles seria a interpretação do professor. Pensavam que essa fosse a única interpretação possível. Mas ao mostrarmos que o texto literário tem muitas possibilidades, visto que é polissêmico, e que desse modo o sentido ao qual chegaram também pode ser considerado, passaram a expressar suas interpretações sobre o mesmo.

Segundo Jouve (2002), o sentido é construído a partir do encontro entre o livro e o leitor, portanto, o sentido é o resultado desse encontro. Para ele, “a interação que se produz é sempre inédita” (JOUVE, 2002, p.102). Nesse sentido, podemos dizer que os alunos podem criar e criaram, nesse caso, sentido à obra *Morte e vida Severina* a partir do encontro com a mesma.

Na etapa de apresentação das interpretações, onde os alunos fizeram atividades lúdicas para falar sobre a obra, observamos que, embora a maioria tenha participado, apresentado interesse, ainda houve alunos que pouco quiseram participar das produções e discussões em sala. Mas a maioria disse gostar das atividades propostas para a leitura do texto literário.

Nessas atividades não fizemos uma abordagem mais crítica do texto literário, mesmo que em algumas discussões com os alunos tenhamos falado de algumas temáticas sociais

presentes em *Morte e Vida Severina*. Tentamos inicialmente estabelecer o contato do aluno com o texto literário, incentivá-lo à leitura literária por meio dessa obra e possibilitar-lhe que desenvolvesse o gosto pela leitura.

Sabemos que é difícil gostarmos de ler o que não entendemos, por isso, acreditamos que levá-los à compreensão do texto poderia ajudá-los a desenvolverem esse gostar de ler. O que aconteceu, se não com todos, pelo menos com uma boa parte dos alunos, pois passaram a ter mais interesse pelas leituras após a aplicação dessa etapa do projeto.

Sobre isso, lembramos da questão do prazer de ler e da importância de também buscarmos desenvolver o gosto pela leitura literária e não apenas formar leitores compulsórios. Como nos lembra Jover-Faleiros (2013), ao falar sobre leitores e a formação escolar, a escola tende a transformar leitores lúdicos em leitores compulsórios, aqueles que leem por dever.

As atividades de leitura trabalhadas tinham o propósito da formação de um leitor lúdico, como a autora, acima citada, chama o leitor que lê por prazer. Isso aconteceu à medida que propusemos atividades lúdicas que geraram interesse nos alunos pela leitura da obra, como na primeira e na última oficina, onde os alunos apresentaram o texto de forma lúdica. Mas caminhamos também para a formação de um leitor com maturidade para fazer uma leitura mais pontual, o que se deu a partir da prática de atividades envolvendo algumas estratégias de leitura, pois estas poderão possibilitar a leitura de outros textos que precisarão ler algum dia, sem que gostem, mas algumas vezes por exigência do contexto social.

Observamos maior envolvimento desses alunos nas atividades de leitura ao (re)aplicarmos a leitura de *Morte e Vida Severina* no ano seguinte, com eles, no 9º ano. A esse respeito, podemos dizer que os alunos do 9º ano que já conheciam a obra demonstraram bastante interesse em fazer a (re)leitura. O que foi muito bom para eles, pois a experiência e o sentido construído nessa nova leitura foram diferentes dos da primeira, ou os sentidos construídos na primeira leitura foram ampliados pela segunda leitura. Conforme Jouve (2002),

Se a leitura linear é a mais respeitosa das regras do jogo, não é necessariamente a mais interessante. A sucessão não é a única dimensão da narrativa: o texto não é somente uma “superfície”, mas também um “volume” do qual certas conexões só se percebem na segunda leitura. Daí pensar que a releitura é a prática mais apropriada à complexidade dos textos literários só falta um passo. (JOUVE, 2002, p.29)

Sobre esses alunos que leram novamente a obra, em 2019, podemos afirmar que conseguiram estabelecer conexões que não fizeram antes na primeira leitura, o que nos mostra que a releitura é sim apropriada também aos textos literários, especificamente nesse caso, a de *Morte e Vida Severina*.

Considerando as práticas de leitura desenvolvidas nas turmas de 9º ano, percebemos que a recepção do texto literário foi melhor. Os alunos das duas turmas se mostraram motivados e se dedicaram a desenvolver as atividades propostas, embora a MF 901 tenha apresentado por um momento certa distração, o que nos levou a mudar a forma de mediação no decorrer da leitura, a fim de envolver a turma na leitura e discussão do texto.

Na primeira atividade em grupo percebemos a participação de todos os alunos das duas turmas. Na MF901 tivemos a atividade inicial toda em sala, aula introdutória: pesquisa/discussão e apresentação. O que nos fez ver que todos estavam envolvidos na discussão.

Como já dissemos, dessa turma apenas dois alunos já haviam lido a obra, os outros estavam começando a ter contato com esse texto a partir dessa primeira atividade com a turma. Por meio das falas dos alunos, observamos que conseguiram já, nesse momento inicial, fazer uma conexão entre algumas informações relacionadas à obra e seus conhecimentos prévios. Além de já discutirem algumas temáticas como a morte, a questão da seca e a migração.

Na aula seguinte, mediamos a leitura, iniciando com a apresentação do personagem Severino, de maneira a chamá-los para a discussão do texto. Vimos que alguns alunos não estavam acompanhando a leitura e mudamos de estratégia de mediação. Assim, na aula seguinte, solicitamos que os grupos continuassem a leitura e discussão do texto e que faríamos a mediação conforme houvesse necessidade. Durante as leituras feitas pelos grupos percebemos que apenas liam sem comentar o texto, então passamos a questioná-los sobre o texto lido por eles e contribuindo com suas falas ao passo que sentiam dúvidas ou não compreendiam o texto.

Ao percebermos que o tempo não era suficiente para as leituras e discussões, fizemos poucas intermediações e combinamos uma discussão sobre as temáticas sociais observadas por eles no texto na aula seguinte. Para isso sugerimos que levassem a obra para discussão em família, que pensassem na obra a partir das problemáticas sociais que também poderiam ser relacionadas ao contexto social deles.

Essa discussão não foi possível acontecer conforme planejamos, devido à situação anteriormente mencionada. Mas continuamos em nosso próximo encontro a falar sobre a obra com a produção de um pequeno texto. Nesse momento eles puderam dizer, de forma escrita, o que eles leram até aquele momento.

Embora essa produção não tenha sido planejada inicialmente, podemos dizer que ela contribuiu para a prática da leitura dessa obra, pois permitiu que não houvesse quebra na sequência das leituras e os ajudou a continuarem a pensar sobre a mesma. A respeito de

produção escrita durante atividades de leitura do texto literário, podemos afirmar que é válido para o aprendizado dos alunos, pois:

uma atividade integrada de leitura, escrita e oral parece ser medida relevante para a prática do ensino de língua portuguesa na escola. Além disso, essas atividades integradas de motivação tornam evidente que não há sentido em separar o ensino da literatura do ensino de língua portuguesa porque um está contido no outro. (COSSON, 2009, p. 57)

Cosson, na citação acima, faz referência à atividade escrita na etapa de motivação, mas acreditamos que ela pode ser integrada à leitura a qualquer momento. O que não podemos é usar o texto literário apenas como pretexto para outras atividades que não tenham o foco na leitura do mesmo.

Na aula seguinte ao assistirem à obra em desenho animado, os alunos ficaram mais atentos e disseram gostar dessa forma como a obra foi apresentada, pois possibilitou maior entendimento devido às imagens do personagem, o ambiente, o som, etc.

No que se refere ao recurso audiovisual, a animação da obra, ficou claro que ajudou bastante na compreensão do texto, assim como os motivou a retomarem a leitura da obra escrita. O que aconteceu nas aulas seguintes quando nos pediram para continuarmos lendo e mediando o processo de leitura com eles como havíamos iniciado.

Yunes (2016), nos lembra que a imagem pode seduzir quem não gosta de ler livros, e a literatura pode se apresentar de outras formas, como em vídeos e filmes. Nesse sentido, vimos que o filme em animação contribuiu muito para a leitura de *Morte e Vida Severina* em sala de aula.

Sobre as discussões em sala sobre as temáticas envolvendo questões sociais na obra e no contexto dos alunos, podemos dizer que as discussões tornaram a leitura mais significativa para esses alunos, visto que além de discutir as temáticas, puderam relacioná-las com as suas vivências, as de outras pessoas ou ainda a realidade local e global.

Nesse sentido, a leitura dessa obra se constituiu uma prática social relevante, pois cumpriu um papel social à medida que envolveu os alunos e agiu sobre seus comportamentos enquanto leitores, levando-os a pensarem criticamente sobre as questões presentes na obra e na sua realidade, o mundo real, e permitindo-lhes a construção de discursos a partir da interação com o texto, pois “A leitura longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação entre o texto e o leitor” (JOUVE, p.61)

Nos trechos que recortamos dos textos dos alunos e apresentamos anteriormente, podemos observar que eles apontam situações da realidade vivida por Severino, realidade de tantos outros brasileiros que vivem em condições tão difíceis quanto à do personagem, como a

questão da pobreza, da miséria e a esperança ou desesperança que surge a cada dificuldade que se apresenta durante a vida.

A MF902 praticou a mesma atividade inicial da MF901, porém como já dissemos, o momento de pesquisa não foi em sala de aula. Mas demonstrou, desde o início, interesse e participação nas atividades propostas. A nossa mediação em *Morte e Vida Severina* ocorreu da forma como iniciamos na outra turma, ora nós líamos o texto com eles e discutíamos sobre o mesmo e ora os alunos liam e continuávamos a discussão.

Com essa turma, a obra toda foi mediada dessa maneira. Não assistimos ao desenho animado como na outra turma, mas eles fizeram questão de ler juntos o texto inteiro, por vezes falaram nas vozes dos personagens e juntos fomos construindo sentidos ao texto.

Abordamos as temáticas sociais relacionando-as com situações locais, como os conflitos que ocorreram durante a formação de Tailândia, bem como a violência que ainda persiste na região. Os alunos fizeram relação com suas vivências, utilizaram seus conhecimentos prévios e buscaram outras informações em pesquisa que contribuíram para a discussão do texto em sala.

A recepção desses alunos com a obra foi muito melhor que no ano anterior quando a maioria estava no 8º ano. Pareciam mais motivados e comprometidos com a leitura do texto. As discussões em sala ocorreram de forma tão espontânea que quanto mais falávamos, mais parecia que tínhamos o que dizer sobre o texto. Os alunos não se demonstravam cansados em falar de uma obra que já haviam lido.

Isso nos mostra que o texto literário pode nos levar a olhar para uma obra de forma diferente a cada leitura que fazemos. Daí a importância de uma releitura do texto literário, uma leitura mais aprofundada. De acordo com Barthes (1970, p. 22-23 *apud* JOUVE, 2002, p.32-33), “a releitura aqui é proposta de antemão, pois só ela salva o texto da repetição (aqueles que dispensam uma releitura obrigam-se a ler em toda parte a mesma história), multiplica-o na sua diversidade e pluralidade”.

A atividade final desenvolvida em um único momento, a partir das produções e discussões das duas turmas, constituiu-se não apenas de interpretações lúdicas da obra, mas também se mostrou como uma atividade voltada para uma leitura mais crítica de *Morte e Vida Severina*. E nesse sentido, podemos dizer que os alunos conseguiram desenvolver uma prática de letramento em seu caráter social, uma vez que a leitura da obra literária se concretizou em sala de aula e os mobilizou a outras práticas de letramento.

A respeito dos trabalhos produzidos pelos alunos nas duas turmas observamos que por meio da ludicidade conseguiram pontuar suas interpretações da obra. As histórias em quadrinhos mostram, através da escolha dos desenhos, como os alunos imaginam os

personagens, o espaço, bem como a vida difícil vivida pelo personagem. Durante as apresentações cada equipe nos disse o porquê da escolha da cena transformada em quadrinhos, assim como o que queriam nos demonstrar enquanto leitores de suas produções. Fizeram o mesmo, os alunos que apresentaram os filmes produzidos pelo seu grupo.

As duas turmas apresentaram o mesmo texto em forma de filme, de maneira diferente. O que nos fez ver que o olhar que cada grupo teve para obra os proporcionou criar um texto audiovisual com detalhes de suas interpretações da obra.

Chamou-nos a atenção o engajamento das turmas em todas as atividades de leitura, mas na última nos surpreenderam com o desejo de expor mais suas ideias e contar suas experiências com a leitura da obra. Vários alunos se identificaram com o personagem, colocando-se como um dos tantos Severinos que devem existir por aí.

As apresentações e discussões na última atividade nos mostraram que é possível trabalhar a leitura literária partindo de uma leitura lúdica para uma leitura mais profunda, com olhar mais crítico para as situações sociais que nos cercam. Nesse sentido, o processo educativo do letramento literário se concretizou, pois as atividades possibilitaram conhecimentos que os alunos adquiriram ao longo das práticas de leitura em *Morte e Vida Severina*.

Isso já nos mostra a importância do trabalho com o texto literário em sala de aula. Além disso, a leitura literária é uma das competências em língua portuguesa para o ensino fundamental apontados pela Base Nacional Comum Curricular:

9 Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BNCC, p.87)

A leitura de *Morte e Vida Severina* respondeu claramente aos propósitos apontados na competência 9 da BNCC, pois possibilitou a leitura por prazer, valorizou o lúdico, a imaginação criadora dos alunos, bem como permitiu uma experiência com a literatura de forma transformadora e humanizadora.

Segundo Xypas (2018, p.14), “A leitura é uma atividade que demanda tomada de consciência, logo ela pode ser ensinada e não apenas controlada”. Para a autora, o sujeito leitor “é um ser que apreende a Obra com sua experiência de vida, sua razão e sua emoção”. O que justifica o trabalho em sala de aula com a leitura literária dessa obra de João Cabral de Melo Neto, visto que os alunos internalizaram a obra por meio também de suas experiências e suas emoções.

Isso ficou visível no relato do aluno sobre sua experiência de leitura da obra *Morte e Vida Severina*, onde ele se vê na condição de Severino e, assim como o personagem, enfrenta muitas dificuldades na vida, mas não perde a esperança de uma vida melhor. Sobre isso, concluímos que o texto estudado, além de ter nos permitido várias discussões em sala de aula, promoveu o sentimento de esperança nos alunos, os leitores reais, que são também modificados no contato com a obra.

Nossos alunos, longe de terem sido leitores abstratos, foram leitores reais que agiram sobre o texto e se deixaram ser tocados ou modificados por ele. *Morte e vida* nos possibilitou, professor mediador e alunos, mudanças de comportamentos enquanto leitores literários. Conforme Jouve (2002, p. 15), “o leitor real apreende o texto com sua inteligência, seus desejos, sua cultura, suas determinações sócio-históricas e seu inconsciente”.

Como mediadores do texto literário, nesse caso de *Morte e Vida Severina*, tivemos uma experiência ímpar com a leitura literária. Levar para a sala de aula essa obra foi inicialmente um desafio, e em alguns momentos nos vieram desânimo e medo por pensar em não saber como conduzir a leitura com os alunos.

Mas ao longo das leituras descobrimos prazer e motivação à medida que conseguíamos envolver os alunos na leitura. Nossas práticas em sala de aula foram transformadas conforme íamos desenvolvendo o projeto em sala.

Em 2018, quando desenvolvemos a leitura dessa obra com os alunos do 8ºano, percebemos bons resultados, mas em 2019 a experiência foi diferente, todos estávamos mais motivados a ler a obra e a falar sobre ela. Fomos tão envolvidos pela obra que as discussões em sala de aula aconteciam naturalmente. Não estávamos ali sob o peso de uma atividade que fosse nos trazer qualquer outro benefício além do prazer e do aprendizado que o momento nos proporcionava.

Aprendemos muito com essas práticas de leitura do texto literário. E isso nos fez ter um outro olhar sobre nossas práticas em sala de aula. Passamos a dar mais espaço em nossas aulas para o texto literário que ainda é visto por muitos dentro da escola como atividade que pouco contribui para o aprendizado dos alunos.

Podemos afirmar que antes do mestrado profissional morava em nosso interior uma professora em busca de receitas prontas para resolver os problemas de sala de aula. Mas fomos ganhando maturidade, ao longo do curso e da pesquisa, para entender que tal receita não existe. Porém se não encontramos uma resposta definitiva a todas as perguntas que nos inquietavam, sairemos com a certeza de que nossas práticas como mediadores de leitura literária já não são e não serão mais as mesmas.

Estamos certas de que para formamos nossos alunos como sujeitos leitores é necessário que também sejamos sujeitos leitores. O relato de uma aluna, em uma conversa informal, ao final das atividades de leitura nos mostra claramente como houve mudanças em nossas práticas de leitura com o texto literário:

ela me deu aula no 7ºano, aí foi que começou a nossa jornada, no 7ºano eu não a conheci bem, tinha um conhecimento pouco dela só, mas agora no 9ºano ela foi uma diferença, acho que na 901, 902, ela foi diferença, por quê? Por que ela incentivou a gente lê né... a gente nem sabia o que seria *Morte e Vida Severina*, como assim?! Tá ficando doida pra botar esse texto? a gente nem ia saber se não fosse por ela (informação verbal¹⁶)

Conforme a continuação do relato da aluna, nossa mediação possibilitou-lhes conhecerem a obra. Conseguimos envolvê-los na leitura por meio de nossa maneira de ler cada verso do poema. Isso nos leva à certeza de que é por meio da leitura que nós formamos leitores, ou melhor, é lendo textos literários que nós formamos leitores de textos literários e ajudamos a formar sujeitos leitores de literatura e do mundo.

No que se refere a nossa prática em sala de aula, podemos afirmar que durante o processo de desenvolvimento do projeto fomos nos reconfigurando enquanto professor mediador de leitura do texto literário, pois antes não desenvolvíamos trabalhos como este em sala de aula, pouco líamos textos literários e sempre acabávamos nos acomodando diante as dificuldades do cotidiano escolar, o que mudou a partir das práticas de leitura da obra *Morte e Vida Severina*.

Trabalhar essa obra em sala de aula do ensino fundamental II nos permitiu olhar para a literatura e o texto literário de uma outra forma. Vemos que é possível formar leitores a partir da literatura e que por meio dela podemos também nos ver e questionar o mundo que nos rodeia. O mestrado nos permitiu, portanto, uma mudança em nossa prática que já não é e não será a mesma.

A sala de aula já não é mais apenas o lugar onde levamos conhecimentos novos aos alunos. É o lugar de práticas de letramentos que se constituem em práticas sociais reais. É o lugar em que partilhamos conhecimentos, onde os letramentos acontecem e se configuram no dia a dia dos alunos, onde a leitura do texto literário não é coisa de outro mundo, mas uma experiência que nos aproxima do mundo real, nos modifica, nos humaniza, nos faz pensar e aprender com os alunos.

¹⁶ Exposição oral, após o término das atividades desenvolvidas em sala de aula do 9ºano, em 2019.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões apresentadas sobre letramento, vimos que os letramentos são múltiplos e ideológicos; e que a visão que perdurou durante longo tempo, sobre o letramento no singular- no Brasil, como sinônimo de alfabetização- hoje não é capaz de responder às diversas questões que envolvem o social, visto que as relações se constroem em práticas concretas, em contextos sociais diferentes.

Isso nos leva a reconhecer o letramento como prática social, pois está a todo momento se materializando no nosso cotidiano, nas nossas vivências, em crenças, em culturas, enfim, em tudo que constitui a nossa identidade, os nossos discursos.

Entendemos que o letramento como prática social é o que deve estar presente no contexto da educação básica, que a leitura e a escrita sejam vistas em seu caráter social, não com enfoque apenas em habilidades técnicas; que a escola dê voz de fato aos multiletramentos, pois as diversidades dos contextos socioculturais nos têm apresentado uma imensa riqueza em se tratando de letramentos.

No que se refere ao letramento literário, este não tem tido espaço expressivo nas salas de aula do Ensino Fundamental II, principalmente quando está relacionado à prática social. Nesse sentido, apresentamos possibilidade de prática desse letramento na escola, por meio de oficina de leitura do texto literário, além de mostrarmos práticas reais de letramento literário em sala de aula por meio da leitura de *Morte e Vida Severina* com alunos de 8º e 9º ano do ensino fundamental.

Acreditamos que esse letramento cumpre um papel social e pode levar os alunos à materialidade da literatura nos mais diversos contextos sociais. A escola pode, portanto, contribuir para que o letramento literário se concretize no cotidiano dos alunos como ocorreu com a leitura dessa obra de João Cabral de Melo Neto.

A respeito da prática em sala de aula, as oficinas contribuíram para que os alunos desenvolvessem práticas de leitura que não faziam antes, visto que vivenciaram de forma prática e significativa essas atividades.

Vale ressaltar que nem todos os alunos se apaixonaram pela obra, alguns gostaram mais e outros menos, pois inicialmente encontraram dificuldade para entender o texto, mas a maioria participou ativamente das atividades propostas. E conforme o desenvolvimento de cada oficina, eles iam conseguindo atribuir algum sentido à leitura do texto literário.

A última oficina, com a turma de 8º ano, foi aplicada no período de avaliação final da escola, o que impossibilitou uma avaliação do projeto com os alunos sobre as atividades de

letramento praticadas, bem como não foi possível saber qual o posicionamento deles acerca do texto literário, embora durante as oficinas tenha sido possível perceber o gosto, o prazer de ler experienciado por alguns, enquanto outros demonstravam uma certa resistência à leitura literária.

O segundo contato dos alunos com a obra, isto é, a prática de leitura desenvolvida com esses alunos que eram do 8º ano em 2018, no 9º ano, foi diferente. Eles demonstraram mais interesse pela obra, discutiram mais sobre o texto, envolveram-se mais nas atividades propostas.

Os alunos do 9º ano que tiveram primeiro contato com essa obra em 2019, MF901, durante as práticas de leitura em sala de aula, mostraram-se interessados desde o início e embora alguns tenham se distraído em uma das etapas da leitura, conseguimos envolvê-los na leitura nos momentos seguintes.

De modo geral, podemos afirmar que essa turma foi participativa em todas as atividades propostas. Conseguiram por meio do texto literário discutir as questões sociais vivenciadas pelo personagem e também relacioná-las às suas vivências e ao contexto histórico social do local onde vivem.

No que se refere à atuação do professor mediador nas práticas de leitura literária, consideramos que a mediação do professor é muito importante, pois é por meio dela que o aluno se encontrará na leitura quando se sentir perdido, isto é, quando o texto não fizer sentido a ele.

É a mediação que possibilita ao aluno os caminhos que levam ao objetivo da leitura, o que nos mostra sua importância na leitura do texto literário em sala de aula. Vale ressaltar que mostrar caminhos não pode ser confundido com a indução do aluno a uma única interpretação: a do professor. Além disso, não podemos usar o texto literário como pretexto para outras atividades que não tenham foco na leitura do mesmo. Por isso, precisamos ser cuidadosos ao medirmos a leitura de um texto literário. Precisamos compreender nosso papel como professores mediadores.

Em nossa prática usamos, além do texto escrito, os recursos audiovisuais: filme e animação da obra. Isso contribuiu para a leitura e motivou os alunos, o que nos fez ver tais recursos como uma boa alternativa para o desenvolvimento de práticas de leitura do texto literário na escola.

Vimos também que o texto literário nos permite perceber novos sentidos a cada leitura nova que fazemos, mesmo que seja do mesmo texto. *Morte e vida severina* nos permitiu adquirir conhecimentos que não tínhamos antes, fez-nos embarcar na narrativa e enxergar o mundo onírico e o mundo real que nos rodeiam.

O texto literário pode ser lido levando em consideração o aspecto lúdico. A interpretação lúdica do texto literário não é apenas demonstração de prazer do aluno na leitura, mas também sua expressão, manifestação de pensamento dele, o que não conseguiu dizer em palavras, pode dizer com imagens, sons, gestos, vestes, desenhos, etc.

Como professor mediador da leitura dessa obra aprendemos muito. Podemos afirmar que *Morte e Vida Severina* nos possibilitou mudanças, transformações em nosso comportamento enquanto sujeito leitor. Antes líamos pouco os textos literários, e mesmo a obra em estudo não tínhamos lido com o olhar que temos hoje.

Por meio dessa leitura passamos a ver que o texto literário pode nos proporcionar prazer e nos fazer refletir, questionar e aprender sobre o mundo; pode ser uma possibilidade para as nossas práticas de leitura em sala de aula na busca por formar sujeitos leitores. Lembrando que somente formamos leitores literários se formos leitores de textos literários. Dessa forma, o professor mediador precisa ser um sujeito leitor para formar sujeitos leitores.

Podemos dizer, ainda, por meio de nossa experiência com a leitura do texto literário em sala de aula, que a literatura é humanizadora e capaz de transformar o indivíduo, o sujeito leitor de obras literárias. Vimos isso quando os alunos foram motivados, quando leram e discutiram as situações sociais do texto, quando se colocaram na condição do personagem, quando foram envolvidos pela esperança de uma vida melhor ao final da leitura.

Finalmente, podemos dizer que o letramento literário é possível acontecer em sala de aula. E que é dever da escola possibilitar a promoção de momentos de leitura literária mais significativos aos alunos. E cabe ao professor, enquanto sujeito leitor e mediador, incentivar o gosto, o prazer de ler o texto literário e também promover uma leitura crítica do mesmo.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Larissa Walter Tavares de. **Os aspectos sociais de Morte e Vida Severina**, de João Cabral de Melo Neto, e suas rupturas. *Scripta Alumni - Uniandrade*, n. 14, 2015. INSS: 1984-6614. Disponível em: <<http://uniandrade.br/revistauniandrade/index.php/ScriptaAlumni/index>>. Acesso em: 15 de outubro de 2019.
- ANTUNES, Irlandé. A leitura: de olho nas suas funções. In: _____. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. Capítulo 11, p. 185-206.
- BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Tradução de José Roberto O’Shea. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3ª ed.rev. e ampl. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- CAVALCANTI, Maria Clara. **Formação do leitor: uma questão de jardinagem** (Ilustrações Bruno Palma e Silva). Curitiba (PR): Hum Publicações, 2016.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- COSCARELLI, Carla Viana; CAFIERO, Delaine. Ler e Ensinar a Ler. In: COSCARELLI, Carla. **Leituras sobre a leitura: passos e espaços na sala de aula/ Delaine Cafiero, et al.** Organização de: Carla Viana Coscarelli. Belo Horizonte: Vereda 2013.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.
- COSSON, Rildo. **Modos de ler na escola**. O cotidiano das letras. In: ANAIS DA XI SEMANA DE LETRAS. Porto Alegre: EDIPUCRS. 1-7. 2011.
- COSSON, Rildo; SOUZA, Renata Junqueira. **Letramento Literário: uma proposta para sala de aula**. Acervo digital da UNESP, 2011. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>>. Acesso em: 23 de abril de 2018.
- COSTA, Cristina Henriqueta da. **Imaginando João Cabral imaginando**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: Uma introdução**. Tradução Waltensir Dutra. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FERRAREZI JR., Celso. A leitura na escola. In: FERRAREZI JR.; CARVALHO, Robson Santos de. **De alunos a leitores: o ensino da leitura na educação básica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. p. 23-51.

GIROTTI, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: SOUZA, Renata Junqueira, e tal. **Ler e Compreender: Estratégias de leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 45-114.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. Tradução Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Tradução de Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. – São Paulo: Parábola, 2012.

JOVER-FALEIROS, Rita. Sobre o prazer e o dever ler: figurações de leitores e modelos de ensino da literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia; JOVER-FALEIROS, Rita (orgs). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo, SP: parábola, 2013. p. 113-133.

KLEIMAN, Angela B. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, Roxane. **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 220-237.

LIMA, Alceu Amoroso. Na emoção, atirei o boné. In: MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina: Auto de Natal Pernambucano**. Rio de Janeiro, Alfaguara, 2016. p. 82-89.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina**. Edição em quadrinhos realizada por Miguel Falcão Recife: Fundaj, Editora Massangana, 2009.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida Severina: auto de Natal Pernambucano**. Rio de Janeiro. Alfaguara, 2016.

MELO NETO, João Cabral de. **Poemas para ler na escola**. Seleção Regina Zilberman. Rio de Janeiro; Objetiva, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: Educação é a base**. Brasília, [2019?] Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2020.

MORAES, Giselly Lima. Que leitor queremos formar? In: OLIVEIRA, Eliana Kalafás; MORAES, Giselly Lima de; PEPE, Cristiane Marcela (Organizadoras). **Leitura Literária e mediação**. Campinas, S.P: Edições Leitura Crítica; ALB, 2014. p. 23-35.

NOGUEIRA, Erich Soares. “Encontrar nas palavras novas coisa de ver”: o texto literário na formação do leitor. In: OLIVEIRA, Eliana Kalafás; MORAES, Giselly Lima de; PEPE, Cristiane Marcela (Organizadoras). **Leitura Literária e mediação**. Campinas, S.P: Edições Leitura Crítica; ALB, 2014. p. 49-58.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. Gêneros textuais e letramento. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, V. 10, n. 2, p. 325- 345, abril-junho, 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3398/339829613008.pdf>>. Acesso em: 25 de abril de 2018.

PONTÍFICA UNUNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema Integrado de bibliotecas. **Orientações para elaborações de trabalho científicos: projetos de pesquisa, teses, dissertações, monografias, relatório entre outros trabalhos acadêmicos**, conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). 2. Ed.

Belo Horizonte: PUC Minas, 2016. Disponível em: < www.pucminas.br/biblioteca>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2019.

PRADO, Francisca Ramos. **O mito da cidade provisória**: Natureza, Migração e Conflito social em Tailândia (1977-2000). 2006. 152 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em História social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/4255/1/Dissertacao_MitoCidadeProvisoria.pdf> Acesso em: 29 de outubro de 2019.

PROJETO POLITICO PEDAGÓGICO – **PPP** – da Escola José Manoel de Araújo - 6ª versão – a 1ª versão foi em 2008 – Anualmente, revisado e atualizado pela Equipe: Direção, Professores, Coordenadores Pedagógicos e Responsáveis pela revisão – Tailândia, agosto de 2019.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SACRAMENTO, Elias Diniz; OLIVEIRA, Antonio Jefferson Paiva. A LUTA PELA TERRA NA AMAZÔNIA: O ASSENTAMENTO QUINTINO LIRA EM SANTA LUZIA DO PARÁ (2007-2015). **Revista Outras Fronteiras**, Cuiabá-MT, vol. 3, n. 2, jul/dez., 2016 ISSN: 2318 – 5503. Disponível em: <<http://ppghis.com/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/download/240/pdf>> Acesso: 20 de janeiro de 2020.

SECCHIN, Antonio Carlos. **João Cabral**: a poesia do menos. São Paulo: Duas Cidades; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

SECCHIN, Antonio Carlos. Morte e visa severina, ano 60. In: MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida Severina**: Auto de Natal Pernambucano. 1ª ed., Rio de Janeiro. Alfaguara, 2016. p.08-13.

SEMANA DE LETRAS: O COTIDIANO DAS LETRAS. 11, 2011. Porto Alegre. COSSON, Rildo. **Modos de ler na escola**. Porto Alegre: FALE/ PUCRS, 2011. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/XISemanaDeLetras/index.htm>>. Acesso em: 10 maio 2018.

SILVA, Ezequiel Theodoro. Formação de leitores Literários: o professor leitor. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES-NETO, José Castilho; ROSING, Tânia M.K.(Organizadores) **Mediação de leitura**: discussão e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009. p.23-36.

SILVA, Vanessa Souza da. Letramento e Ensino de Gênero. **Educ. Foco**, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 19-40, mar. / agosto, 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Texto-011.pdf>>.

STREET, Brian. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento, na etnografia e na educação. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

STREET, Brian. Perspectivas interculturais sobre o letramento. Tradução de Marcos Bagno. **Filologia E Linguística Portuguesa**, São Paulo, v.8, p. 465-488, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i8p465-488>>

TAVARES, Braulio. Arte de ver e de dizer. In Melo Neto, João Cabral de. **Morte e vida severina**. Rio de Janeiro, Alfaguara, impresso pela Geográfica para a Editora Objetiva, 2013.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

XYPAS, Rosiane. **A leitura subjetiva no ensino da literatura**: apropriação do texto literário pelo sujeito leitor. Olinda, PE: Nova Presença, 2018.

YUNES, Eliana. **Professor Leitor**: uma aprendizagem e seus prazeres. (ilustrações Bruno Palma e Silva). Curitiba (PR): Hum Publicações, 2016.

ZILBERMAN, Regina. A consciência Social do poeta. In: MELO NETO, João Cabral de. **Poemas para ler na escola**. Seleção Regina Zilberman. Rio de Janeiro; Objetiva, 2010. p. 09-13.

**APÊNDICE- PRODUTO FINAL DA PESQUISA: MEMORIAL DE OFICINAS
REALIZADAS COM A OBRA *MORTE E VIDA SEVERINA* NA EMEF JOSÉ
MANUEL DE ARAÚJO, EM TAILÂNDIA/PA**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
PROFLETRAS – UNIFESSPA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGENS E LETRAMENTOS**

Gleicy Moraes Santos

**MEMORIAL DE OFICINAS REALIZADAS COM A OBRA *MORTE E VIDA
SEVERINA* NA EMEF JOSÉ MANUEL DE ARAÚJO, EM TAILÂNDIA/PA**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Aparecida Beraldo Romano

MARABÁ- PA

2020

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	120
2 OFICINAS APLICADAS EM 2018.....	121
2.1 Oficina 1: Motivação e introdução.....	121
2.2 Oficina2: Leitura da obra <i>Morte e Vida Severina</i>	123
2.3 Oficina 3: Interpretação - Exposição literária <i>Morte e Vida Severina</i>.....	126
3 OFICINAS DE LEITURA DA OBRA <i>MORTE E VIDA SEVERINA</i> APLICADAS EM 2019.....	131
3.1 Oficinas desenvolvidas na MF 901.....	131
3.2 Oficinas desenvolvidas na MF 902.....	137
4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
REFERÊNCIAS.....	169

1 INTRODUÇÃO

Esse memorial apresenta as oficinas de leitura literária com a obra *Morte e Vida Severina* desenvolvidas na EMEF José Manuel de Araújo, em Tailândia/PA, aplicadas como ações de nossa pesquisa de mestrado. É, portanto, produto final que pode ser usado como material didático para direcionar atividades de leitura literária em sala de aula do Ensino Fundamental II.

Nosso objetivo geral foi promover o letramento literário por meio dessa obra, cujas atividades em sala de aula contribuiriam para várias práticas sociais, além de incentivar a leitura do texto literário. Incentivamos a leitura literária também por meio da prática de estratégia de leitura e interpretação da obra, partindo de uma leitura lúdica para uma leitura crítica de *Morte e Vida Severina*.

Escolhemos essa obra por acreditarmos que se trata de um texto que possibilita a leitura literária como atividade social, permitindo várias possibilidades de leituras e discussões de questões sociais presentes no poema. Além disso, nos permite ver a literatura em seu caráter humanizador.

As oficinas aqui apresentadas foram elaboradas com base na sequência básica conforme Cosson (2009) e nas oficinas de estratégias de leitura proposta por Girotto e Souza (2010), sendo adequada ao público alvo, isto é, as turmas de 8º e 9º anos nas quais foram aplicadas. Portanto, trata-se de uma proposta desenvolvida, nesse caso, que pode ser trabalhada em outras turmas e com outras obras literárias, sendo possível se fazer as alterações que forem necessárias.

As oficinas foram desenvolvidas em dois momentos: o primeiro em 2018, com uma turma de 8º ano e o segundo em 2019, com duas turmas de 9ºano do Ensino fundamental.

2 OFICINAS APLICADAS EM 2018

2.1 Oficina 1: Motivação e introdução

Objetivos: Motivar os alunos à leitura e apresentar o autor e a obra, mostrando a sua importância para esse momento de introdução da atividade de letramento com a obra *Morte e Vida Severina*

Tempo estimado: 90 minutos

Na primeira etapa apresentamos a atividade, dividimos a turma em cinco grupos; cada grupo ficou responsável por pesquisar e fazer discussão em sala sobre as seguintes informações da obra:

1º grupo: as capas do livro. Eles pensaram e discutiram em grupo sobre a relação possível entre elas e o texto que iriam ler;

2º grupo: O nome do personagem. Os alunos fizeram uma reflexão, por exemplo, sobre quem é um Severino;

3º grupo: O autor. Os alunos apresentaram uma breve biografia do autor;

4º grupo: O espaço. Explicaram um pouco sobre o ambiente, os lugares por onde Severino passou;

5º grupo: O título. Expuseram o sentido que encontraram para título, o que eles

Segunda etapa: pesquisa e discussão em grupo:

Equipe discutindo sobre as capas do livro



Fonte: Arquivo pessoal

Terceira etapa: apresentação em grupo das pesquisas e discussões:

Apresentação em grupo



Fonte: arquivo pessoal

Apresentação em grupo



Fonte: arquivo pessoal

A etapa final dessa oficina foi uma roda de conversa acerca dos achados dos alunos sobre a obra em estudo, seguida de uma breve avaliação sobre essa experiência de leitura na oficina.

2.2 Oficina2: Leitura da obra *Morte e Vida Severina*

Aula introdutória: Leitura de apresentação da obra original escrita por João Cabral de Mello Neto (em grupo) - 45 minutos

Os alunos fizeram a primeira leitura, em grupo, da obra *Morte e Vida Severina*.



Fonte: arquivo pessoal

Em seguida, outra leitura do trecho inicial do poema, a apresentação de Severino- “O retirante explica ao leitor quem é e a quem vai”- Partindo de seus conhecimentos prévios discutiram com seus colegas de grupo e, na sequência, com a turma. Expuseram o que conseguiram encontrar no texto, assim como as dificuldades que sentiram na leitura.

Prática guiada: ensino das inferências, visualização- 20 minutos.

Para essa prática, os alunos leram o trecho: Encontra dois homens carregando um defunto numa rede, aos gritos de “Ó irmãos das almas! Irmãos das almas! Não fui eu quem te matei não!”.

Orientamos os alunos em grupos durante a leitura do texto. Para isso, entregamos aos alunos um roteiro de questões que conduziram a conversa. Além disso, foi necessário o uso de dicionário devido as dificuldades que os alunos tiveram para entender o significado de algumas palavras. Assim, praticamos juntos, uma estratégia de leitura partilhada, fazendo reflexões sobre o texto e construindo significados para ele por meio da discussão.

Perguntas direcionadas às equipes para ajudá-los na compreensão:

TURMA: 802

DATA: 13/11 /2018

ALUNO(S): Elidiane, Beatriz, matheus, Felipe, Jolton, Gustavo, Izaque, Márcio

PROJETO LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL

OFICINA 2- Leitura da obra *Morte e Vida Severina*

PRÁTICA GUIADA: Inferências, Visualização.

Eu uso para prever:	SIM	NÃO	OBSERVAÇÃO
O título e o nome do capítulo (ou subtítulo)	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	identifica o personagem que é Severina!
A capa da frente e de trás.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	A capa expressa o acontecimento na vida de Severina
Palavras conhecidas ajudam a inferir o significado de palavras desconhecidas. Palavras: <u>Pia, Sermania, Sina, noçodo de limpa,</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Significados inferidos Pia: nome de batizado Sermania: terras Sina: sinal noçodo de limpa: ?
Questões que podem ser respondidas O que eu já sei sobre o texto?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	O texto fala sobre morte Severinas, que acontece decorridamente ao longo da viagem de Severina
O que eu sei sobre o gênero?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Poema
O que eu sei sobre a organização e a estrutura do texto?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Narrativa
Conhecimentos de mundo, suas experiências e convívio social, contribuem para você inferir sentido ao texto?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Pia um nome utilizado para expor o segundo nome
Após a leitura do texto, que imagem vem à cabeça? O que te ajudou a criar essa imagem? → <u>As palavras estão explicada em forma poética</u>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Um homem magro que morava na sertão e havia a bixa de habelho

Os alunos inferiram sentidos ao texto, atribuindo significado a palavras desconhecidas, por exemplo. Assim utilizaram seus conhecimentos prévios e estabeleceram relações com as dicas do texto para concluir seu entendimento sobre o mesmo. Com isso, tentaram prever, criar uma interlocução com o texto.

Leitura independente 1: sumarização- 25 minutos.

Os alunos fizeram a leitura independente do trecho “O retirante tem medo de se extraviar por seu guia, o Rio Capibaribe, cortou com verão”.

Nessa etapa, orientamos aos alunos como fazerem a leitura, com marcações a lápis ao lado do texto, etc. Porém, os alunos fizeram, sozinhos, a prática dessa estratégia. Anotaram sobre o conhecimento prévio: fatos que já sabiam sobre a obra (o trecho em estudo), observaram a estrutura do texto, se havia subtítulos importantes e fizeram perguntas ao texto.

A próxima etapa da oficina foi prática guiada que aconteceu no dia 13/11/18. Nessa etapa orientamos as discussões em grupo. Os alunos apresentaram dificuldade para entender significados de algumas palavras, mesmo fazendo inferências com palavras conhecidas. Assim, houve necessidade de uso do dicionário. Algumas perguntas foram direcionadas às equipes para ajudá-los na compreensão:

Leitura Independente 2: Estratégia de leitura: Síntese. 90 minutos

Para essa atividade, dividimos a turma em cinco grupos. Cada grupo fez uma nova leitura de três trechos da obra e discutiu entre si, em seguida abriram uma roda de conversa com toda a classe e apontaram suas interpretações (sínteses).

Leitura Independente 3: Leitura da animação (adaptação da obra em desenho animado): 90 minutos.

Para essa leitura, os alunos precisaram considerar o modo de leitura *contexto- leitor*. Eles buscaram traçar paralelos entre a obra e suas histórias de vida (Cosson, 2017). Para isso, aplicaram estratégia(s) de leitura das aulas anteriores, a fim de obterem novas interpretações da obra, a partir do recurso audiovisual.

Iniciamos essa aula com a apresentação dos objetivos da leitura. Em seguida, os alunos assistiram à animação, fazendo suas observações de leitura. Depois fizeram uma discussão em grupo e, na sequência, apresentaram suas experiências da leitura com a turma.

Leitura independente 4: leitura do filme- 90 minutos

Nessa leitura, os alunos deveriam considerar as estratégias de leitura executadas anteriormente, observando o que há de diferente entre o filme e os dois outros textos- livro impresso e animação. (visões do diretor e do autor, visualização de imagens, sons, etc.).

Começamos a aula apresentando o objetivo da leitura aos alunos. Depois exibimos o filme; os alunos assistiram fazendo suas anotações sobre suas percepções acerca do mesmo. Ao término do filme, os alunos apresentaram suas interpretações.

Avaliação: partilha das experiências com a prática de leitura

Esse momento de avaliação foi feito por meio de uma discussão oral entre professor e alunos participantes das oficinas. Assim, foram respondidas questões como: de qual versão da obra os alunos mais gostaram? O que deu certo? Conseguiram alcançar os objetivos? (15 a 20 minutos).

2.3 Oficina 3: Interpretação - Exposição literária *Morte e Vida Severina*

Nessa oficina os alunos produziram trabalhos finais de interpretação, bem como fizeram a exposição destes e dos demais trabalhos produzidos ao longo do projeto. Essa atividade final foi desenvolvida também em grupo. Assim tivemos a turma dividida em cinco equipes.

A exposição dos trabalhos impressos (imagens e textos escritos) e apresentação do teatro ocorreu em sala de aula. O espaço foi organizado de acordo com algumas etapas das oficinas. Dessa maneira, os alunos visitantes conheceram inicialmente as informações gerais sobre a obra: capas do livro, o nome do personagem-protagonista (em forma curiosidade ou questionamento para que o leitor visitante respondesse o que é para ele um *Severino*), o autor (breve biografia), o espaço em que acontece a história, o título (interpretação dos alunos do projeto que também fizeram questionamentos aos visitantes).

Para cada quadro de informações da obra ficou um aluno que participou do projeto para comentar e instigar os novos leitores a pensarem sobre a obra. Em seguida assistiram ao teatro *Morte e Vida Severina* e a interpretação da música de Chico Buarque.

Assistiram à exposição, para conhecer a obra e a interpretação dos alunos que participaram do projeto, alunos e professor de outras turmas da escola, a diretora da escola, coordenadores pedagógicos e outros que se interessaram pelo projeto.

Essa oficina foi a parte final da sequência básica de leitura, nela os alunos expuseram suas interpretações acerca da obra. Para essa atividade direcionamos as propostas com antecedência a realização, visto que os alunos precisavam se organizar para realizá-la.

Vejamos alguns momentos da etapa final desse primeiro momento de leitura de *Morte e vida severina*:

Aluna representando o personagem Severino



Fonte: fotografia da autora

Cenas do teatro



Fonte: fotos da autora

Cenas do teatro



Fonte: fotos da autora

Interpretação da obra por meio da música de Chico Buarque¹⁷:



Fonte: arquivo pessoal

¹⁷ Vídeo da apresentação disponível em:
http://m.facebook.com/story.php?story_fbid=1781894015271153&id=100003517153941 >

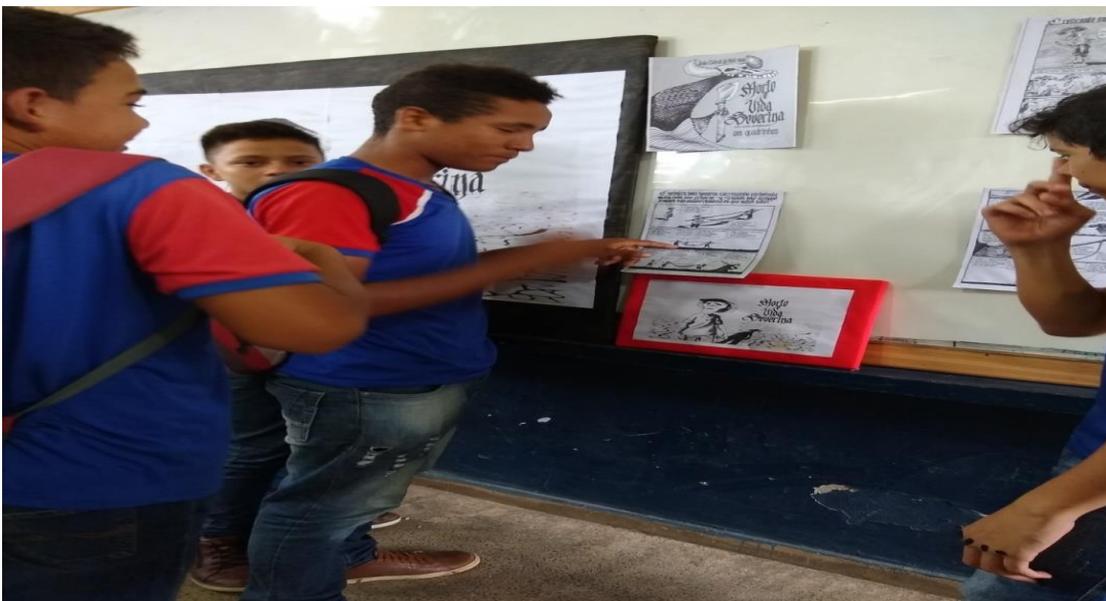
Interpretação da obra por meio da música de Chico Buarque:



Fonte: foto da autora

Outros momentos da exposição:

Alunos lendo cenas da obra em quadrinhos



Fonte: fotografia da autora

Momento após apresentações



Fonte: fotos da autora

O segundo momento, em 2019, desenvolvemos outras oficinas de leitura da obra *Morte e Vida Severina* com alunos de 9º ano do Ensino Fundamental. Participaram das atividades de leitura duas turmas, MF901 e MF902, sendo que a MF902 era formada pela maioria dos alunos que faziam parte do 8ºano do ano anterior e que haviam feito a leitura de *Morte em Vida Severina*.

3 OFICINAS DE LEITURA DA OBRA *MORTE E VIDA SEVERINA* APLICADAS EM 2019

As atividades foram desenvolvidas da seguinte maneira:

3.1 Oficinas desenvolvidas na MF 901

A primeira etapa foi uma oficina com atividades em grupo para que os alunos pudessem ter uma noção do texto que iriam conhecer nas próximas leituras. Para isso tivemos:

Apresentação:

Apresentamos a oficina, objetivos e o livro aos alunos. Levantamos a discussão com eles sobre o título e o que é um auto de natal, por exemplo.

A discussão foi mediada por meio de questionamento a respeito do nome Severino, sua relação com a palavra morte. Também pedimos hipóteses para o porquê de o título não ser vida e morte Severina. Entre as respostas, falaram que Severina é um adjetivo que tem origem no nome do personagem Severino. Por isso, caracteriza a vida de sofrimento acompanhada pela morte a todo momento.

Aula introdutória:

Após a apresentação, dividimos a turma em cinco grupos para pesquisarem e discutirem em sala de aula sobre: o título, resumo da obra, o autor, a seca no Nordeste na década de 40 e 50 e o que é auto com a letra u. Os alunos tiveram 15 minutos para a pesquisa no *google* por meio do celular e discutiram entre si. Em seguida, cada grupo fez apresentação oral de sua pesquisa e discussão em grupo para toda a turma. Assim puderam falar o que encontraram e levantar questionamentos aos demais colegas de outros grupos.

Pesquisa e discussão em grupo



Fonte: arquivo pessoal

Pesquisa e discussão em grupo



Fonte: arquivo pessoal

Nessa etapa os alunos foram bem participativos e, embora alguns alunos tenham encontrado dificuldades durante a pesquisa, conseguiram apresentar uma visão geral ou mesmo estabelecer hipóteses sobre o que iriam encontrar na obra de João Cabral.

A primeira equipe a se apresentar trouxe novamente a discussão sobre o título da obra. Para o grupo, “*Morte e Vida Severina* pode significar uma vida severa, onde quem a vivenciou sofreu muito com as circunstâncias que apareciam no seu dia a dia, morte ...” (Informação verbal¹⁸).

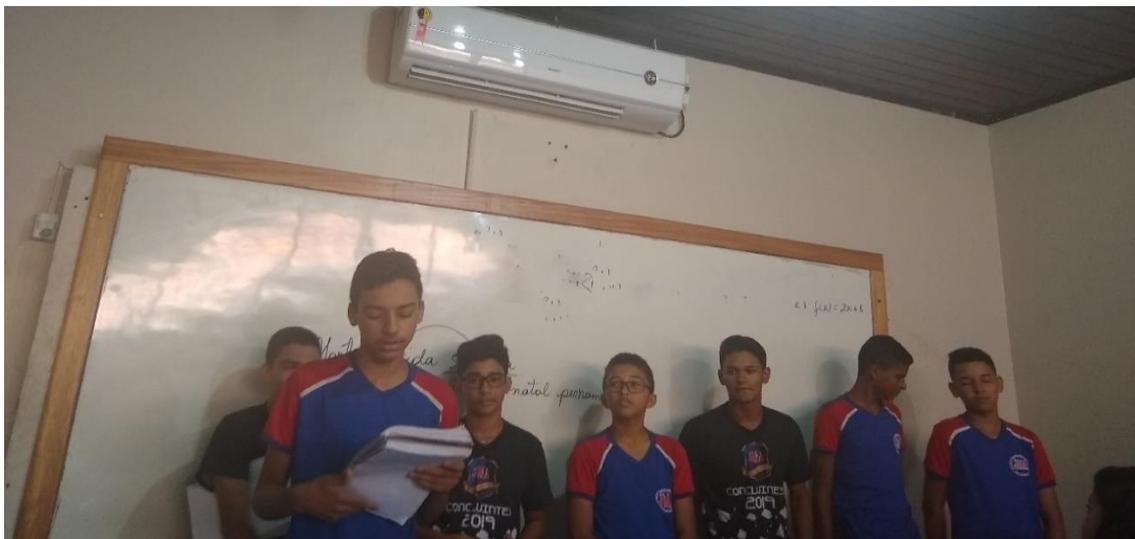
Grupo 1: apresentação e discussão do título



Fonte: arquivo pessoal

¹⁸ Aluna apresentando pesquisa e discussão em grupo. Dados da pesquisa realizada na Escola José Manuel de Araújo em 2019.

Grupo2: Apresentação do resumo



Fonte arquivo pessoal

Grupo3: apresentação do autor, João Cabral de Melo Neto



Fonte: arquivo pessoal

Grupo 4: Falando sobre a seca



Fonte: arquivo pessoal

Apresentação do grupo 5



Fonte: arquivo pessoal

Finalizamos essa etapa com a última apresentação, com duração total de duas aulas de 45 minutos. A etapa seguinte foi a leitura de *Morte e vida Severina*.

Leitura da obra

Iniciamos a atividade com uma prática guiada. Assim, fizemos a leitura, em voz alta, da apresentação do personagem: O retirante explica ao leitor quem é e a que vai, e a cena seguinte: Encontra dois homens carregando um defunto numa rede, aos gritos de: “Ó irmãos das almas! Irmãos das almas! Não fui eu que te matei não!”

À medida que íamos lendo o poema fazíamos questionamentos aos alunos sobre o texto. Tais como: o que vocês acham que quer dizer “não tenho outro nome de pia”, o que pode significar a palavra pia no poema? Várias respostas foram dadas, uma das alunas, por exemplo, explicou que pia estava relacionada ao batismo, então Severino não tem outro nome de batismo, de nascimento.

No decorrer da leitura, buscamos instigá-los a pensarem sobre as questões sociais presentes no poema e relacioná-las com a região em que moram, Tailândia/Pará. Assim, discutimos sobre os conflitos por posse da terra no período de formação de Tailândia, as mortes constantes no poema e nessa região pela mesma motivação, além de contextualizar a obra com questões atuais, refletindo sobre: quem são os severinos hoje?

A etapa seguinte foi de leitura em grupo: cada grupo leu em voz alta e compartilhou suas interpretações com a turma.

Leitura em grupo



Fonte: arquivo pessoal

Ao final da aula sugerimos aos alunos que levassem a obra *Morte e Vida Severina* para seus pais, para que refletissem em família sobre os assuntos abordados no texto fazendo uma relação com suas vivências. Além disso, que eles pensassem sobre o contexto social da época de produção da obra e na atualidade e que realidade de Tailândia poderia ser associada à obra: quem são os severinos que aqui vivem ou daqui migraram? As lutas por terra, o latifúndio, etc. Questões que deveríamos discutir nas aulas seguintes.

A próxima etapa foi a exibição da obra em desenho animado:

Turma assistindo à obra em desenho animado



Fonte: arquivo pessoal

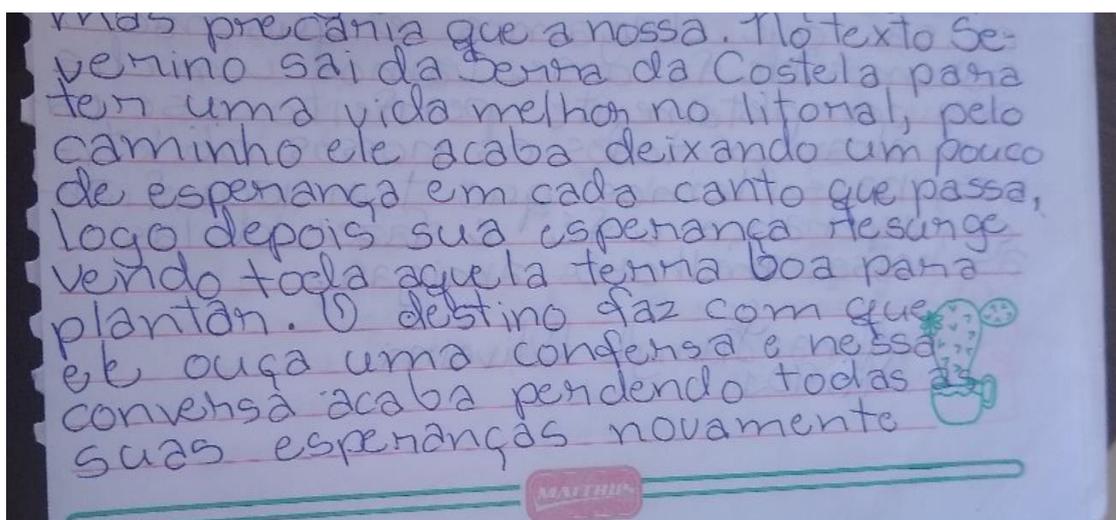
Os alunos ficaram atentos às cenas. Ao final fizeram breves comentários sobre o desenho animado. Disseram que gostaram da animação e que a obra os ajudou a visualizar o texto, como seria Severino, sua região, as mortes presentes, etc.

Em seguida esclarecemos aos grupos a atividade de produção final que sugeríamos ao longo das aulas anteriores, onde os alunos fariam apresentação e um debate sobre as questões sociais discutidas em sala. Para isso, os grupos formados no início produziram: filme curto, história em quadrinhos e teatro, conforme suas interpretações.

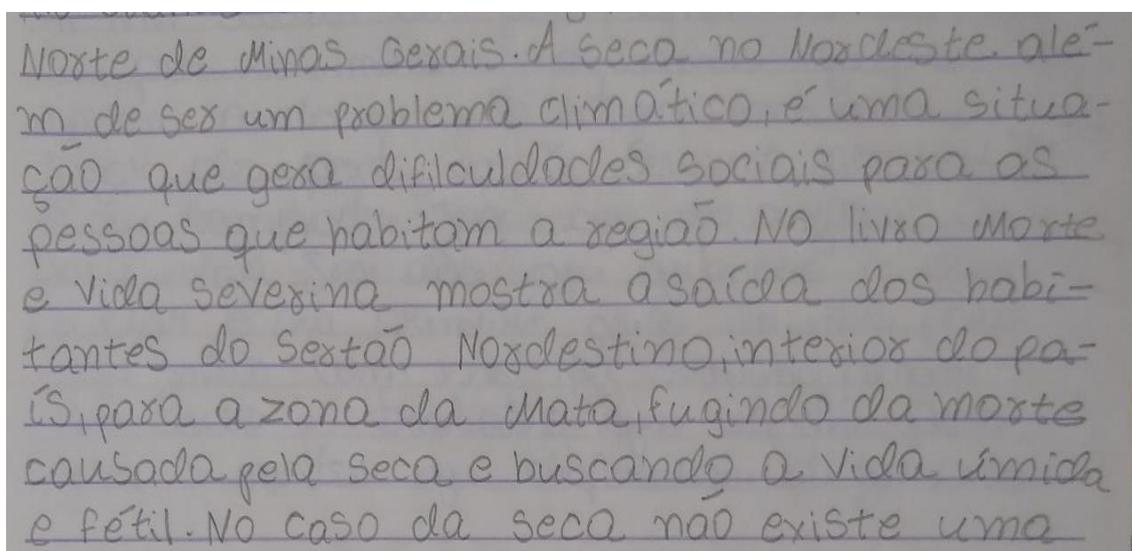
Essas produções foram apresentadas em uma atividade final junto com a turma MF902.

Na próxima etapa retomamos a mediação de leitura inicial. Assim, voltamos para a leitura da obra em livro como iniciamos a pedido dos alunos.

Entre uma leitura e outra, sugerimos que eles produzissem um texto escrito apontando alguma das temáticas sociais que perceberam no poema. Essa atividade foi produzida por eles de forma individual, em casa. Vejamos abaixo alguns trechos dos textos escritos por eles:



Fonte: dados da pesquisa



Fonte: dados da pesquisa

Segundo os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de geografia e estatística) cerca de 57% da população Brasileira vive na miséria, vamos fazer uma comparação com a obra do autor João Cabral de Melo Neto "Morte e Vida Severina" onde o retirante Nordestino "Severino" sai em busca de parentes, porém quando ele vai mais adiante encontra mais miséria do que no seu antigo habitat.

Fonte: dados da pesquisa

Na próxima etapa retomamos a mediação de leitura inicial. Assim, voltamos para a leitura da obra em livro como iniciamos a pedido dos alunos. Ao finalizarmos essa etapa os alunos nos disseram que, quanto à mediação da leitura, foi melhor quando lemos com eles. As nossas intervenções e os questionamentos os ajudaram a entender o texto. Quanto a obra, gostaram do livro, mas disseram que o desenho animado também os ajudou a compreender a trajetória de Severino.

3.2 Oficinas desenvolvidas na MF 902

As oficinas desenvolvidas nessa turma ocorreram da seguinte forma:

Apresentação:

Com essa turma, começamos a apresentação lembrando as atividades de leitura com *Morte Vida Severina* que fizeram no ano anterior e explicamos que faríamos outra abordagem da obra, agora com objetivo de perceber e discutir as temáticas sociais presentes nela e no contexto social deles relacionado a região de Tailândia.

Ainda nessa etapa, como eles não estavam com o texto, fizemos uma breve discussão sobre o título da obra. E encaminhamos a atividade de pesquisa que foi solicitada a outra turma. Dividimos a turma em cinco grupos e direcionamos os temas: o título, resumo da obra, o autor, a seca no Nordeste na década de 40 e 50 e o que é auto com a letra u. A pesquisa não foi feita em sala de aula, pois tínhamos pouco tempo para efetivarmos toda a leitura do texto. Dessa forma organizamos as atividades da seguinte forma:

Aula Introdutória

Tempo: duas aulas

Nessa aula os grupos apresentaram e discutiram com a turma sobre o que encontraram acerca dos temas propostos.

Fotos -Alunos da MF902



Fonte: arquivo pessoal

A primeira equipe apresentou um resumo da obra. Na apresentação os alunos falaram de forma breve sobre o personagem Severino e sua trajetória em busca de vida melhor. O segundo grupo falou sobre o título, *Morte e Vida Severina*. Para eles, o título está relacionado à vida sofrida de Severino que só viu morte durante sua jornada até Recife e também a busca de uma vida melhor.

O terceiro grupo apresentou o autor, João Cabral de Melo Neto. Expôs uma breve biografia e também comentou sobre o poema, resumiu a história do personagem. A quarta equipe nos falou sobre a seca no Nordeste nas décadas de 40 e 50 do século XX, mencionou ter sido uma época muito difícil, pois foi o período da grande seca.

O quinto grupo explicou sobre auto com a letra u, e enfatizou ser uma composição poética. Além desses grupos, dois alunos que não estavam em nenhum grupo pediram para apresentarem na aula seguinte, assim falaram o porquê de o poema ser um auto de natal. Dessa atividade, três alunos da turma não participaram, já os outros demonstraram interesse e fizeram

uma boa apresentação. Aliás, alunos que no ano anterior pouco participaram das atividades de leitura dessa obra mostraram-se mais participativos.

Leitura da obra

Período/tempo: 04, 05, 11, 12 e 13/11/19- duas aulas por dia.

Com o texto em mãos, iniciamos a leitura do poema. A mediação se deu como na outra turma, assim fizemos a leitura da apresentação do personagem e cena seguinte, sempre instigando-os à discussão por meio de questionamentos sobre o que líamos. Eles mantiveram-se atentos, participativos na discussão.

Essa primeira discussão ocorreu em duas aulas. Nas aulas seguintes continuamos a leitura, sempre com a participação dos alunos. Assim, ora líamos ora os alunos liam, sempre em voz alta e discutindo o texto. Em alguns momentos os alunos se colocavam como o personagem Severino. E assim, concluímos a leitura do poema.

Vale lembrar que as discussões foram voltadas para a relação entre as temáticas sociais presentes na obra e a relação com o contexto social dos alunos e da região em que eles vivem. Para isso a ativação de conhecimentos prévios sobre a região foi muito importante para as discussões em sala.

Para essa turma, não exibimos a animação devido à falta de tempo e também porque a maioria já havia assistido nas atividades do ano anterior. O que para eles ajudou muito, conseguiram melhor visualizar a obra e falar sobre ela.

Além das discussões em sala, solicitamos uma produção escrita de um resumo sobre os trechos lidos e comentados pelos grupos durante as aulas anteriores. Nosso objetivo com a solicitação do texto escrito não foi para análise da escrita dos alunos, mas para termos um registro de suas falas, ainda que de forma mais geral, em grupo.

Encaminhamos como atividade final as mesmas produções solicitadas a MF901. A ideia era fazer uma última discussão a partir das apresentações desses trabalhos que mostrariam a visão deles, suas interpretações sobre a obra. Com isso gerariam um debate sobre as temáticas sociais já mencionadas durante as leituras.

A turma, dividida em grupos, produziu: duas histórias em quadrinhos, um teatro, um filme curto interpretando a obra, um vídeo comentando sobre a obra. Outros alunos fizeram apresentações individuais devido à dificuldade em se reunir com os colegas em grupo fora do horário de aula, especialmente o aluno que mora na zona rural.

A última oficina foi a apresentação e discussão das produções de interpretação das duas turmas de 9º ano. Vejamos:

Atividade final: exposição e discussão das produções das turmas

Para a apresentação dos trabalhos produzidos em grupo solicitamos que escolhessem um aluno para falar pelo grupo, visto que não tínhamos tempo para que todos falassem. Mas os deixamos livres para comentarem ou se posicionarem durante a discussão.

Momento inicial da última etapa de leitura da obra



Fonte: arquivo pessoal

Após isso, outra aluna, da MF901, entrou como o personagem Severino e fez uma autoapresentação, buscando despertar o interesse para a discussão que se seguiria.

Aluna apresentando-se, ao público, como Severino.



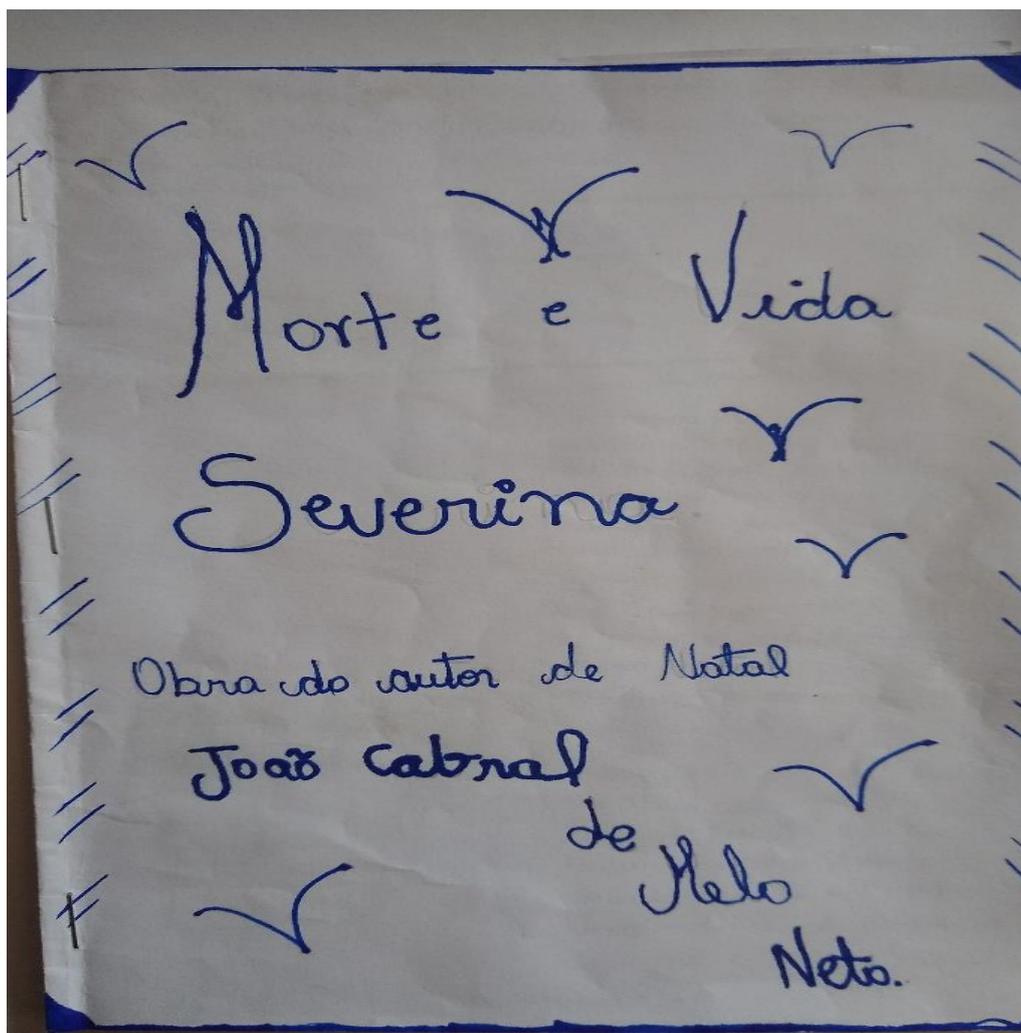
Fonte: arquivo pessoal

alunos das turmas MF 902 e MF901 apresentando as histórias em quadrinhos.



Fonte: arquivo pessoal

Vejam as histórias em quadrinhos produzidas pelos alunos:



O Retirante chega à zona da mata, que o fez pensar, outra vez, em interromper a viagem.

CEMITÉRIO

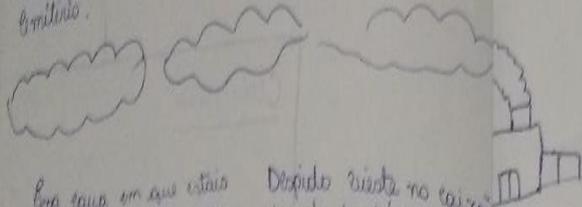
Bem me dizia que terra se faz mais branda e macia, quando mais do literal a viagem se aproxima. Agora cheguei nesta Terra que dizem como ela é uma terra doce, para os pés e para a a vista.

Será fácil amansar esta aqui, tão feminina mas não cuisto ninguém somente folha de cana fina; somente ali a distorção aquele buiro de usina...

Deixo gente daqui jamais envelhece aos trinta nem sabe da morte em vida; vida em morte severina; e Aquela cemitório ali proxima verde escura, de certo pouco funciona e poucas casas Aminha.



Assiste ao enterno de um trabalhador do lito e como ele se sente quando os amigos que o levaram ao trabalho se vão embora. Ele sente muita tristeza e fica pensando em como ele se sente quando os amigos se vão embora.



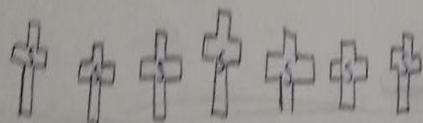
Em casa em que estás
- em paz de medidos ea
toda manha que estás em
vida

Depois viente no trabalho
- depois também se entoa
o chão

Trabalharás numa terra
que também te abriga
e te veste; e depois tem
o homem do mercado.
Será de terra tua
- amanhã começa;
Te veste, como nunca
em vida.

Se abre o chão e te põe
- dando-te apra como
e coberta.

- Se abre o chão e te
envolve como uma
mulher com que se
decebe.



- nunca esperi muita coisa
diap a vossos paranhos
O que me fez sentir não foi
a morte opbio; O que apena
luzquei foi depender min
vida de tal velhos que O
outro de se intear os te
tas....

Sim o melhor é apra
fim desta ladainha o
do resorio de nomeo
que a linha do rio
enfia; e chegar logo e
recebe amanhã

Ave-maria do resorio
amanhã inscração do
ladainha recepo o do
prime e está minha lita
pl. fimo.

Ortônimo aproxima-se de um dos cais do Pariê.

- nunca esperei muitos barcos
 e preciso que eu repita
 Sabia que no noroeste
 de cidade e de vida
 e mesmo aqui no Recife
 ao alcançar minha destino
 não precisa de gente a vida
 de cada dia... é Chegando,
 aprendo que, numa viagem
 que eu fiz, meu próprio
 eu pesquisa... A religião
 e apressar a morte...
 Junto com plaus de
 onhinga e aquele
 acompanhamento de
 água que sempre
 desfila (que o rio
 aqui do Recife,
 não fica vai toda
 vida)

Aproxima-se do retiro o menader de um dos
 rimbos que existem entre o rio e a água do rio

Seu José mestre capina,
 que habita este local

usado me diga no rio
 numa altura da água?

Sabe me dizer se e quada

Essa água grossa e comel?

Deveria retirote jamais cruzi
 o rio a modo, quando a maré
 está cheia seja passar muitos
 barcos barcos.

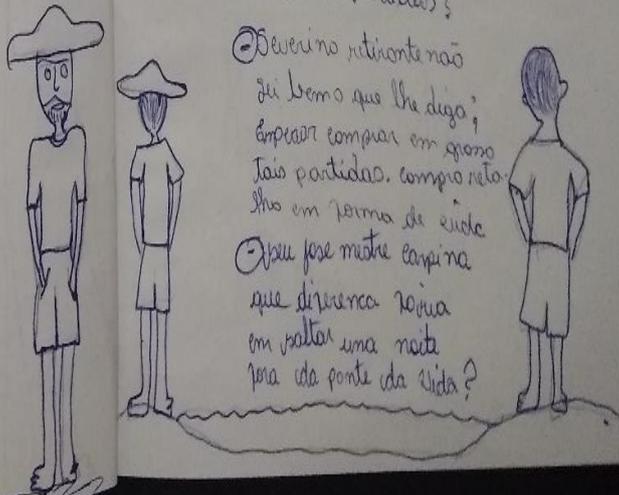
Seu José mestre capina,
 e que interesse faz, me diga

há uma vida a retalho
 que é cada dia adquirida?

Esperar um dia poder comprar
 em grande partidas?

Deveria retirote não
 sei bem que lhe digo;
 esperar comprar em grande
 tais partidas, compro neto
 isto em forma de vida

Seu José mestre capina
 que diferença houve
 em voltar uma noite
 para da ponte da vida?



Professora: Gleicy Santos

Alunas: Cleidione Santos
Camili
Glória Steffany
Jaira Souza
Elém Cristina
Sofia Cristine
Sabrina Reis

Mf: 905 Turno: manhã

Morte e Vida
Severina.

**MORTE
E
VIDA
SEVERINA**

PARAREMOS E SE APROXIMARAMOS
GRASA DO HOMEM VIZINHOS, AMIGOS,
DUAS CIGARRAS, ETC...

- Junto o céu e a terra lá
cantam louros -
Foi por ele que a Mãe
está mais não baixou.
- Foi por ele que a Mãe
fô para o seu motor
a lama ficou do
bato Loma - Chá
de no boca...



COMEÇAM A CHEGAR PESSOAS TRAZENDO
PRESENTES PARA O RECÉM - NASCIDO.



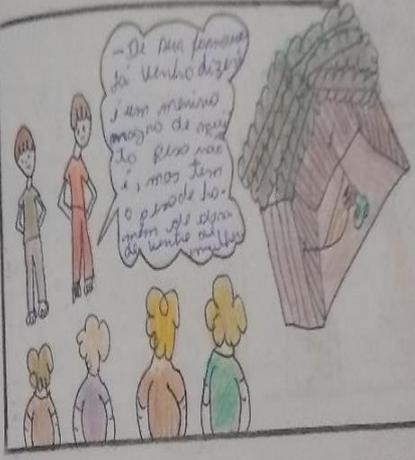
- Minha pobri
za e tal que a
Inago produz ga
de: Inago mo
a mais ca pu
quejo peccio
Por isso sempre
apresento lá a
lama cordia
mas ouço
- Minha po
breza e tal
que não
alguém por
ofertar, nem
o leite que tem
na meu
do amon
com todo
monio de
de leite...

TALAM DADS CIGARAS QUE HAVIAM APARECIDO COM OS VIZINHOS.

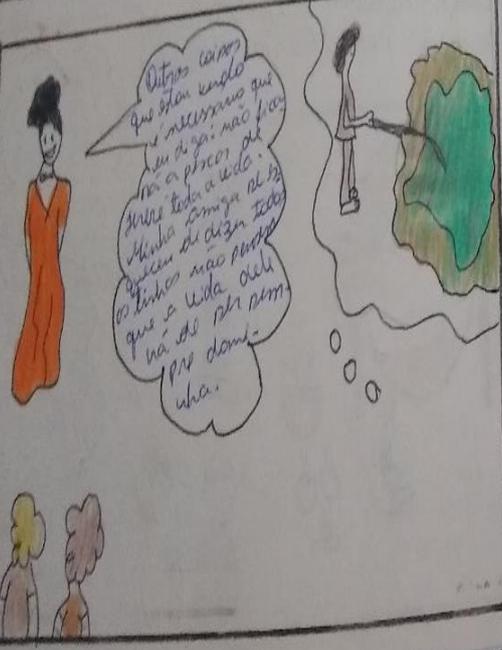


-Alguns peço, outras para esta tarde ditivo. Depois a grupo do by le, lemos a parte pública. Vou dizer. Todos os dias que desde já passo em na vida dos, al menos acordado de nossem; aprendeu a singatador por ai, tem caráter, após deia oca minutos na lona como golemens, e a coner e brisanção os anfíbio corangues, pelo comit para anfíbio como o gta daquismã.

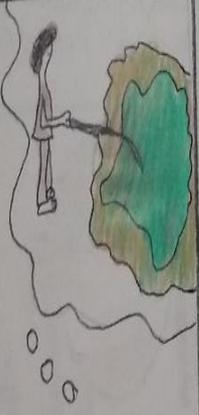
TALAMOS VIZINHOS, AMIGOS, PESSOAS QUE VIENAM COM PRESENTES, ETC...



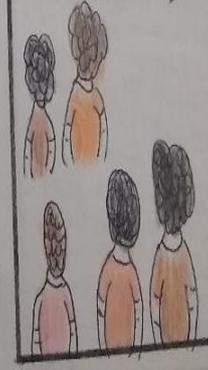
-De sua formosa já venho dizer. É um menino magro de que to riso na i, mas tem o pardo ho. Não se diga não de tanto que...



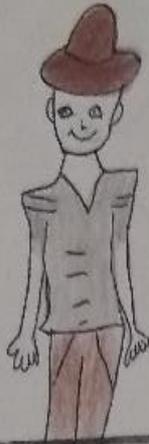
Ditosos cartas que estão sendo e necessário que eu diga: não fico na a pisco, de. Ainda toda a vida. Aqueles de dizer todos os livros não pudes que a vida deli na de por nem pra domi- uha.



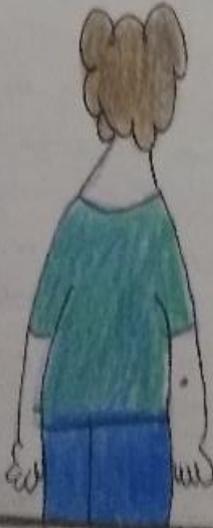
-De sua formosura, deixei-me que digo: é uma criança pálida, é uma criança fran- zina, mas tem marca de homem, marca de humana opiana. - Sua formosura de- pece-me que conte: é um menino quando como todos os deixo mangues, mas a maqui na de homem já tem um elemento.



O CARPINA FALA COM O METIMAN
TE QUE ESTEVE DE FORA, SEM TOMAR
A PARTE DE NADA.

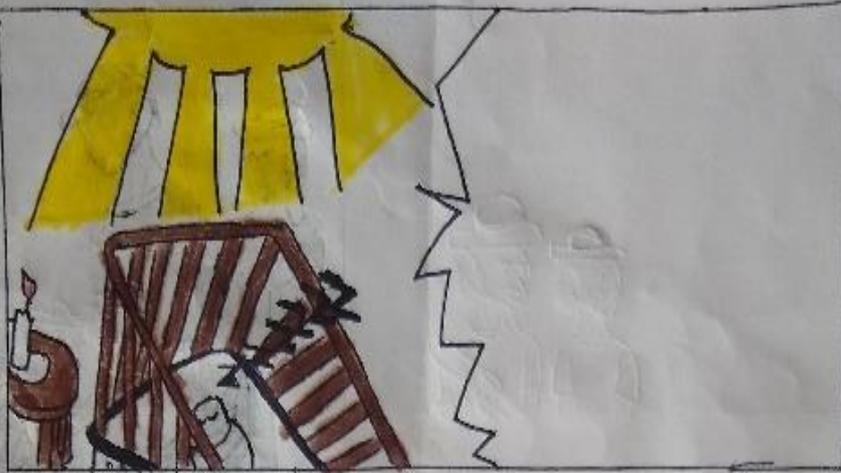


- Sincerino, nel nante,
deixe agora que the diga
eu nao sei bem a respeito
da pergunta que fazia,
nl nao vale mais nanton
pora da poule vida vida,
nem conheço issa respos-
ta se quer mesmo que
the diga e dificil desen-
dir, so com palavras, a
vida e anda quando ela
esta que e...



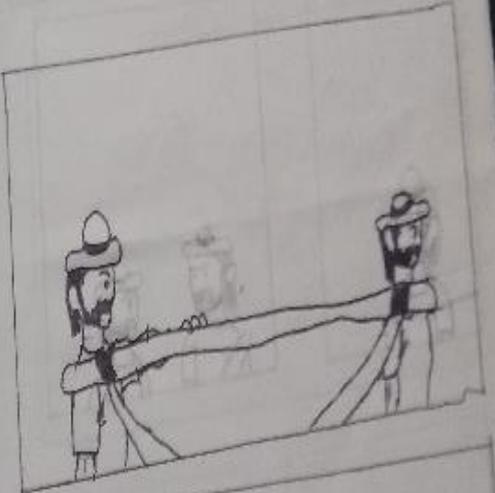
- Sincerino mas
nl respondei nao
fude a pergunta
que fazia, ela, a vida
e respondeu com a
presenca uita.
E nao ha melhor
resposta que o...
ta' tudo da vida: ki-la
despian au fio, que
tambim nl chama
vida, ke a vida
que ela mesma, e
mesomente, se fala
ca ki-la bruto como
no fave em nao
vida e pladista
mesmo quando

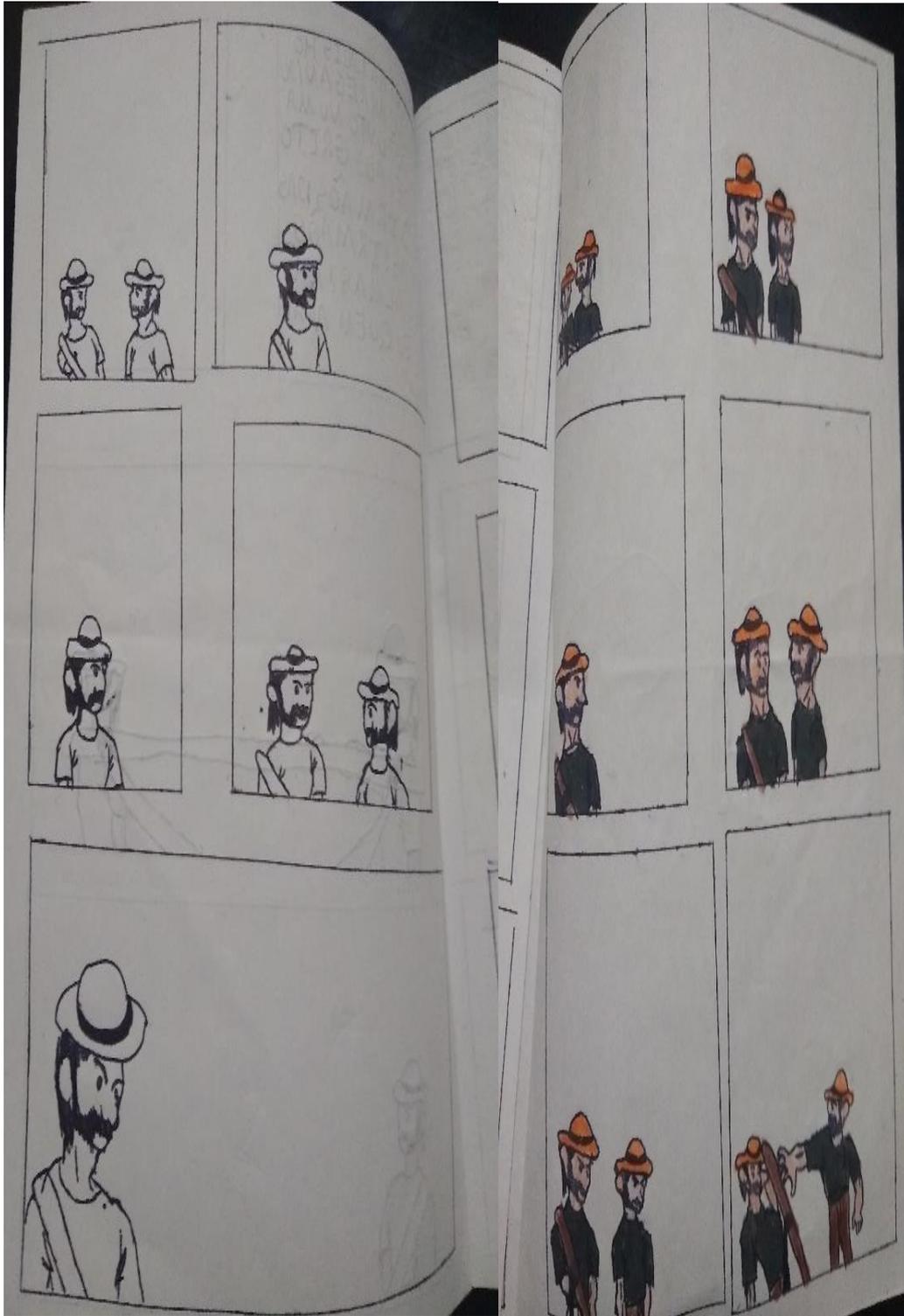
FIM

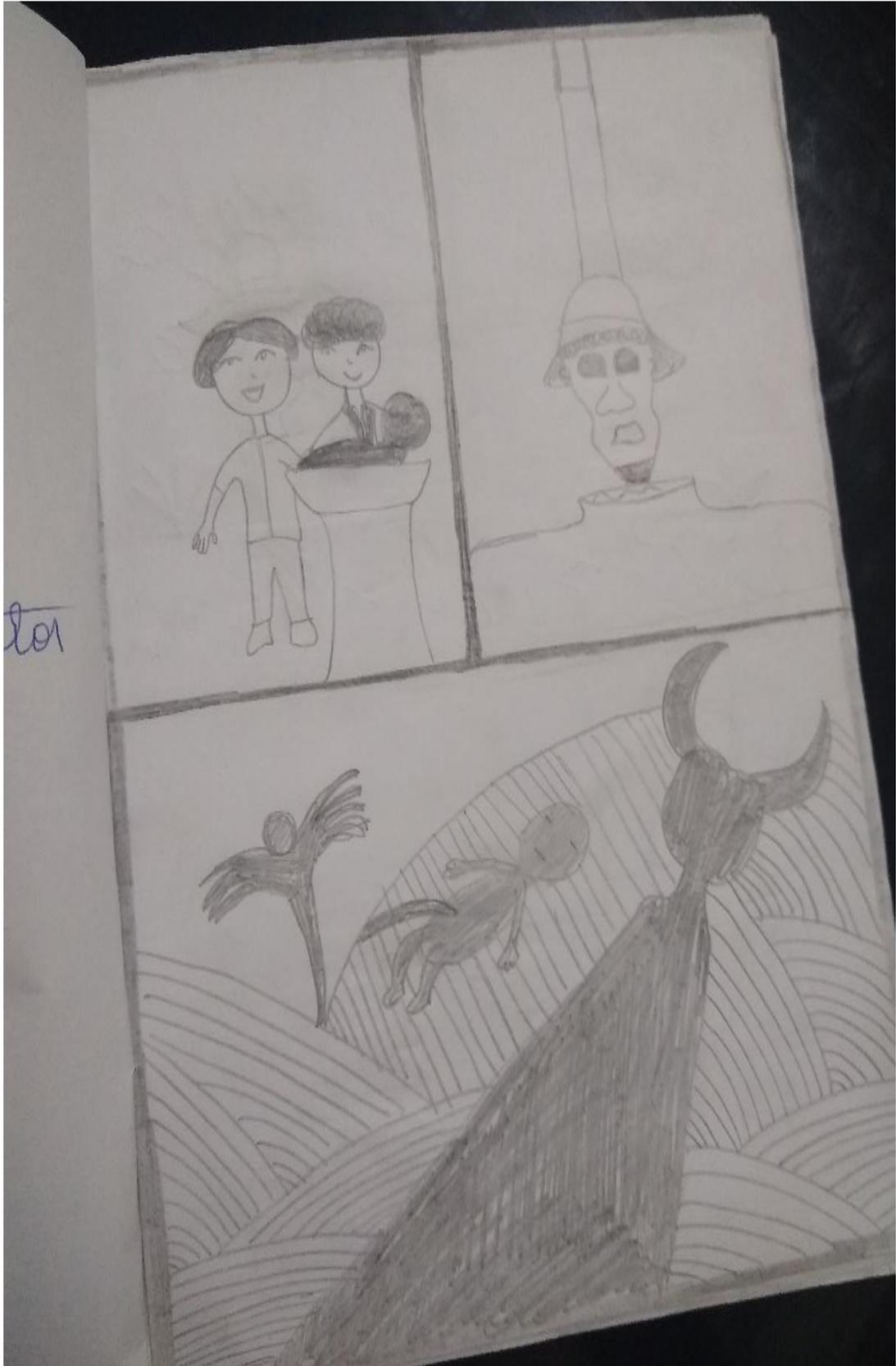




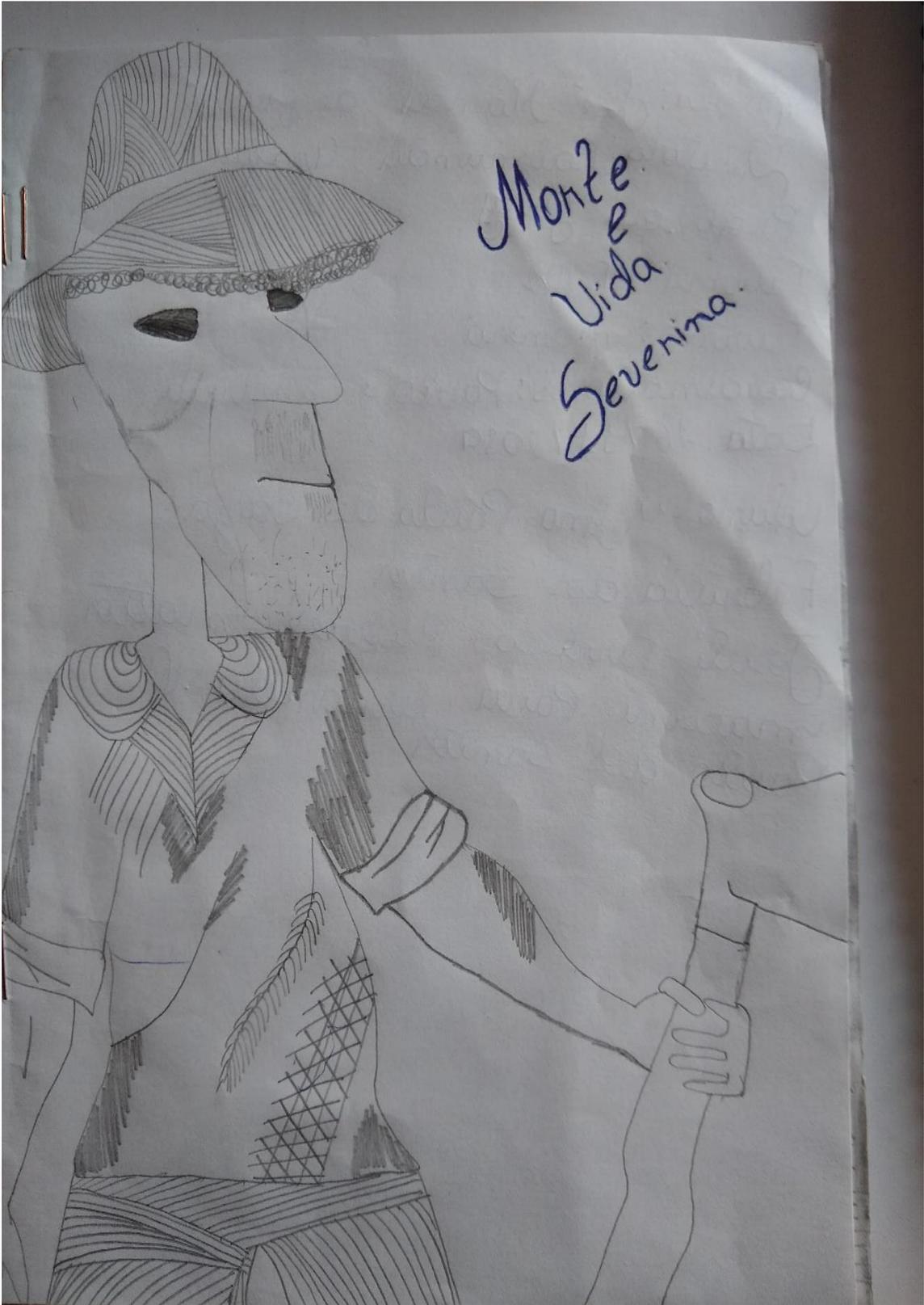
ENCONTRAMOS HO
MENS CARREGANDO
UM DEPUNTO NUMA
REIDE, AOS GRITO
DE "IRMÃOS DAS
ALMAS! IRMÃOS
DAS ALMAS! NÃO
FOI EU QUEM NÃO
NÃO!"

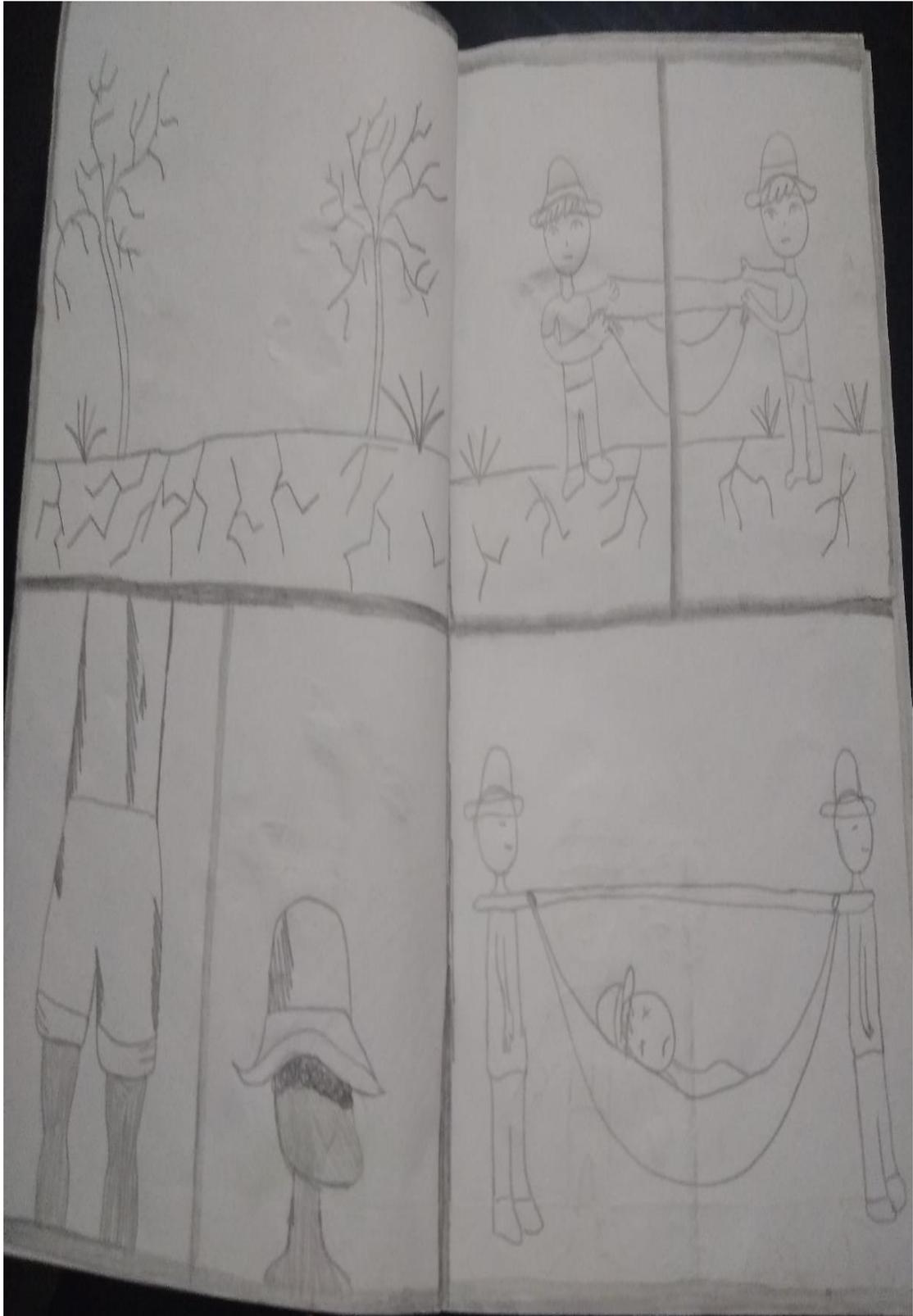


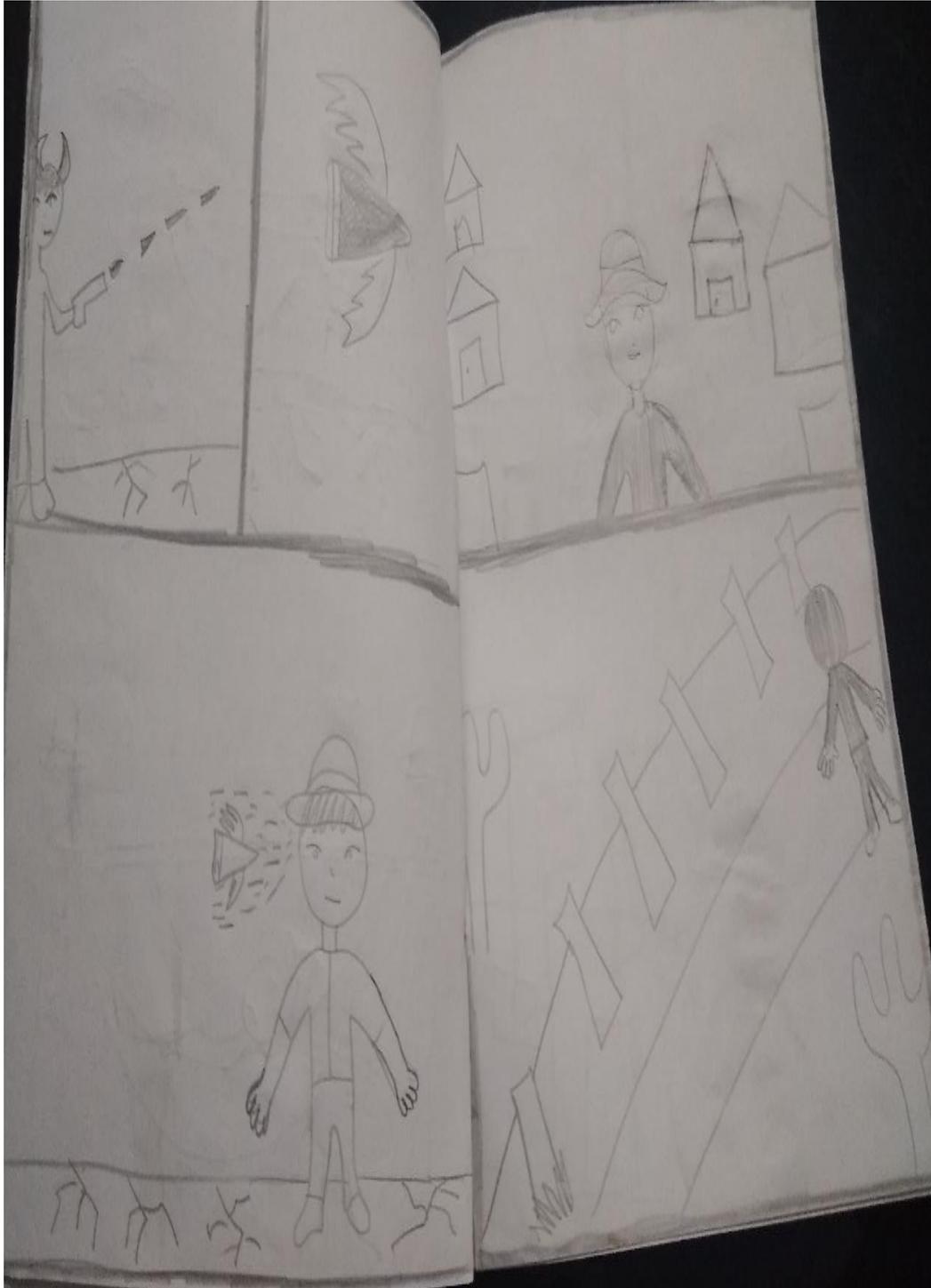


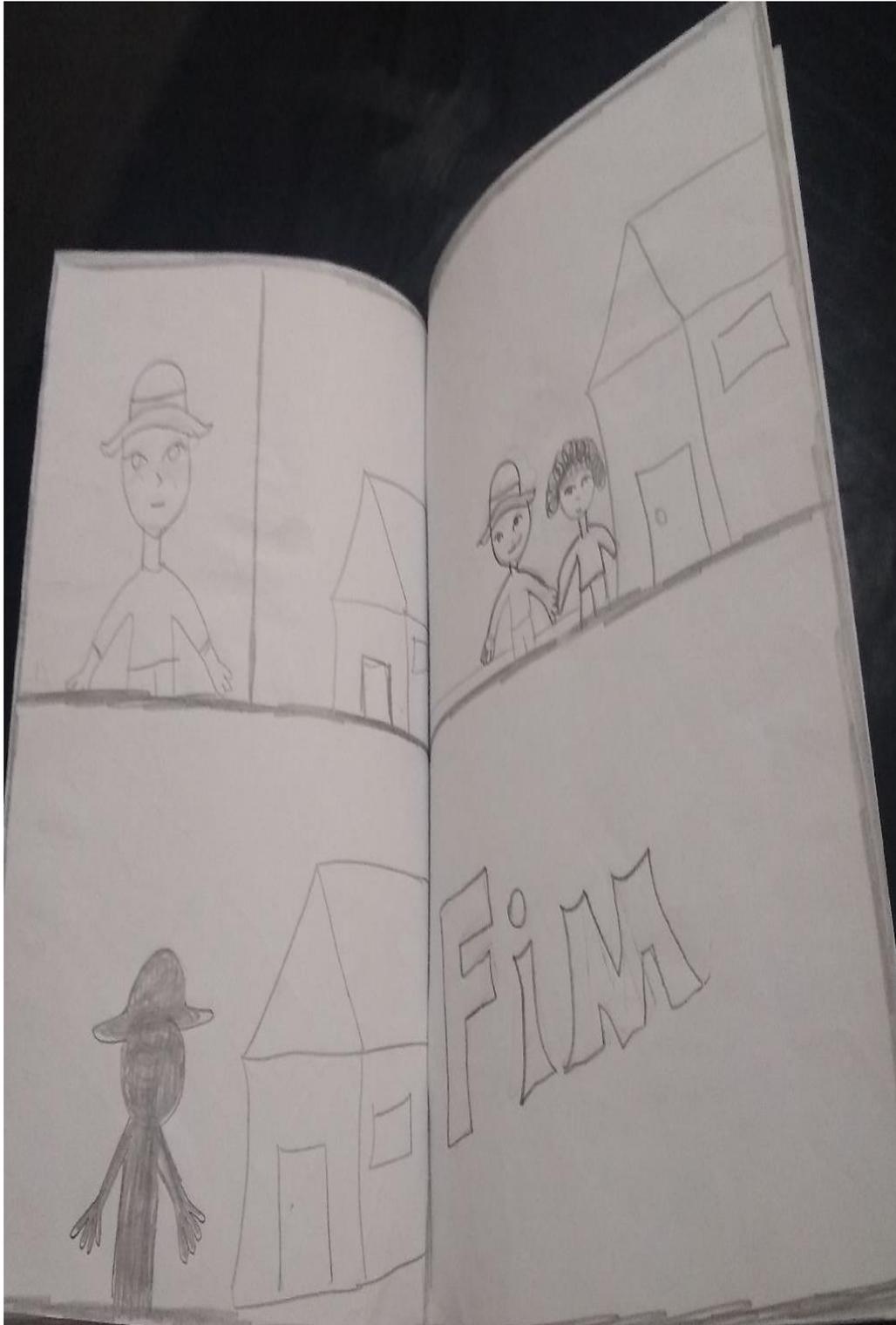


lor

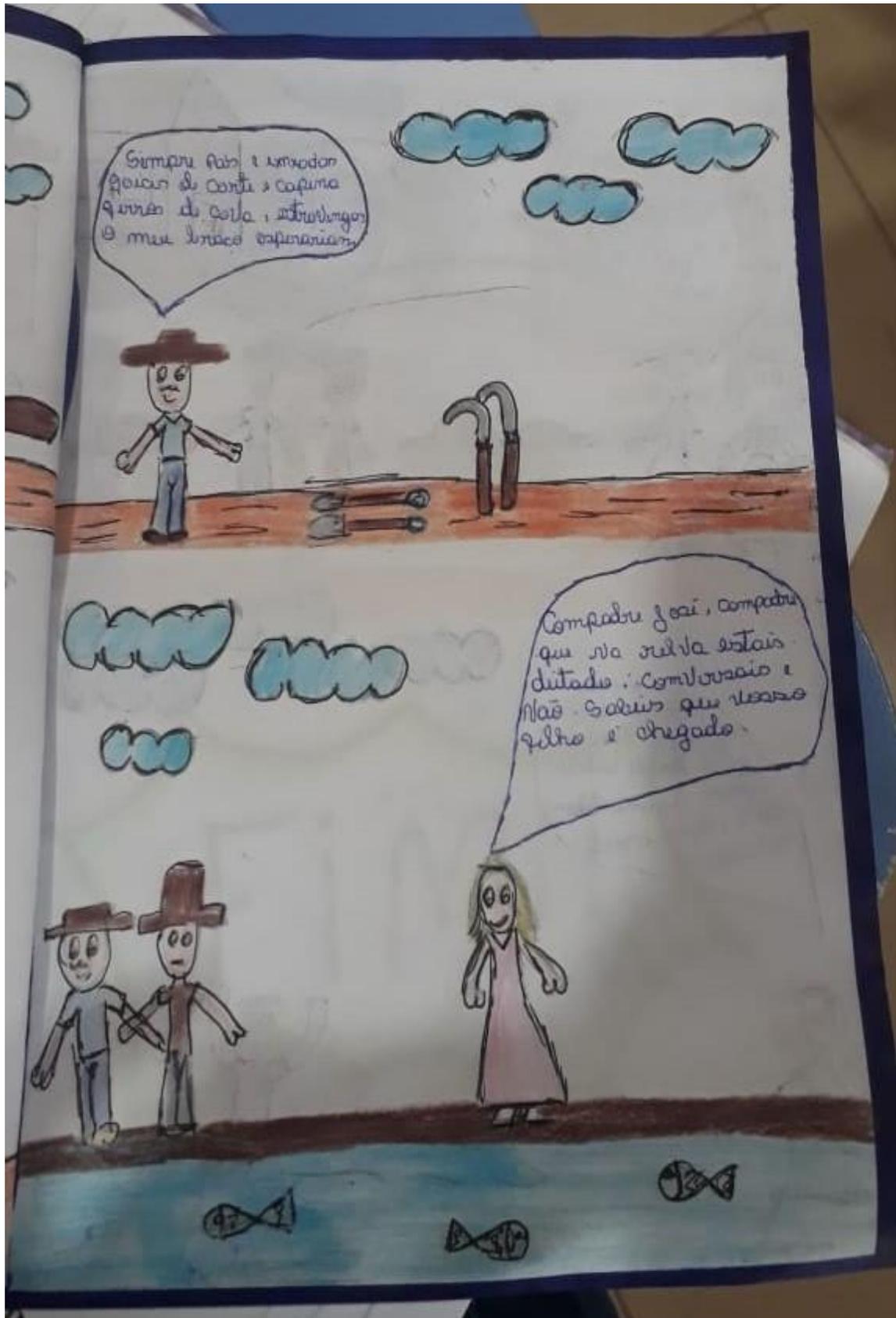


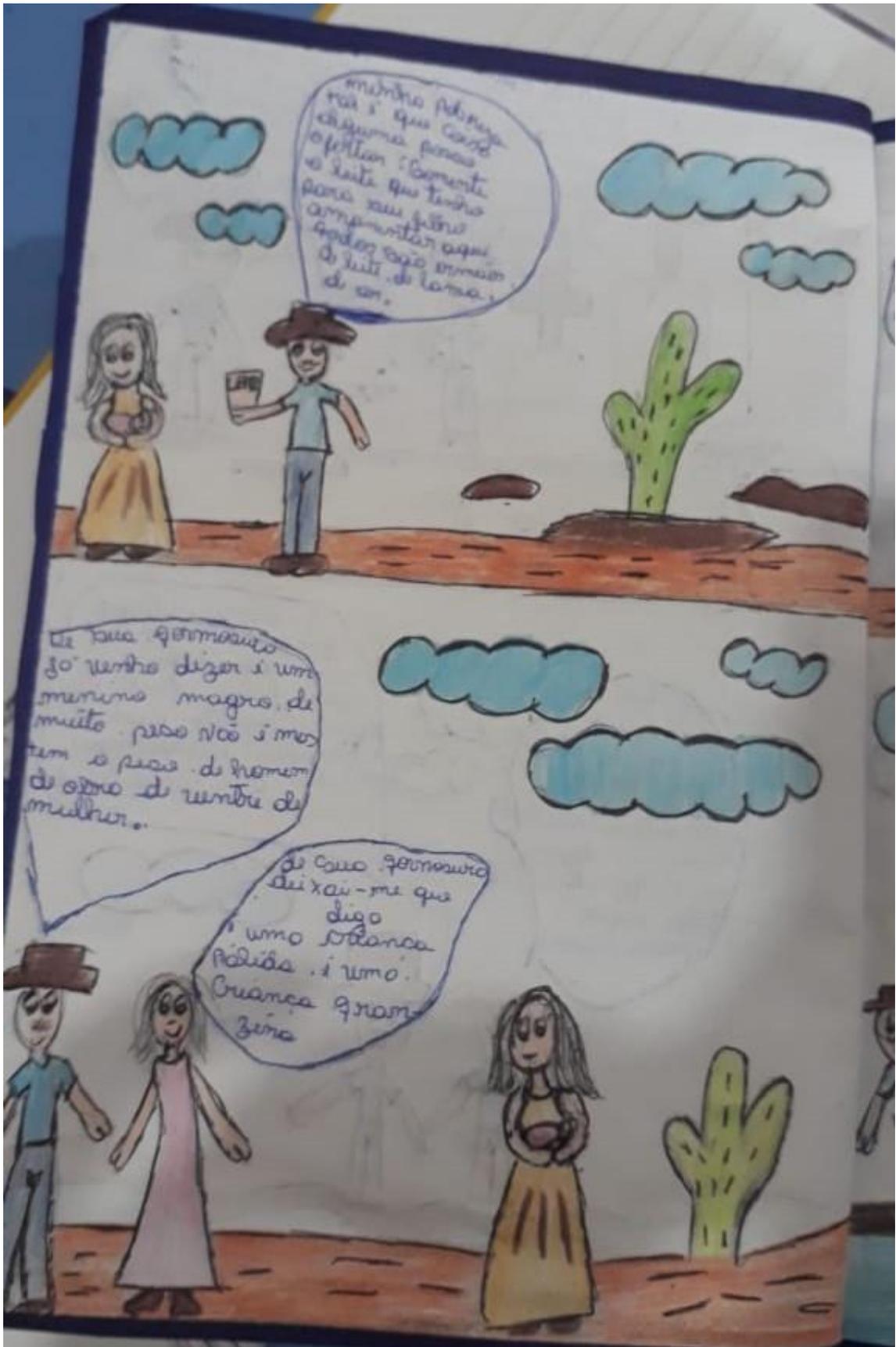


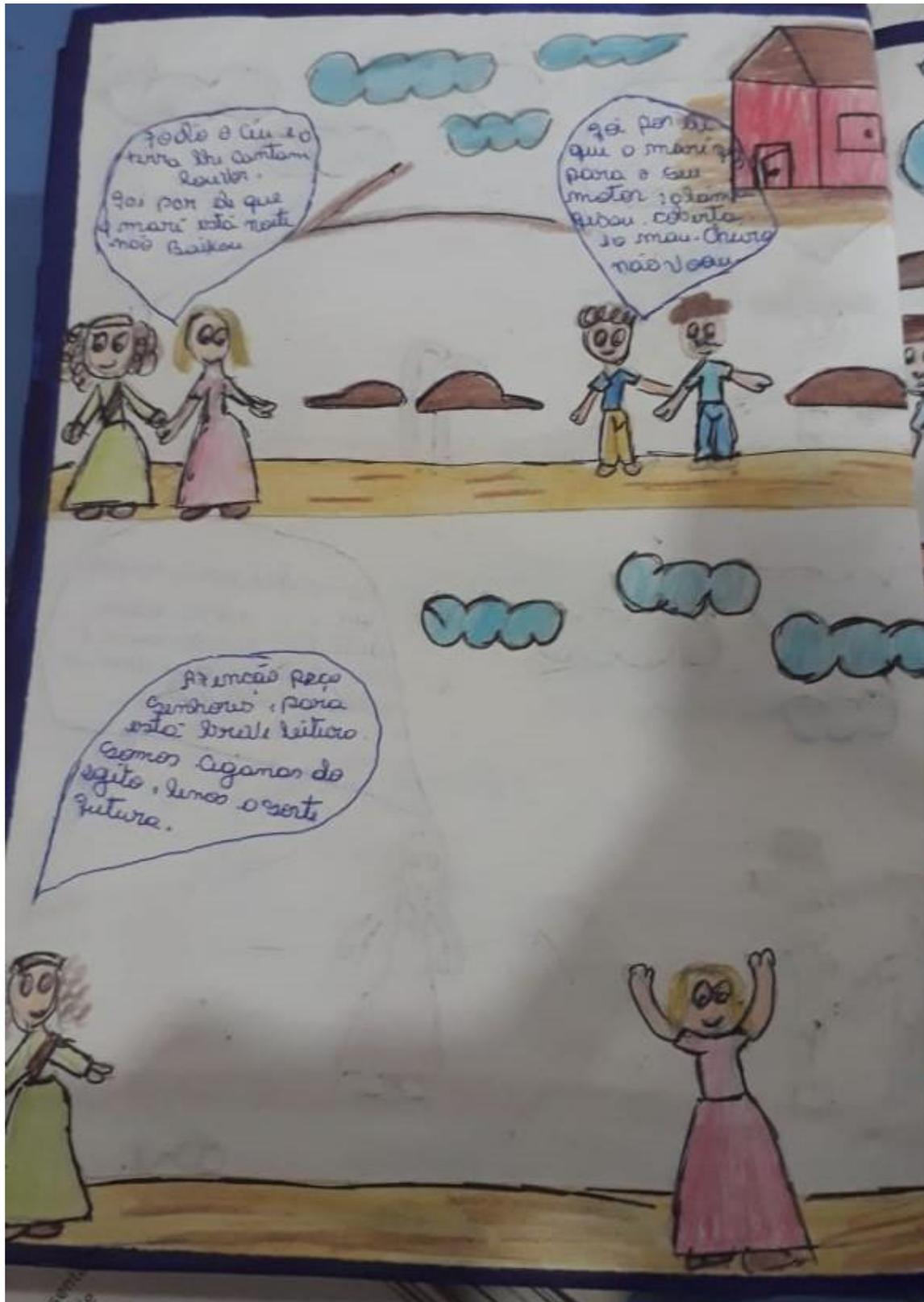




MORFE e
Vida
SEVERINA









Após a exposição das HQs, um grupo da MF902 apresentou um teatro sobre a obra, para isso escolheram algumas cenas para representar e comentar.

Logo depois assistimos aos filmes dos alunos. Os alunos da MF902 produziram três cenas usando as mesmas palavras do poema, já os alunos da MF901 produziram um filme partindo da interpretação que tiveram da obra, assim vestiram os personagens com falas criadas por eles. Os trabalhos ficaram muito interessantes, pois colocaram neles a visão que eles tiveram do texto literário em estudo.

Sobre o filme dos alunos da MF901, o aluno explicou que tentaram mostrar por meio do filme as dificuldades que Severino passou pelo caminho, o que ele vivenciou, tudo aquilo que ele viu. Então eles tentaram mostrar as dificuldades, a pobreza, tudo que mais abala o Nordeste.

Imagens do filme dos alunos¹⁹



Fonte: arquivo pessoal

Para continuarmos a discutir o texto, duas alunas da MF901 encenaram o momento em que Severino conversa com uma mulher na janela:

¹⁹ Disponível em: http://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2413240198803195&id=100003517153941

Alunas da turma MF901: Severino e a rezadeira



Fonte: arquivo pessoal

As alunas chamaram-nos a atenção para o embate entre a vida e a morte através do diálogo entre Severino e a mulher que vive “de a morte ajudar” (MELO NETO, 2016, p.34). Em seguida, o aluno da MF902 apresentou para os presentes a sua experiência de leitura da obra *Morte e Vida Severina*.

Aluno da MF902 em apresentação



Fonte: arquivo pessoal

Seguindo as exposições, alunos da MF901 encenaram o enterro de um trabalhador:

Fotos 44, 45- teatro: enterro de um trabalhador



Fonte: arquivo pessoal

Após a cena, refletiram sobre ela, relacionando ao contexto da região, à violência, às mortes constantes, à falta de emprego e também discutiram sobre quem são os severinos na atualidade. Para finalizar a atividade, alunas apresentaram as partes finais do poema: cena do nascimento da criança, a entrega de presentes e o último diálogo entre Severino e o mestre Carpina.

Fotos 46,47, 48- cena final da obra Morte e Vida Severina



Fonte: arquivo pessoal

Depois da cena, as alunas concluíram a discussão falando sobre a obra ser um auto de natal. E que nesse auto de natal, o autor, João Cabral de Melo Neto, retrata o nascimento de uma criança para nos dizer que ainda há esperança de vida.

Mostraram a morte e a vida, representadas por duas alunas, enfatizando que elas são competitivas. Mas que além disso, a obra diz que mesmo com as dificuldades ainda há esperança de uma vida melhor como havia para Severino, isso ficou claro quando seu José diz no final que ainda há esperança de vida com o nascimento da criança.

Assim encerramos as apresentações e discussões sobre a obra *Morte e vida Severina* com as duas turmas de 9ºano do Ensino Fundamental.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, as turmas foram participativas nas atividades propostas. Conseguiram por meio do texto literário discutir as questões sociais vivenciadas pelo personagem e também relacioná-las às suas vivências e ao contexto histórico social do local onde vivem.

Como professor mediador da leitura dessa obra aprendemos muito. Podemos afirmar que *Morte e Vida Severina* nos possibilitou mudanças, transformações em nosso comportamento enquanto sujeito leitor.

As oficinas desenvolvidas em sala de aula não se tratam de um modelo fechado, elas podem ser reorganizadas conforme os objetivos de leitura, levando em consideração também a turma em que será aplicada. Dessa maneira, cabe ao professor avaliar a melhor maneira de trabalhar com os alunos o texto literário na escola.

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

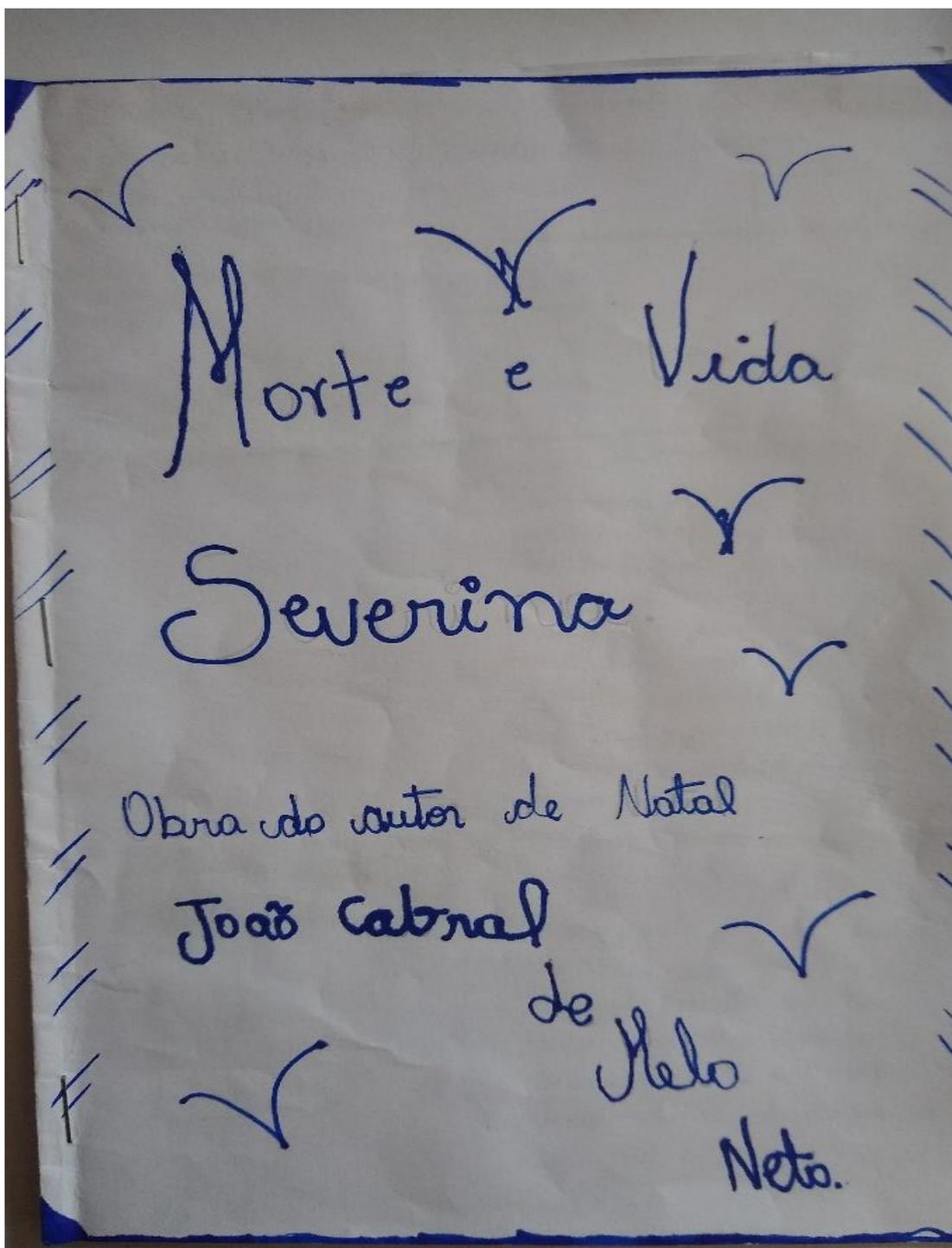
GIROTTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: SOUZA, Renata Junqueira, e tal. **Ler e Compreender**: Estratégias de leitura. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 45-114.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida Severina**: auto de Natal Pernambucano. Rio de Janeiro. Alfaguara, 2016.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina**. Edição em quadrinhos realizada por Miguel Falcão Recife: Fundaj, Editora Massangana, 2009.

ANEXOS- HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Anexo A- História em quadrinho produzida pelas alunas da MF901: Cleidiane, Camili, Glória Steffany, Jaira Sousa, Elem Cristina, Sofia Cristina, Sabrina Reis



O Retirante chega à zona da mata, que o fez
 pensar, outra vez, em interromper a viagem.

CEMITÉRIO

Bem me dizia que terra se faz
 mais branda e macia, quando
 mais do literal a viagem se
 aproxima. agora cheguei nesta
 Terra que dizem como ela é
 uma terra doce, para os pés
 e para a a vista.

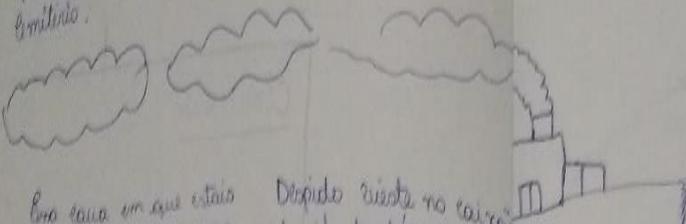
Será fácil amansar esta aqui,
 tão feminina mas não avisto
 ninguém somente folha de cana
 fina; somente ali a distorção
 aquele buiro de urina...

Deixo gente daqui jamais
 envelheci aos trinta num
 vale da morte em vida,
 vida em morte severina; e
 Aquela cemitório ali proxima
 verde escura, deito pouco
 funciona e poucas casas
 Aminha.



Assiste ao enterro de um trabalhador do Lito e aos
que dizem de modo os amigos que o levariam ao
cemitério.

Ativamente resolve apurar os fatos para chegar logo
ao resgate.



Em casa em que estais
- tem palmas de mudadas e a
tela maná que fostes em
vida

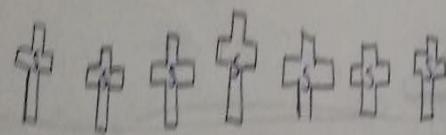
Depido viste no calceão
- depido também se entem
O chão

Trabalharás numa terra
- que também te abriga
e te refugio; trahira com
O larim do modista.

Se abre o chão e te pe
- dando-te sopra como
e esbenta

Será de terra tua
- demandara camisas;
Te vesti, como nunca
em vida.

- se abre o chão e te
envolve como uma
mulher com que se
deirma.



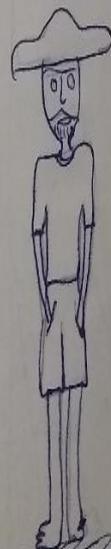
- nunca esperei muita coisa
digo a tempo parhariano
O que me fez atinar não foi
a grande opbio; O que apenas
buzquei foi dependa minha
vida de tal velhos que chega
antes de se intinar os tran-
tas...

Sim o melhor é apurar o
fim desta ladainha o fim
do resumo de nomeo
que a linha do rio
enfia; e chegar logo ao
resgate demandina

Ave-maria do resumo,
demandina invocação da
ladainha Mãe ordo rio
pame e está minha bezym
pl. fimo.

O retiro se aproxima-se de um dos lados do rio.
Parábe.

- nunca esperei muita coisa
e penso que eu repita
Sabia que no México
de cidade e de vida
e mesmo aqui no rio
ao acabar minha vida
não seria diferente a vida
de cada dia... Chegando,
aprendo que, numa viagem
que eu fiz, meu próprio
eu queria... A relação
e a presença a morte...
Junto com flores de
ordem e aquele
acompanhamento de
água que sempre
despila (que o rio
aquí do rio, não
pela sua vida
vida)



aproxima-se do rio e o momento de um dos
momentos que existem entre o rio e a água do rio

Deu José mestre carpinteiro
que habita este local

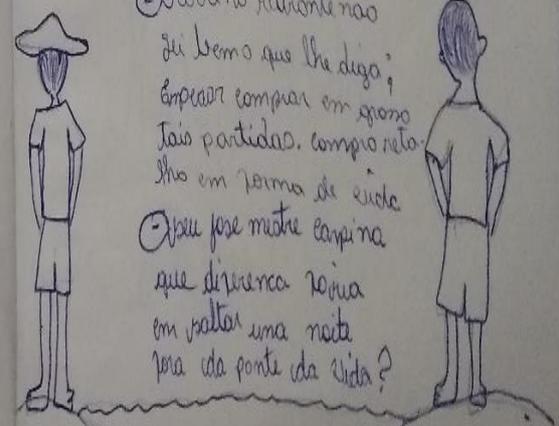
Podem me dizer se o rio
tem alguma altura da água?
Sabem me dizer se e quando
essa água grossa e comil?

Severino retiro se formos cruzar
o rio a nádo, quando a maré
está cheia seja passar muitos
barcos barcos.

Deu José mestre carpinteiro,
e que interesse faz, me diga
há uma vida a retalho
que é cada dia adquirida?
Esperar um dia poder comprar
em grande partidas?

Severino retiro não
se bem que lhe digo,
esperar comprar em grande
tais partidas, compra neto
isto em forma de vida

Deu José mestre carpinteiro
que diferença seria
em voltar uma noite
para ida ponte da vida?



Professora: Gláucia Santos

Alunas: Elidione Santos

Camili

Glória Skaffary

Jaira Souza

Elém Cristina

Sofia Cristine

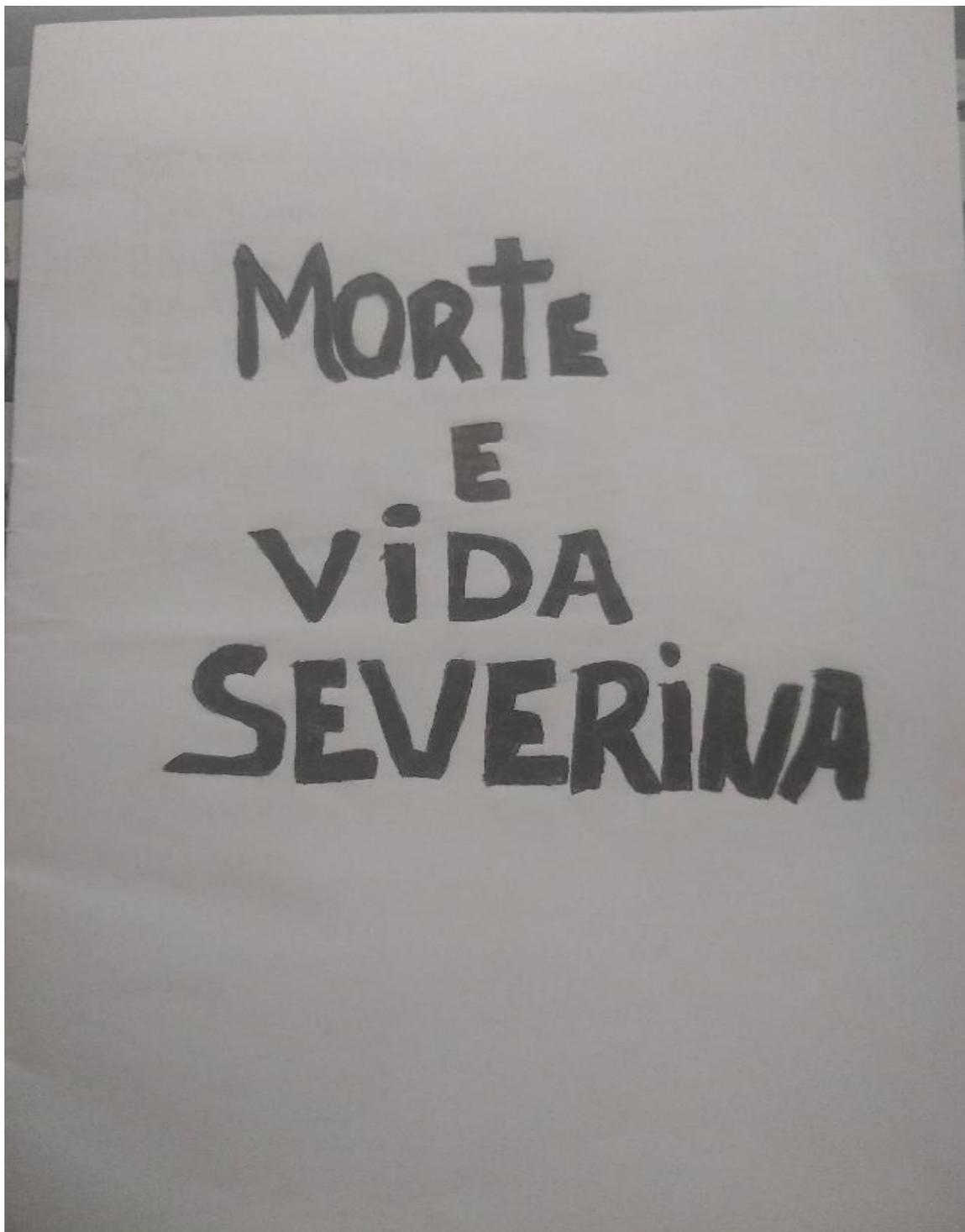
Sabrina Reis

At: 901 Turno: manhã

Morte e Vida

Severina.

Anexo B- História em quadrinho produzida pelos alunos da MF 901: Maria Vitória, Juliana Araújo, Alessandro Silva, Geovana Ferreira, Jheniffer Santana, Witalo Cauan



APARECERÃO E SE APROXIMARAM
DE CASA DO HOMEM USANDO AMIGOS,
DUAS CIGARRAS, ETC...

- Tudo o que a terra lhe
cantam louros -
Foi por ele que a Mãe
está mais abençoada.
- Foi por ele que Mãe
foi para o seu motor
a lama ficou co-
berto com o chá-
de no boca...

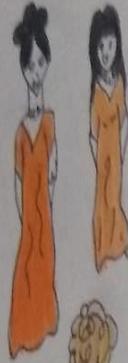


COMEÇAM ACUEGAN PESSOAS TRAZENDO
PRESENTES PARA O RECÉM - NASCIDO.



- Minha pobre
gan e tal que não
trago produto que
de. Trago ma
e mais ca
guzes peccas
por esse mangue
apresentando lã
lama condicio
- Minha po
braga e tal
que não
alguma fora
afetar: reme
o lã que terã
para man
de amon
aquê terã
mojos de lã
de lã

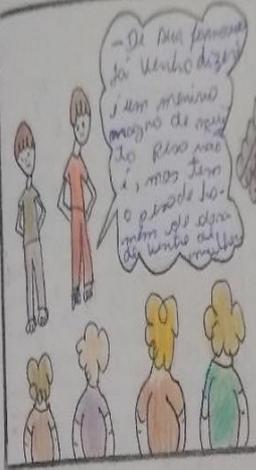
FALAM DAS CIGANAS QUE HAVIAM APARECIDO COM OS VIZINHOS.



- Algumas papai, papai, para esta vida lá fora. Como a zebra no by, se, lemo a parte fub na. Vou dizer, todos os coisas que de do se. Porro em na vida das, al mesmo ventole de mosca; aprendeu a angatador por ai, tem artilho, apia dei a caminhon na lona como galameno, e a coner e braximario os anfibios caranguejos, pelo som, para anfibio como a gata da qu...



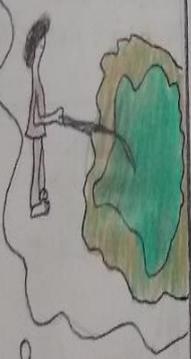
FALAMOS VIZINHOS, AMIGOS, PESSOAS QUE VIEM COM PRESENTES, ETC...



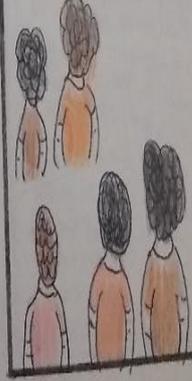
- De sua formosa da venho dizer, e um menino magro de olho do peso na e, mas tem o peso de li- mtem os dpa- mto de luto al de luto...



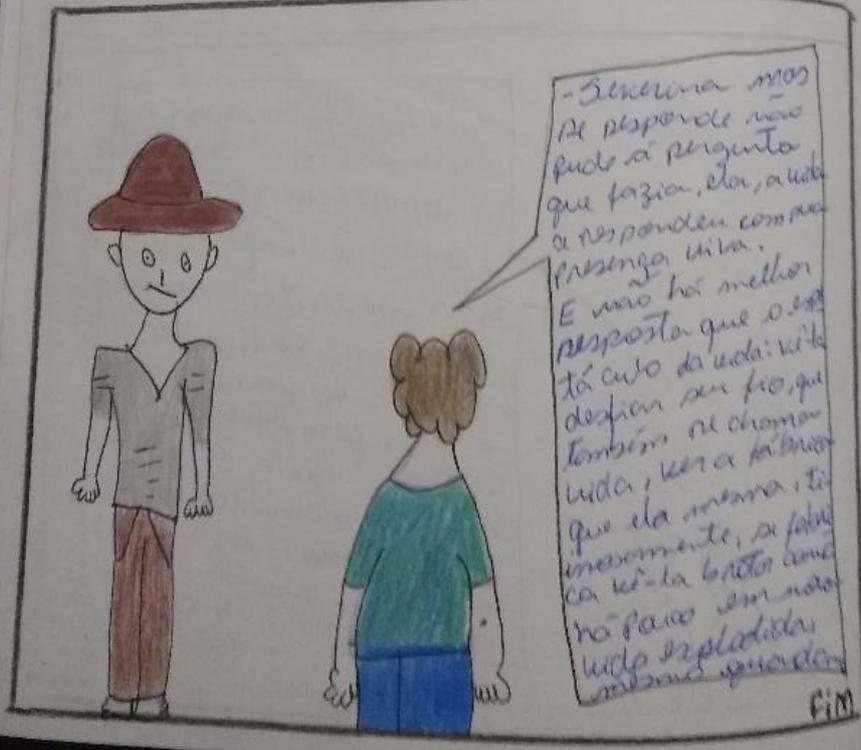
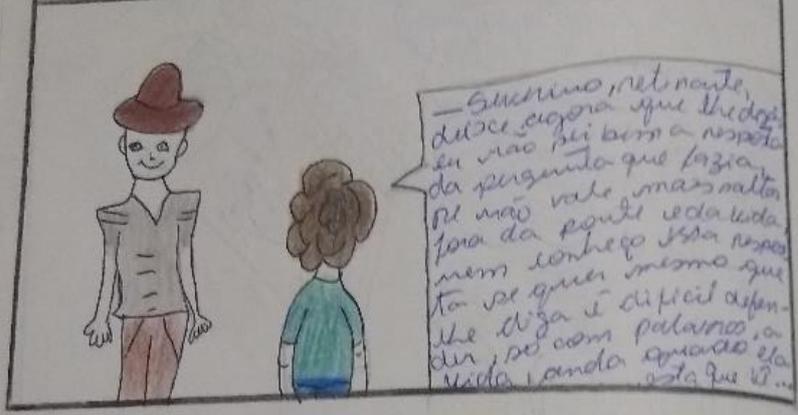
Dizem coisas que estão sendo e necessarias que eu a piscos de na a vida. Vou dizer, todos os coisas que de do se. Porro em na vida das, al mesmo ventole de mosca; aprendeu a angatador por ai, tem artilho, apia dei a caminhon na lona como galameno, e a coner e braximario os anfibios caranguejos, pelo som, para anfibio como a gata da qu...



- De sua formosa, deixei-me que diga, e uma criança fuma- zina, mas tem marca de homem, marca de humana opina. - Sua formosa de- 2004-me que conte: e um menino gordo como Jesus os deixo manques, mas a maqui made homem ja kat uky inerente



O CAMPESINO FALA COM O METEORITO
TE QUE ESTEVE DE FORA, SEM TOMAR
NEM PARTE DE NADA.



Alunos(a)

- 01: m: Vitória
02: Juliana Araújo
03: Roberto Silva
04: Gilvane Ferreira
05: Jheriffen Santana
06: Wilton Cavan

Série: 9º ano

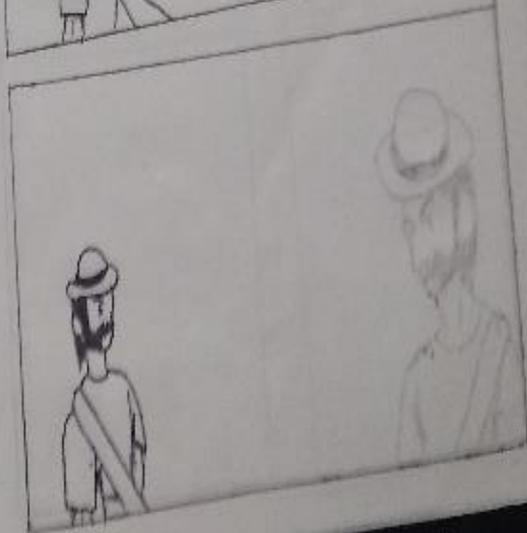
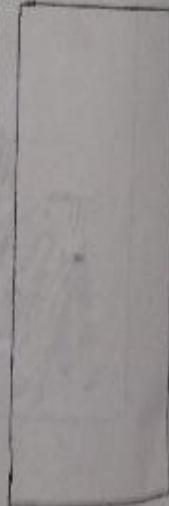
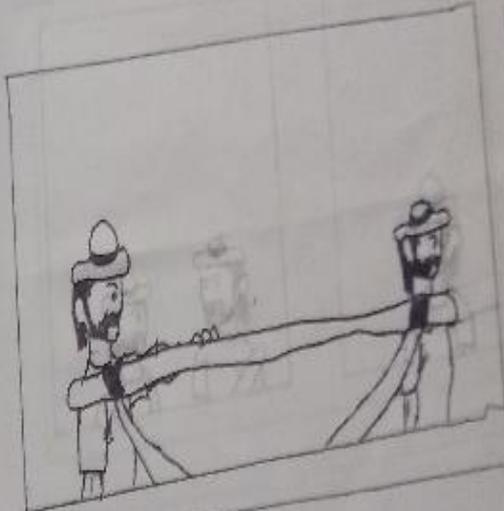
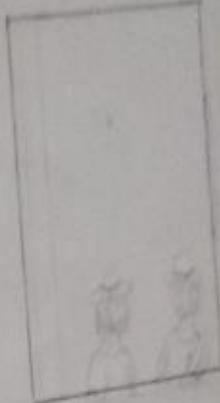
Turma: mº 901

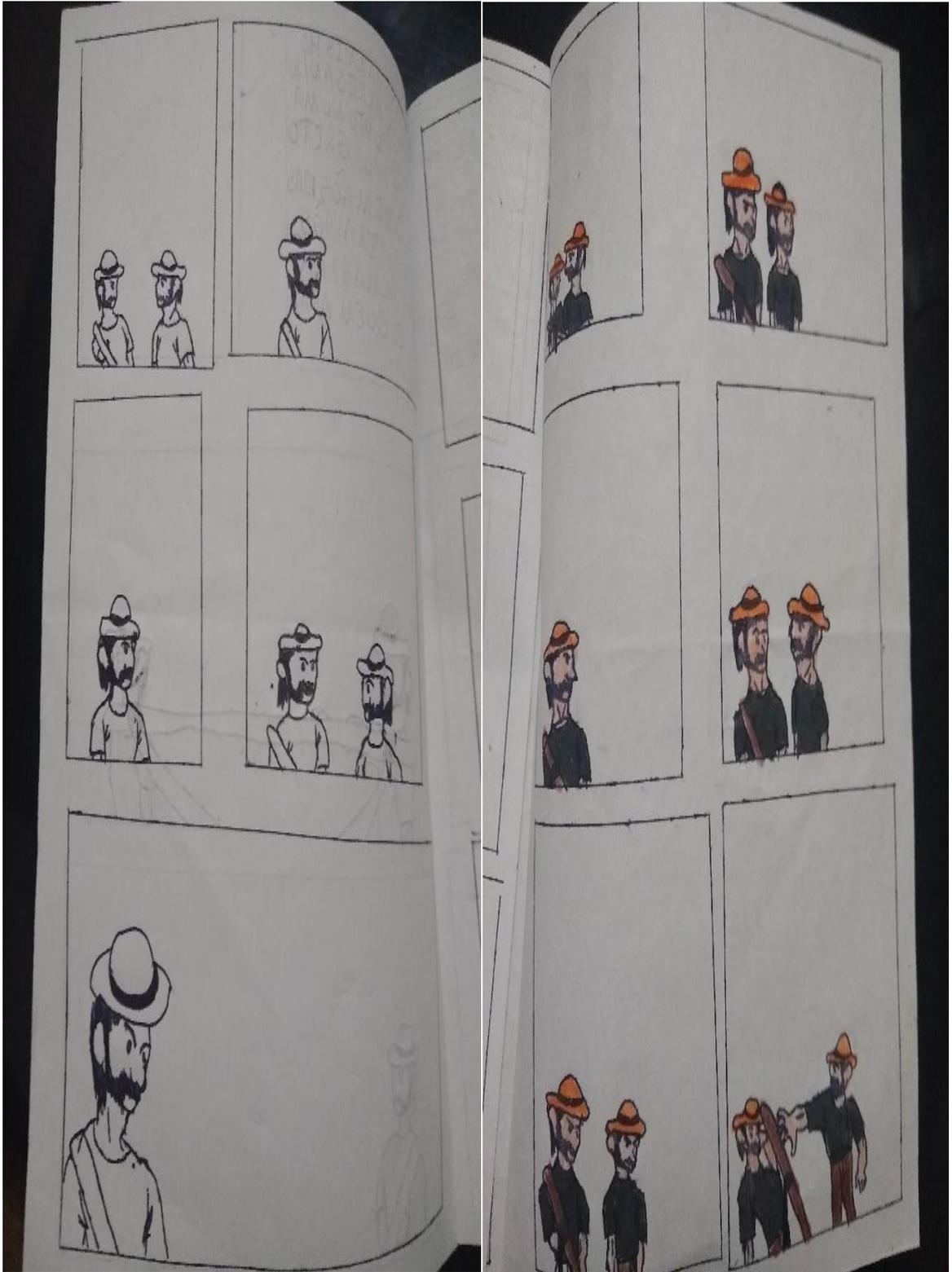
Anexo C- História em quadrinho produzida pelos alunos da MF 901: Ítalo, Luan, Danilo



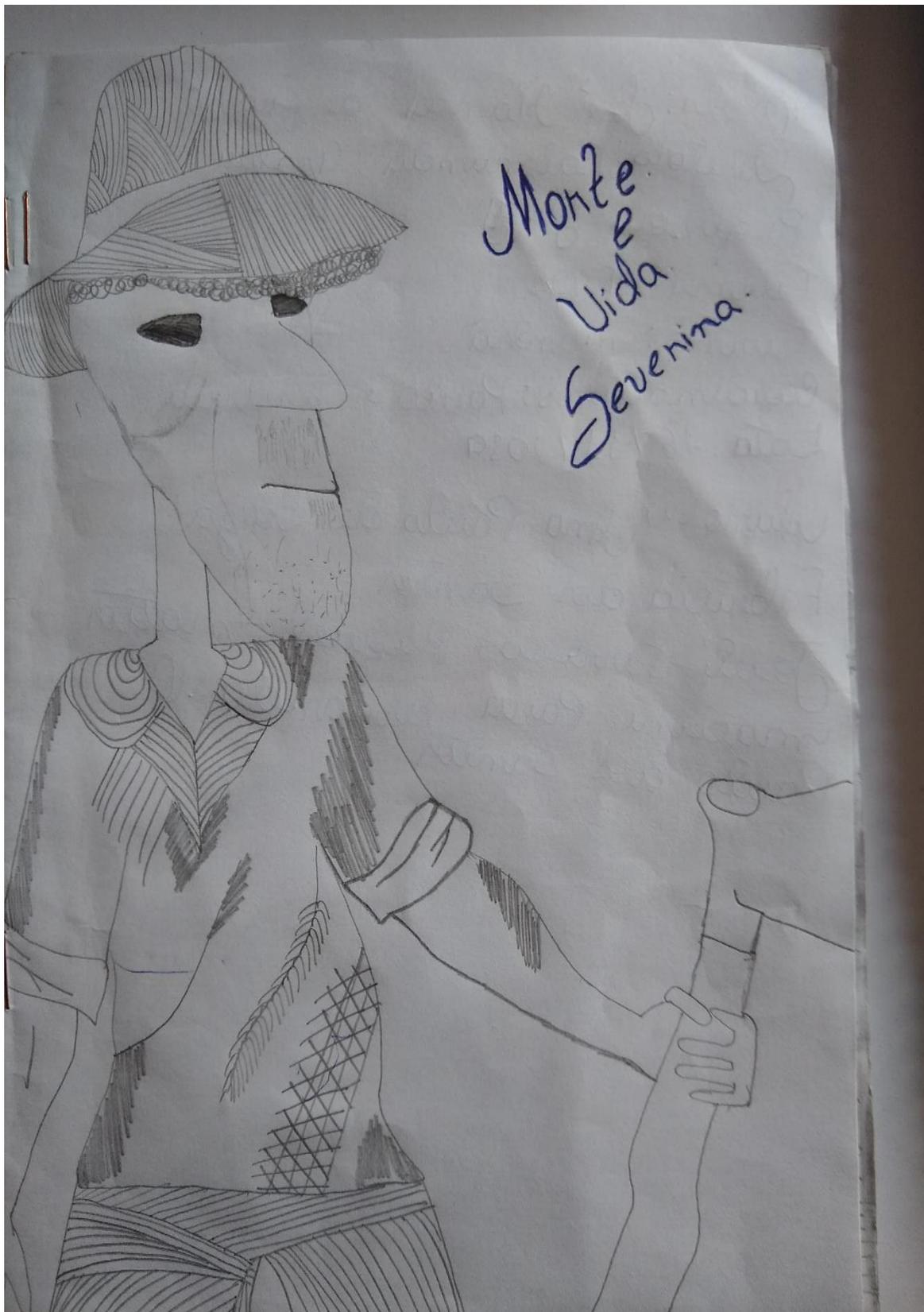


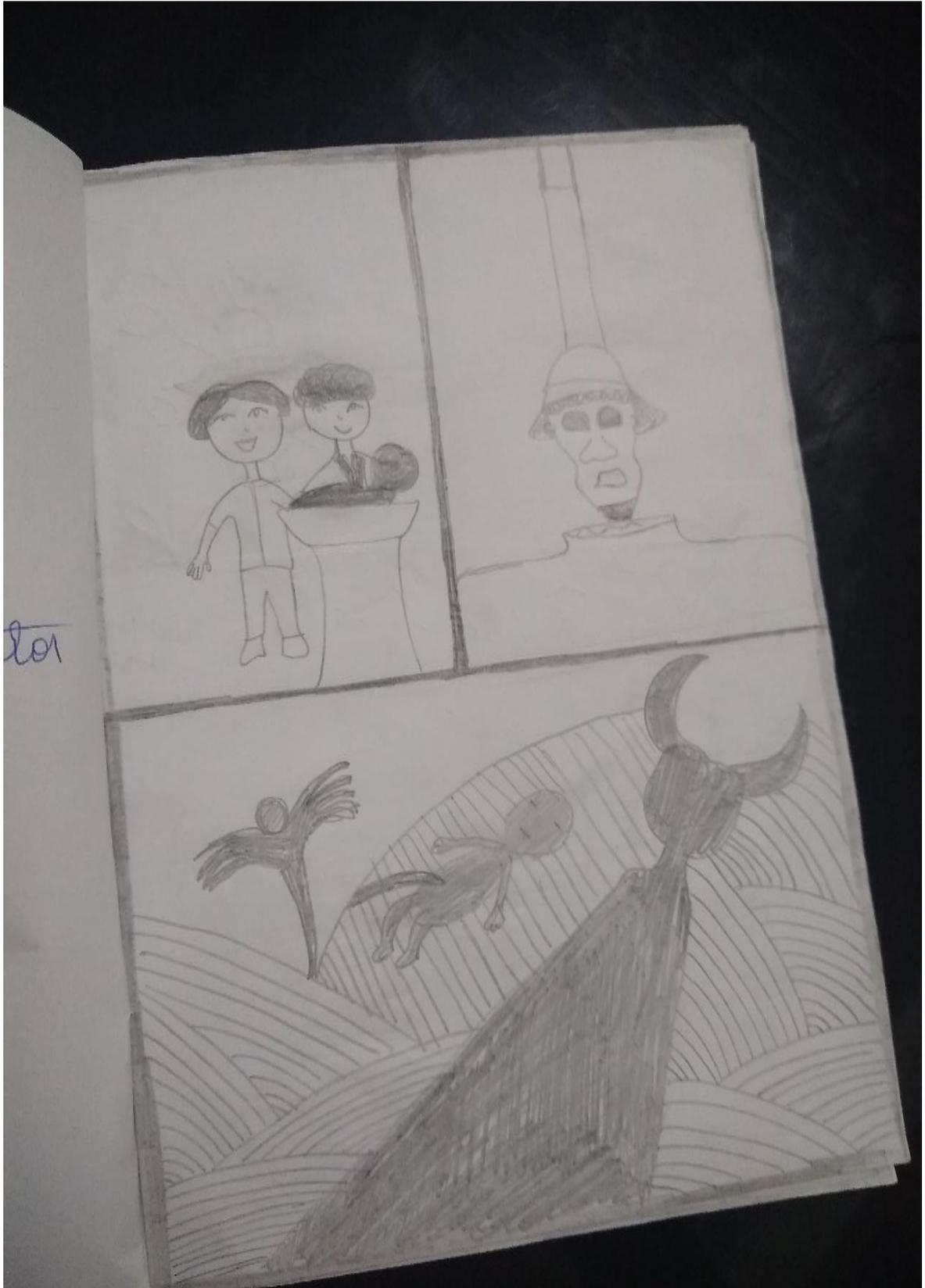
ENCONTRAMOS HO
 MENS CARREGANOS
 UM DE PUNTO NUMA
 REIDE, AOS GRITO
 DE "IRMÃOS DAS
 ALMAS! IRMÃOS
 DAS ALMAS! NÃO
 FUI EU QUEM NÃO
 NÃO!"



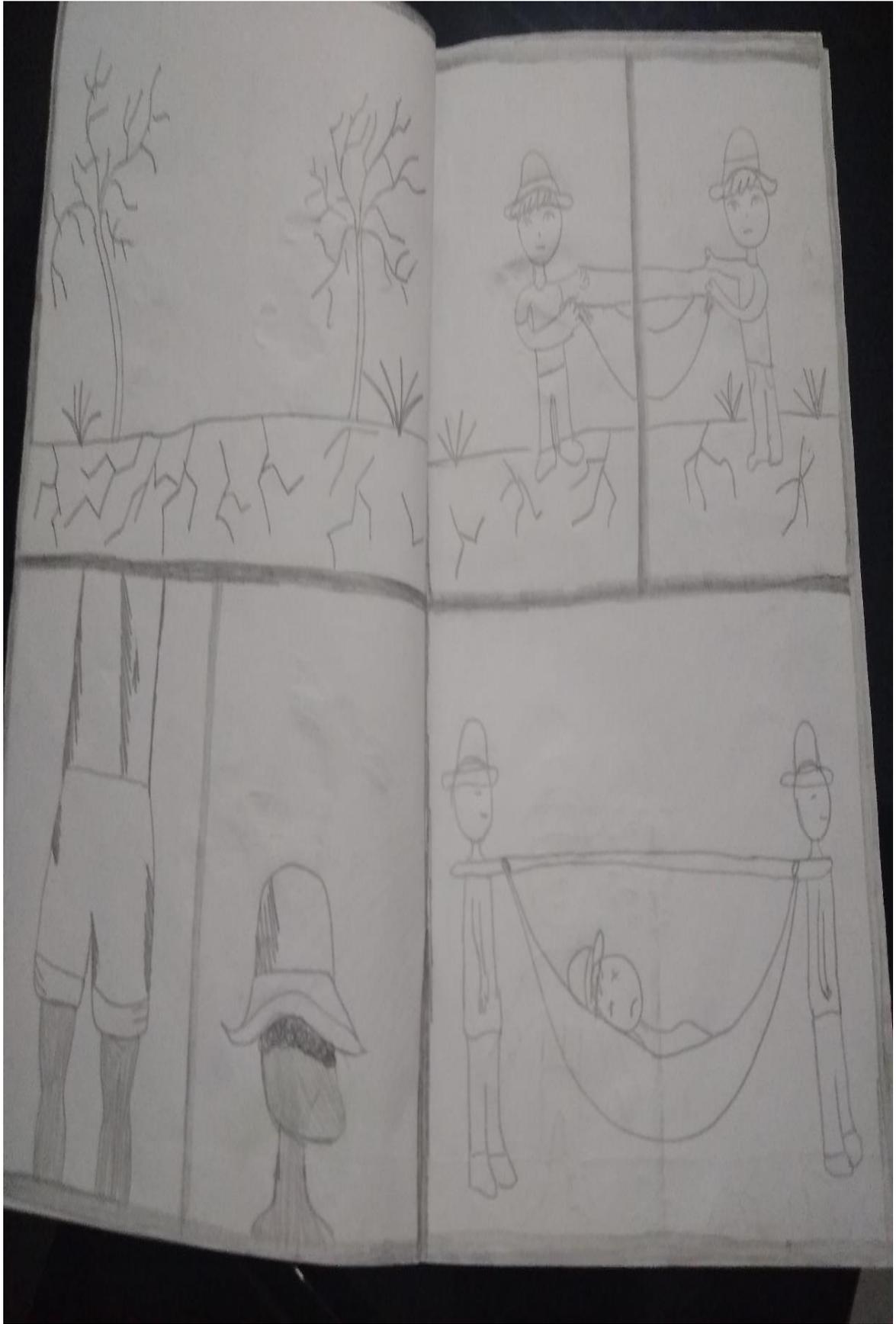


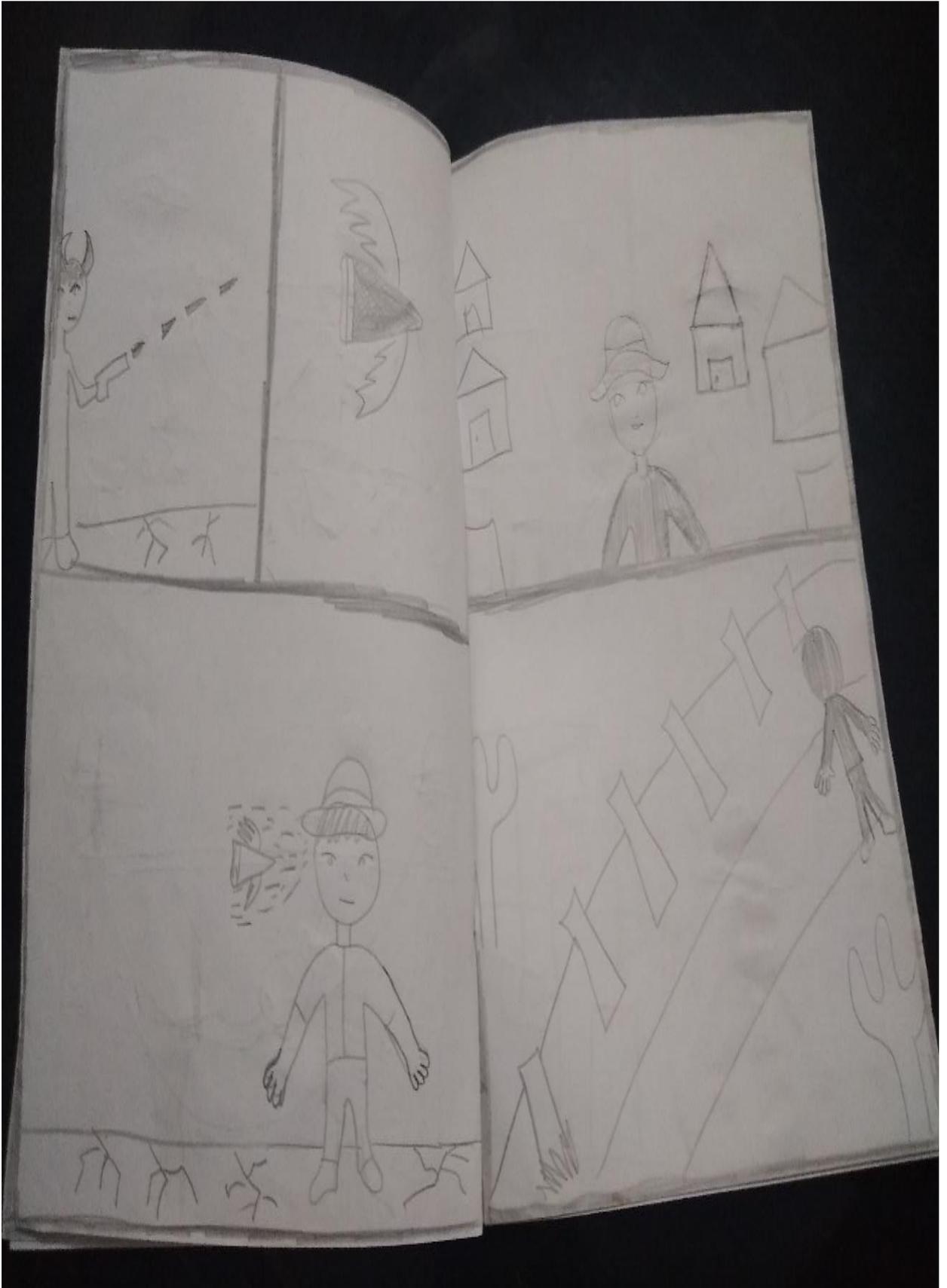
Anexo D- História em quadrinho produzida pelos alunos a MF902: Ana Paula de Souza, Fabrícia dos Santos, Josiele Ferreira, Raquel Mattos, Marciane Paiva, Fernanda Oliveira, Paulo dos Santos.

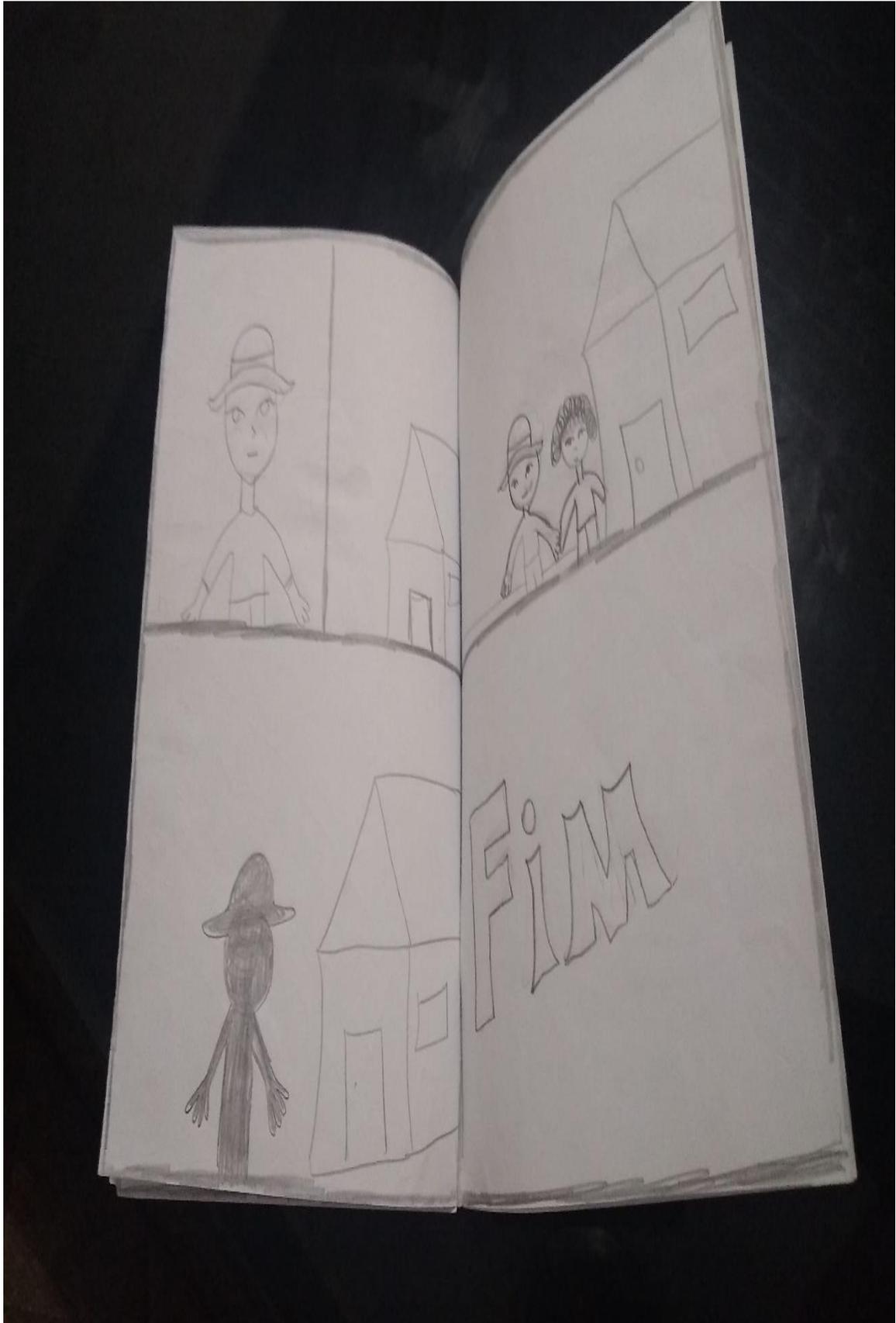




lor







Anexo E- História em quadrinho produzido pelos alunos da MF 902: Mateus, Darlene.

